



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA**

**PERSPECTIVAS DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO SOBRE  
GÊNERO E VIOLÊNCIA: UM ESTUDO FEMINISTA**

**Isadora Oliveira Rocha**

**BRASÍLIA - DF  
2017**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA**

**PERSPECTIVAS DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO SOBRE  
GÊNERO E VIOLÊNCIA: UM ESTUDO FEMINISTA**

**Isadora Oliveira Rocha**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Prof. Gláucia Ribeiro Starling Diniz, Ph.D.

**BRASÍLIA - DF  
2017**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APROVADA PELA SEGUINTE BANCA  
EXAMINADORA:

---

Profa. Gláucia Ribeiro Starling Diniz Ph.D – Presidente  
Universidade de Brasília – UnB

---

Profa. Dra. Miriam Cássia Mendonça Pondaag – Membro Externo  
Instituto de Educação Superior de Brasília - IESB

---

Profa. Dra. Silvia Renata Magalhães Lordello Borba Santos – Membro Interno  
Universidade de Brasília - UnB

---

Dr. Fábio Pereira Angelim – Membro Suplente  
Superior Tribunal de Justiça

Brasília, Agosto de 2017.

*A todas as meninas e mulheres vítimas de violência,  
cujas vozes ainda não foram ouvidas.*

todas nós seguimos em frente quando  
percebemos como são fortes  
e admiráveis as mulheres  
à nossa volta

Rupi Kaur, "*Outros jeitos de usar a boca*"  
São Paulo: Editora Planeta, 2015

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Izaldete, pelos conselhos e por ser meu grande exemplo. Ao meu pai, Ulysses, pelo importante apoio e confiança. Ao meu irmão Murilo, por sempre estar ao meu lado e pela torcida incansável. Obrigada a vocês, família. A presença de vocês durante todo o meu caminho é o que faz com que ele seja leve. Obrigada por ser meu lar. Compartilhar sorrisos com vocês é meu momento favorito de qualquer dia.

Ao meu namorado, Pedro, por acreditar. Acreditar em mim, na minha pesquisa e em nós. Por todas as vezes que você me ajudou a pensar em soluções para problemas – da vida e/ou acadêmicos - obrigada! O seu apoio foi e é essencial. Você também é minha família. Eu não teria conseguido sem você.

À Sinara e ao Silvio, que me acolheram em seu lar e em seus dias. Obrigada por toda ajuda, pelos conselhos e pela segunda casa.

Agradeço à minha orientadora, Gláucia Diniz. Uma pessoa forte, corajosa e de inteligência singular. Seus ensinamentos ficarão comigo para sempre. Obrigada por dividir seus conhecimentos, pela companhia e pelos desafios.

Ao Programa de Psicologia Clínica e Cultura, muito obrigada pela oportunidade em discutir gênero, violência e feminismos. Esses tópicos são comumente negligenciados na Psicologia. Saber que eles possuem espaço para ser discutidos na Universidade de Brasília é revolucionário. Ter vinculado minha história a esta instituição é um orgulho e um prazer.

Às professoras e ao professor que mais tive contato durante o mestrado. Profa. Dra. Eliane Seidl, Profa. Dra. Isabel Tafuri e Prof. Dr. Áderson Costa, obrigada por novos textos, novas perspectivas e novas discussões. Profa. Dra. Sheila Murta e Profa. Dra. Valeska Zanello, obrigada pelas contribuições não só à ciência, mas à vida daquelas/es que estão próximas/os de vocês. Profa. Dra. Sheila, obrigada por toda atenção e generosidade.

Obrigada Giordana e Marília pela parceria, pelos cafés e por toda ajuda. Principalmente, obrigada pela amizade. Vocês foram essenciais.

Ao Lázaro, Carol e Geovana, amigo e amigas que a pós-graduação me ajudou a encontrar. Obrigada pela presença e pelo amor.

A toda turma de Intervenções Psicossociais em Contexto de Violência. A minha primeira experiência na docência foi especial, devido ao comprometimento e à inteligência de vocês. Minha pesquisa tem muito de nossas conversas e discussões.

À banca examinadora que tive o prazer de poder aprender (tanto) em uma única manhã. Obrigada Professoras Dra. Silvia Lordello e Dra. Miriam Pondaag pelos novos

olhares sobre a minha dissertação. Suas considerações foram bem-vindas e fundamentais para eu finalizar esta etapa. Agradeço também ao Dr. Fábio Angelim por ter aceitado o convite de participar da banca. É uma grande alegria poder dizer que três referências na construção de minha pesquisa, fizeram parte da avaliação desta dissertação também.

Obrigada, a todas/os estagiários do Projeto de Extensão Maria da Penha que foram essenciais no processo da coleta de dados no Núcleo de Práticas Jurídicas da Universidade de Brasília. Obrigada em especial à Rayanne, Isadora, Giovani e Lívia.

A todas as participantes da pesquisa, um imenso obrigada pela confiança e disponibilidade. Suas palavras e sentimentos agregaram valor não apenas à minha pesquisa, mas à minha vida e profissão.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	11
ABSTRACT.....	12
APRESENTAÇÃO.....	13
Referências bibliográficas.....	17
<b>ARTIGO 1 – A IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO DO ADOLESCER EM PESQUISAS CIENTÍFICAS: UMA REFLEXÃO CONCEITUAL.....</b>	<b>18</b>
Adolescência ou adolescências.....	19
Afinal, de que adolescência falamos? .....	22
Como e por que a adolescência feminina se difere da masculina?.....	25
Adolescências: identidades, relacionamentos e saúde mental.....	31
Considerações finais.....	40
Referências bibliográficas.....	42
<b>ARTIGO 2 – MÃES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E IMPACTOS EM FILHOS ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>48</b>
Introdução.....	48
Método.....	53
Resultados.....	56
Discussão.....	67
Considerações finais.....	81
Referências bibliográficas.....	83
<b>ARTIGO 3 – HISTÓRIAS DE VIDA E DE VIOLÊNCIAS: PERSPECTIVAS DE FILHAS (E) DE MULHERES-MÃES AGREDIDAS.....</b>	<b>89</b>
Introdução.....	89
Método.....	92
Resultados e discussão.....	96
Considerações finais.....	123
Referências bibliográficas.....	126
<b>ARTIGO 4 – EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DAS MÃES: IMPACTOS EM ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO.....</b>	<b>130</b>
Introdução.....	130
Método.....	133
Resultados e discussão.....	136
Considerações finais.....	156
Referências bibliográficas.....	159
IMPRESSÕES FINAIS.....	163
Referências bibliográficas.....	166
APÊNDICES.....	167

## LISTA DE QUADROS

### **Artigo 2.**

Quadro 1. Grupos dos critérios e definições

Quadro 2. Resultados das Pesquisas

### **Artigo 4.**

Quadro 3. Questionário demográfico

## **LISTA DE APÊNDICES**

- A. Parecer do Comitê de Ética em Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais /CEP-IH
- B. Termo de Assentimento
- C. Termo de Consentimento Livre Esclarecido
- D. Roteiro da entrevista (Adolescentes)
- E. Roteiro da entrevista (Mães das adolescentes)
- F. Questionário Demográfico

Rocha, I. O. (2017). *Perspectivas de adolescentes do sexo feminino sobre gênero e violência: um estudo feminista*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília - UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

## RESUMO

De que modo adolescentes do sexo feminino que presenciam em seu dia-a-dia a violência doméstica sofrida por suas mães compreendem as várias formas de manifestações de violência e são afetadas por elas? Essa questão de pesquisa mobilizou o nosso interesse em realizarmos um estudo qualitativo, pautado em uma perspectiva feminista e de gênero, com adolescentes do sexo feminino que presenciam e são vítimas de violências em seu contexto familiar. A pesquisa contou com a participação de duas adolescentes e suas mães. As mães desempenharam importante função. Suas falas foram essenciais para complementar as informações fornecidas pelas filhas. Elas ofereceram perspectivas do olhar materno sobre as vivências das filhas e a relação com as violências. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais com as participantes. As adolescentes responderam também a um questionário demográfico. Após a coleta, os dados foram transcritos e submetidos à análise de conteúdo. Os resultados da pesquisa foram organizados em três categorias: 1) história de vida e violências; 2) perspectivas das adolescentes sobre gênero, violência e relacionamento; 3) impactos da exposição à violência na vida das adolescentes. A estrutura da dissertação é composta por quatro artigos. Os dois primeiros artigos são teóricos. Os dois últimos artigos são empíricos e apresentam os resultados da pesquisa. Todos os artigos foram desenvolvidos com o objetivo de valorizar as interações entre saúde mental, gênero e violências. Os desafios da vivência em um ambiente familiar marcado pela presença de violências receberam destaque nos quatro artigos que compõem a dissertação de mestrado. É nosso interesse compreender como as violências repercutem nas vidas e na saúde, especialmente na saúde mental, de adolescentes do sexo feminino.

**Palavras-chave:** exposição à violência doméstica; impactos de violências em adolescentes; feminismo; gênero; saúde mental.

Rocha, I. O. (2017). *Perspectives of female adolescents on gender and violence: a feminist study*. Masters Dissertation, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Federal District, Brazil.

### ABSTRACT

In which ways female adolescents that witness violences perpetrated against their mothers in their daily lives understand the various manifestations of violences and are affected by them? This research question mobilized our interest in doing a qualitative study, based on a gender and feminist perspective, with female adolescents that witness and are victims of violences in their family environment. Two adolescents and their mothers participated in the research. The mothers played an important role in the process. Their own testimony was essential to complement the information provided by their daughters. They offered their perspective regarding their daughters experiences in witnessing violences. Data was collected through semistructured interviews with the adolescents. The adolescents also filled out a demographic questionnaire. After data collection, the data was transcribed and submitted to a content analysis. The results were organized in three categories: 1) Life history and violences; 2) Adolescents perspectives on gender, violence and relationship; 3) Impacts of the exposure to violences in the daily lives of the adolescents. The dissertation was written in the format of four articles. Two of them are theoretical and the final two are empirical and present the results of the research. All articles were developed with the purpose of valuing the interactions between mental health, gender and violence(s). The challenges of living in a family environment marked by the presence of violence is highlighted in the four articles that make up the dissertation. Our interest was to understand how violence impacts on the lives and health, especially the mental health, of female adolescents.

**Keywords:** exposure to domestic violence; impacts of violences in adolescents; feminisms; gender; mental health.

## APRESENTAÇÃO

A violência doméstica afeta mais do que a mulher agredida. Em um contexto familiar, este tipo de violência é comumente associado a um agressor do sexo masculino - o pai, padrasto ou companheiro e a uma vítima do sexo feminino: a mãe. A violência doméstica atinge também outros membros da família. A presente pesquisa visou compreender se e como adolescentes do sexo feminino sofrem impactos em sua saúde geral, e em especial em sua saúde mental por presenciarem no seu cotidiano, as mães como vítimas de violência doméstica. Entendemos que as adolescentes, neste contexto, também podem se tornar vítimas das violências.

Os objetivos específicos da pesquisa foram:

- Conhecer a(s) história(s) das violências que perpassam o cotidiano familiar das adolescentes;
- Entender as percepções de adolescentes sobre questões relativas à violência, relacionamento e aos papéis de gênero, ou seja, ao ser homem e ao ser mulher na sociedade;
- Acessar os sentimentos de adolescentes do sexo feminino que lidam com situações violentas entre seus pais/padrasto no casamento, na família;
- Identificar a partir do olhar das mães, a percepção delas sobre como e se as violências influenciam/influenciaram nas vidas de suas filhas;
- Contribuir para a construção de conhecimento na área dos estudos sobre violência, com base em perspectiva feminista e de gênero.

É importante ressaltar o modo que lidamos com as autorias dos trabalhos que utilizamos como referência ao longo da dissertação. A primeira citação da autora ou autor em cada um dos artigos indica o primeiro nome das/os pesquisadoras/es. Este gesto reafirma o lugar da

nossa pesquisa como feminista. Valorizamos desta maneira, a produção de conhecimento de mulheres e homens e concomitantemente desmistificamos a ciência como algo neutro, ou seja, pensada e produzida apenas “no masculino” (Marcela Medeiros, 2010).

Há avanços nas pesquisas nacionais e internacionais, quanto aos estudos e teorias desenvolvidos a partir da temática de violência doméstica e/ou das violências contra as mulheres. Ao realizarmos uma busca na literatura acerca de pesquisas sobre as repercussões das violências em outros membros da família, constatamos que existem poucas pesquisas, principalmente no contexto brasileiro. Esse dado pode ser confirmado através da revisão de literatura que realizamos.

O fenômeno da “violência doméstica” é complexo. Nesse contexto é necessário que sejam adotadas perspectivas analíticas multidisciplinares e relacionais para estudar, compreender e intervir nas situações de violência(s), como Lourdes Bandeira e Ana Liése Thurler (2010) destacam. A presente pesquisa pretende compreender, por meio de uma reflexão crítica, atual e contextualizada, a forma como as vidas de filhas adolescentes são afetadas pelas violências perpetradas contra suas mães.

Nossa pesquisa é pautada em uma perspectiva feminista e de gênero. Entendemos que os feminismos constituem um campo de estudo fundamental para contemplar a visão crítica, atual e contextualizada supracitada. A adoção de tal perspectiva nos permitirá acessar as interseccionalidades e, portanto, as singularidades que perpassam as vidas das mulheres. Os estudos feministas também nos ajudam a dialogar com a categoria “gênero” e com as identidades de gênero, formadas através da construção sociocultural do que consiste “ser mulher” e “ser homem” na atualidade (Gláucia Diniz, 1999).

O debate sobre gênero é importante e atual. Ele visa à desconstrução da dimensão binária em relação a esta feminilidade e masculinidade (Cristina Santos, 2012). Existe ainda, na atualidade, uma ideologia dominante que reforça a divisão social e sexual das

representações e dos papéis que devem ser vivenciados por homens e mulheres (Santos 2012).

A ideia de trabalhar com adolescentes surge de inquietações para conhecer os impactos da violência doméstica sofrida pelas mães em filhas adolescentes. Nosso interesse é desmitificar a ideia de uma adolescência global e sempre problemática que nos é apresentada pela cultura.

É a partir destes elementos principais – violência e adolescência que nossa pesquisa foi construída. Nossa intenção foi conhecer e identificar os impactos da violência doméstica sofrida pelas mães em adolescentes. As participantes de nossa pesquisa foram, portanto, duas adolescentes do sexo feminino e suas mães. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais com cada uma das participantes. Um questionário demográfico foi respondido pelas adolescentes.

A pesquisa foi realizada no Núcleo de Práticas Jurídicas da Universidade de Brasília (NPJ/UnB). O contato com as participantes foi feito através de suas mães, participantes do Projeto de Extensão e Ação Contínua “Maria da Penha – Ação e Proteção”. Trata-se de um projeto interdisciplinar, sob coordenação da Prof<sup>a</sup> Dra. Ela Wiecko Wolkmer de Castilho, do Curso de Direito, e da Prof<sup>a</sup> Gláucia Ribeiro Starling Diniz, Ph.D, do Curso de Psicologia, ambas docentes da Universidade de Brasília.

Quatro artigos compõem a dissertação. Em todos os artigos, nossa intenção foi apontar as interações entre gênero, presença de violência na família e saúde mental. O primeiro artigo apresenta uma introdução ao modo como concebemos a adolescência em nossa pesquisa. Discutimos a necessidade de compreender a adolescência através de suas singularidades e nos opomos à uma visão generalista do adolescer. Ressaltamos, neste artigo, a importância de considerar “de qual adolescente” falamos, em qualquer pesquisa. Utilizamos este artigo para delimitar as interseccionalidades que perpassam as vidas das participantes adolescentes de nossa própria pesquisa: sua inserção no sistema sexo-gênero, características do núcleo

familiar e da condição socioeconômica.

O segundo artigo é uma revisão bibliográfica sistemática, do tipo integrativa, sobre a temática desta dissertação. Buscamos por artigos empíricos brasileiros e na língua inglesa, que relatassem impactos na vida de pessoas que presenciaram as mães como vítimas de violência doméstica, durante o período da adolescência.

Foram acessados vinte estudos que atenderam aos critérios de inclusão e exclusão. Apenas um artigo apontou que adolescentes não sofrem impactos em contextos de violência contra suas mães. A partir da análise dos dados das outras dezenove pesquisas, dividimos os resultados em seis categorias. As categorias foram compostas por elementos em comum, indicados nas pesquisas.

Os impactos em adolescentes acessados através dos dezenove estudos eram relativos ao: Relacionamento Afetivo/Amoroso; Impacto Econômico; Funcionamento Psicossocial; Meio Acadêmico; Integridade Física e Relacionamento Familiar. Houve, portanto, uma variedade de repercussões da exposição à violência doméstica sofrida pelas mães, na vida e na saúde de adolescentes. É importante ressaltar que em alguns casos, os impactos eram apontados ainda durante os primeiros anos da fase adulta de participantes das pesquisas. A revisão de literatura demonstrou a complexidade da exposição à violência.

Os dois últimos artigos consistem na pesquisa empírica da dissertação de mestrado. Cada artigo é composto por dois estudos de caso, uma vez que as participantes de nossa pesquisa foram duas adolescentes e suas mães, ou seja, duas famílias distintas. Os dois artigos foram construídos a partir de metodologias semelhantes. As interseccionalidades entre as experiências das participantes de nossa pesquisa ganham relevância, principalmente, nestes dois últimos artigos.

O primeiro artigo é entendido por nós, como uma oportunidade de dar visibilidade às falas e experiências de vida das adolescentes. A partir das informações coletadas através da

entrevista, realizamos uma análise de conteúdo dos dados e dividimos as falas das adolescentes em categorias. As categorias são: 1) As histórias de vida e sua relação com as histórias de violências vivenciadas pelas adolescentes; 2) Perspectivas das adolescentes quanto ao gênero, relacionamento e violências, a partir de suas experiências de vida.

O último artigo trata do principal objetivo da pesquisa – compreender os impactos da violência em adolescentes. A partir das entrevistas com as mães e adolescentes, em conjunto com as respostas ao questionário demográfico, conseguimos identificar a existência de múltiplos impactos na vida e na saúde das adolescentes participantes, devido à exposição às violências sofridas por suas mães.

Através da categorização, dividimos os resultados em dois grupos. Impactos nos relacionamentos e impactos na saúde mental/global das adolescentes. As repercussões nos relacionamentos são iluminadas a partir de três categorias: 1) relacionamento com o pai/padrasto; 2) relacionamento com a mãe; 3) relacionamento de amizade e contexto escolar. Os impactos na saúde mental/global são vistos sob a perspectiva do funcionamento fisiológico e psíquico.

### **Referências bibliográficas:**

- Bandeira, L. & Thurler, A. L. (2010). A vulnerabilidade da mulher à violência doméstica: aspectos históricos e sociológicos. In: F. R. Lima & C. Santos (coordenadores), *Violência Doméstica – vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal multidisciplinar* (pp. 159-168). Rio de Janeiro: Lumen Juris.
- Diniz, G. (1999) Condição Feminina – fator de risco para a saúde mental. In: M. das G. T. PAZ & Á. Tamayo (Orgs.). *Escola, saúde e trabalho: estudos psicológicos* (pp. 181-197). Brasília: Editora UnB.
- Medeiros, M. N. (2010). Violência conjugal: repercussões na saúde mental de mulheres e de suas filhas e seus filhos adultos/os jovens. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- Santos, C. V. M. (2012). *Gênero e psicologia clínica: risco e proteção na saúde mental de mulheres*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília-DF..

## ARTIGO 1

### A IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO DO ADOLESCER EM PESQUISAS CIENTÍFICAS: UMA REFLEXÃO CONCEITUAL

**Resumo:** O processo da adolescência é plural, ou seja, é equivocado considerar o adolescer como um padrão. Desconsiderar as diversas influências que afetam o modo de cada um/a vivenciar este período é um risco. O objetivo deste artigo é desmistificar a adolescência vista através de uma perspectiva universalista, por meio de uma reflexão teórica. A construção desta pesquisa faz parte de uma dissertação de mestrado e partiu da motivação em visibilizar as múltiplas formas de viver a adolescência e chamar a atenção para a tendência em naturalizar este período. A inserção no sistema sexo-gênero é vista como o elemento fundamental que revela a importância das adolescências serem consideradas através de olhares distintos. A adolescência feminina não é vivida e construída da mesma maneira que a adolescência masculina. Cada modo de viver a adolescência é singular. Elementos culturais, sociais, históricos e relacionais precisam ser considerados, pois geram maneiras distintas de viver essa fase da vida. Estes elementos são determinantes e influenciam também na construção da identidade ao longo deste período. As relações da/o adolescente com o seu núcleo familiar merecem destaque. O relacionamento familiar apresenta influência única na construção identitária e na estruturação psíquica de adolescentes. A presença de violências no dia-a-dia familiar constitui um elemento importante a ser identificado e problematizado, principalmente no que concerne às repercussões dessas violências na saúde mental de adolescentes.

**Palavras-chave:** Gênero; adolescência feminina; família; violência; saúde mental.

**Abstract:** The process of adolescence is plural. It is wrong to consider adolescence as a standard. Disregard for the various influences that affect one's way of experiencing this period constitutes a risk. The purpose of this article is to demystify adolescence which is general seen in a universalist perspective, through a theoretical reflection. This research is a part of a Masters Dissertation and was based on the motivation to visualize multiple ways of living adolescence. It intends to draw attention to the tendency to naturalize this period. The insertion in the sex-gender system is seen as the fundamental element that reveals the importance of adolescences to be considered through different perspectives. Female adolescence is not experienced and constructed in the same way as male adolescence. Each way of living adolescence is unique. Cultural, social, historical and relational elements need to be considered, because they all contribute to create distinct ways of living adolescence. These elements are decisive, and also influence the construction of identity throughout this period. The relationship between the adolescent and his/her family context needs to be highlighted. The family relationship has a unique influence on the identity construction and psychic structuring of adolescents. The presence of violence in the family daily life is an important element to be identified and problematized, specially in regards to the repercussions of these violences on the mental health of adolescents.

**Keywords:** Gender; female adolescence; family; violence; mental health.

## **Adolescência ou adolescências?**

A adolescência é um período do ciclo de desenvolvimento humano singular para cada pessoa. Essa etapa tem características importantes, por representar o processo de transição entre a infância e a idade adulta e ocorre de maneira singular para cada pessoa. Diversas/os autoras e autores corroboram com esta perspectiva, ao destacar o adolescer como um processo que deve ser compreendido por meio de aspectos culturais, históricos e sociais (Vanessa Berni & Adriane Roso, 2014; Rosa Macedo & Ida Kublikowski, 2009; Hellen Roehrs, Mariluci Maftum & Ivete Zagonel, 2010; Maria Sousa e Maria Moreira, 2012; Martha Traverso-Yépez & Verônica Pinheiro, 2005). Estes elementos influenciam tanto nas vivências das adolescências, quanto no olhar e na compreensão daquelas/es que pesquisam sobre esta fase.

Certos estereótipos são frequentes e popularmente associados ao adolescer, segundo pesquisas da área (Gisele Mascagna, 2009; Sérgio Ozella, 2002; Cláudia Prioste & Mônica Amaral, 2016). Alguns exemplos a ser citados são: a instabilidade emocional, o relacionamento conturbado com os pais e a presença de conflitos comportamentais e psíquicos nas/os adolescentes.

Esses “mitos”, como Mascagna (2009) define, foram fortalecidos e apropriados para além da esfera científica. Berni e Rosi (2014) apontam que o meio social e cultural também endossam estes conhecimentos e representações sociais, principalmente através dos meios de transmissão de massa. Os estigmas associados à adolescência tornam-se cristalizados na sociedade e acabam por causar certo estranhamento aos adultos (Costa, 2012). Talvez, este seja um dos motivos da dificuldade em compreender as vivências e os comportamentos dos adolescentes.

A ideia de que a adolescência é um período do desenvolvimento humano com características pejorativas e a ser superado foi reforçada aos poucos (Ana Bock, 2004; Zaira Leal & Marilda Facci, 2010; Divaneide Paixão, 2008). A/o adolescente apresenta

comportamentos que são comumente considerados como problemáticos e/ou difíceis (Divaneide Paixão & Angela Almeida, 2013) e também podem ser entendidos como “bobagens da idade”, segundo Bock (2004). Nesse contexto, as características próprias dos múltiplos modos de se viver a adolescência são ignoradas e as ideias acerca deste período são naturalizadas – como se a forma de vivenciar a adolescência fosse a mesma para todas/os os jovens.

Ricardo Anjos (2014) aponta que a definição de adolescência construída pela psicologia tradicional, ignorou os aspectos históricos e sociais que constituem este período. Uma ideia biologicista é apontada como característica desta fase, relacionando-a a problemas voltados à sexualidade e mudanças hormonais. Este viés biológico é adotado devido às mudanças naturais que acontecem ao longo da puberdade. Este sim, um período marcado por mudanças biológicas e físicas nas/os jovens (Anjos, 2014).

Há uma inclinação em naturalizar a adolescência. Mascagna (2009) vai além e afirma que esta tendência “não só naturaliza a adolescência e, conseqüentemente, seus comportamentos como os justificam, ignorando todo o contexto sócio-histórico que permeia o indivíduo” (Mascagna, 2009, p. 12).

Várias/os autoras e autores indicam que estudos provenientes da Psicologia, especialmente pesquisas do âmbito psicanalítico, foram responsáveis por tal naturalização, assim como pela reprodução dos pré-conceitos universais sobre a adolescência. Dentre as/os autoras/es que criticam estas pesquisas no âmbito da Psicologia, cito: Berni e Roso, 2014; Fabíola Firbida et al, 2013; Maria Santos, Manoel Acioli Neto e Yuri Souza, 2011; Marta Silva, 2011; Mascagna, 2009; Noeli Tomio e Marilda Facci, 2009; Bock, 2004; Celia Amaral, 1997.

Compreender a adolescência de tal modo é um risco. A adoção desta postura pode provocar um olhar fora do contexto, o que resulta na minimização da influência do meio

social na vida de adolescentes. Devemos evitar uma compreensão limitada, universal e a-histórica da experiência da/o adolescente (Maria Sousa e Maria Moreira, 2012).

O fato é que não existe apenas um modelo de adolescência. Elder Cerqueira-Santos, Othon Melo Neto e Sílvia Koller (2014) destacam que os tormentos, rompantes, conturbações e tempestades, não são regra geral de comportamentos que todas/os adolescentes viverão neste momento de suas vidas. É importante que nós, psicólogas e psicólogos, revisemos as ideias que associam o adolecer com tais características. É preciso desconstruir preconceitos, pois eles carregam riscos:

(...) esses riscos têm duas faces, ou seja, se a pessoa tem entre 10 e 25 anos e está atravessando algum desafio psicológico ou social, deve ser definida como adolescente e apenas encarada como tal. Em contrapartida, se a pessoa está nessa faixa etária e não apresenta nenhuma tempestade e tormenta em sua vida, não pode ser encarada como um ser em desenvolvimento na adolescência. Nenhum dos extremos apresentará consequências favoráveis para o acompanhamento, o atendimento ou a simples convivência com a pessoa em questão (Cerqueira-Santos, Melo Neto & Koller, 2014, p 19).

Falar da adolescência implica, portanto, na promoção de uma discussão que traga maior visibilidade para as múltiplas formas de vivê-la. O fato é que cada modo de viver a adolescência é singular. Esta constatação coloca todas/os nós diante da necessidade de diferenciação da vivência dessa fase em relação aos outros períodos do ciclo vital. Elementos históricos, sociais, e culturais assim como a inclusão no sistema sexo-gênero geram maneiras distintas de “ser adolescente” em contextos específicos, sob certos tipos de influências, pressões e tantos outros aspectos.

### **Afinal, de que adolescência falamos?**

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define a adolescência como um período que ocorre entre doze (12) e dezoito (18) anos de idade (Brasil, 2015). Em contraponto, devido à sua complexidade, esta fase não se restringe ao tempo cronológico que a determina (Candido Gomes, Kátia Brasil & Sandra Almeida, 2013). Cerqueira-Santos, Melo Neto e Koller (2014) indicam que há uma maior relação da adolescência com uma fase social e psicológica, do que a vinculação desta às idades numéricas. A pluralidade da adolescência precisa ser compreendida.

O conceito de adolescência e sua caracterização como um período distinto do desenvolvimento humano começaram a ser considerados apenas a partir do século XIX (Ana Justo, 2015). Manuela Ferreira e Paula Nelas (2005) indicam que anteriormente, o período que hoje é conhecido como adolescência era entendido como um pequeno intervalo entre a infância e a vida adulta. Em outras palavras, um contraste entre uma fase de dependência e outra de responsabilidades (Ferreira e Nelas, 2005).

A partir de uma série de transformações que perpassou o século XX e que impactou os comportamentos reprodutivos e a organização do trabalho, a adolescência foi (re) construída (Wilza Villela & Daniela Doreto, 2006). Joel Birman (2006) destaca que houve uma significativa alteração na perspectiva de “tempo” desta fase. Isso aconteceu devido a um prolongamento da adolescência, o qual atinge um momento que anteriormente era considerado como idade adulta.

Uma perspectiva que objetiva explicar a extensão deste período é pautada na mudança e no crescimento das oportunidades de trabalho, à medida que transformações foram ocorrendo neste meio. Villela e Doreto (2006) destacam que “o crescimento da indústria nos séculos XIX e XX amplia a gama de habilidades necessárias para a ocupação de novos postos de trabalho que surgem, exigindo maior preparo do trabalhador” (Villela & Doreto, 2006, p.

2468).

Um maior tempo dedicado à qualificação passa a ser necessário para que as/os jovens que almejam destaque consigam dar entrada no mercado de trabalho. Sair da casa de seus pais e vivenciar as “responsabilidades” que são comumente associadas à vida adulta, se tornam, conseqüentemente, metas adiadas e menos prioritárias na vida destas/es jovens (Villela & Doreto, 2006).

Esta é uma fase vista como conturbada e problemática na maneira como é vivida pelas/os adolescentes na atualidade. Cabe, no entanto, perguntar: Esta é a adolescência de quem? Já foi apontada previamente a singularidade deste período. Recortes precisam ser realizados para entendermos qual é essa adolescência que tem tempo para se qualificar e se destacar através de oportunidades e estudos. A adolescência vivida pela classe média/alta, não é a mesma adolescência da classe pobre.

Neste contexto a interseccionalidade entre Adolescência e Situação Socioeconômica no Brasil precisa ser considerada. O universo trabalhista consegue exemplificar bem a situação: adolescentes de situações econômicas e sociais vulneráveis enfrentam dificuldades específicas no que concerne ao estudo e ao primeiro emprego.

Esta realidade está relacionada, em grande parte, às altas exigências dos empregadores e a falta de qualificação e/ou experiência que não são acessíveis aos jovens de famílias pobres (Mary Castro & Miriam Abramovay, 2002). A situação de carência dificulta a permanência desses jovens na escola, principalmente, em situações nas quais os pais perdem seus empregos. Justifica-se assim a tendência das/os adolescentes de baixa renda priorizar o trabalho sobre outras dimensões da vida. Muito frequentemente, a/o adolescente que trabalha abandona os estudos precocemente, segundo Denize Oliveira et al (2010).

Adolescentes de classe baixa não são englobados pelo suporte social, pela educação e pelo mercado de trabalho. Fato este, que acaba resultando em “um fenômeno perverso ao qual

os jovens e suas famílias estão submetidos” (Oliveira et al, 2010, p. 764). Pesquisa de Castro e Abromovay (2002) realizada com adolescentes que buscam trabalho, indica que a intenção delas/es é ter acesso a um meio de sobrevivência individual e familiar. Por outro lado, grande parte dos empregos que estas/es jovens conseguem são seletivos (Birman, 2006), instáveis ou irregulares (Castro & Abromovay, 2002).

A relação entre o mercado de trabalho e a diversidade de possibilidades vividas na adolescência, foi estabelecida para mostrar que condição socioeconômica da pessoa adolescente afeta sua experiência do adolescer. É inegável que existem diferenças que abrangem múltiplas esferas - sociais, econômicas, familiares - que precisam ser consideradas ao falar dos processos da adolescência.

Fatores históricos e sociais são relevantes para pensar a adolescência. É importante que esta fase seja compreendida a partir do ambiente social em que a/o jovem vive o seu cotidiano. O ambiente social irá influenciar diretamente no seu modo de ser, agir e pensar e; posteriormente, se posicionar no mundo adulto.

É importante salientar que ao destacar as influências da história, da sociedade e da cultura na adolescência, isso não queira dizer que as mudanças biológicas que ocorrem neste período sejam negligenciadas. As próprias transformações biológicas ocorrem e são significadas de modo único na vida de cada adolescente (Ferreira & Nelas, 2006; Teresa Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Edwiges Silves, 2010).

As mudanças corporais que ocorrem nesta fase acontecem em velocidades diferentes, devido à imagem e o desenvolvimento corporal serem subjetivos, e dependentes de elementos emocionais, funcionais e características sociológicas que a/o jovem vive (Deborah Perez e Elizabeth Constantino, 2009). É importante ressaltar ainda que “as relações entre o biológico e o social no ser humano são de incorporação daquele por este e não de eliminação ou mesmo separação entre ambos” (Anjos, 2014, p. 109-110).

Ao questionar a naturalização da adolescência ou a sua compreensão como algo homogêneo, a pretensão é de não ignorar elementos físicos e biológicos que perpassam este período. A intenção é somar/agregar o impacto destes aspectos ao conjunto de elementos relacionados à composição cultural, histórica e social. O objetivo final é promover uma compreensão ampla, que explora a complexidade desta fase do desenvolvimento.

A proposta desse artigo, baseado em uma pesquisa de Mestrado, parte do pressuposto de que a adolescência ocorre como um processo diverso e único. Lucia Ressel et al (2009) destacam que as necessidades de pessoas jovens irão depender dos meios em que elas vivem - psicológico, familiar, econômico, social e cultural. Levar em consideração estes contextos é essencial para discorrer sobre este período e para compreender os fatores que podem torná-las/os vulneráveis ao ambiente cultural e social no qual estão inseridas/os.

É preciso que as interseções entre situação socioeconômica, etnia, orientação sexual, nacionalidade e a inserção no sistema sexo/gênero, cultura e período histórico sejam consideradas. As participantes da pesquisa de Mestrado referida foram adolescentes do sexo feminino, que vivem em contextos de violência e em situação socioeconômica vulnerável. Torna-se fundamental, portanto, levar em conta os aspectos sociais e culturais que perpassam o modo de vida destas meninas e os impactos da presença de violências na forma delas vivenciarem a adolescência.

### **Como e por que a adolescência feminina se difere da masculina?**

O adolescer precisa ser visto a partir de uma perspectiva de gênero. Luiza Braga e Débora Dell'Aglio (2013) destacam o quanto a adolescência é perpassada por questões relativas ao sistema sexo/gênero e aos comportamentos ideais a serem “performados” por uma menina e por um menino.

Durante esta etapa, existe, portanto, a possibilidade de sentimentos de angústia e de

ansiedade aparecerem. Isto ocorre em função da presença dos chamados “dilemas identitários” que podem ter origem em processos de comparações ou idealizações acerca da imagem da mulher perfeita e do homem perfeito (Gláucia Diniz & Cláudia Alves, 2015, p. 22).

A vivência em uma sociedade patriarcal (Neuma Aguiar, 2000; Mirla Cisne, 2015; Martha Narvaz & Sílvia Koller, 2006), coloca as/os adolescentes, e, na verdade, todas as pessoas diante de elementos e processos de engendramento que são determinantes quando se fala na construção das identidades de seres masculinos e femininos. Parte dos desafios encontrados no período da adolescência estão relacionados a esses processos (Ressel *et al.* 2009). Luana Molina (2013) ressalta que é nesta fase que a incorporação dos modelos de feminilidade e masculinidade fica mais visível.

A adolescência será marcada por uma adequação aos papéis de gênero culturalmente impostos (Diniz & Alves, 2015). Padrões específicos, normativos e estereotipados de comportamentos são ensinados de modos diferentes aos meninos e as meninas. Muitos desses padrões serão mantidos durante toda a fase adulta.

As meninas tendem a ser educadas, desde a fase infantil, para aceitar de modo passivo a autoridade dos meninos (Diniz & Alves, 2015). No estudo de Rosana Monteiro, Daniela Gontijo, Vera Facundes & Ana Vasconcelos (2015), trinta e quatro (34) adolescentes do sexo feminino participaram de grupos que visavam discutir perspectivas de gênero. Algumas das falas que as autoras destacaram, demonstram que as relações de gênero possuem grande influência no cotidiano das adolescentes. Seja na organização da casa, no comportamento, participação social ou na inserção no mercado de trabalho, as adolescentes diferenciam o comportamento esperado para os meninos e para as meninas.

As adolescentes do estudo indicado acima apontam que os homens possuem a responsabilidade financeira de manter a casa, enquanto as mulheres possuem a

responsabilidade com os afazeres domésticos, por serem mais cuidadosas. Os homens, segundo as adolescentes, não participam de atividades domésticas devido a uma necessidade de afirmar a masculinidade, ou seja, um homem que ajuda nas tarefas domésticas é “identificado” como homossexual e isso é considerado algo pejorativo para eles, nas palavras das adolescentes (Monteiro et al, 2015).

Resultados de pesquisa de Monteiro et al (2015) mostraram que por mais que as adolescentes tenham notado algumas mudanças no cenário que elas relataram, ainda afirmam que os homens têm mais direitos de saírem para festas do que as mulheres. De acordo com as adolescentes, os homens podem fazer tudo o que eles querem e as mulheres não (Monteiro et al, 2015). É importante pensar e problematizar que tais processos contribuem para manter ideias tão tradicionais e estereotipadas nessas adolescentes.

Os padrões de gênero tendem a influenciar até mesmo na escolha profissional das/os jovens (Laila Graf & Maria Diogo, 2009; Maria Lombardi, 2006; Caioá Lemos et al, 2005; Mercedes López-Sáez, Susana Puertas & Milagros Sáinz, 2011). Maria Souza (2015) ressalta que certas profissões são estereotipadas pelo gênero, por meio da construção histórica e social.

Os cursos de Engenharia são comumente relacionados a profissões masculinas, enquanto profissões voltadas à área da saúde são consideradas profissões femininas. Este fato é consideravelmente influenciado pelo fato da figura da mulher ser, culturalmente associada à imagem de cuidado, da inteligência emocional e a do homem associada à inteligência intelectual (Narvaz & Koller,2006).

López-Sáez, Puertas & Sáinz (2011) indicam que uma adolescente que, por exemplo, escolhe estudar Engenharia irá se deparar inclusive com dificuldades relacionais com seus colegas de classe. A escolha profissional pode causar uma vivência de discriminação e preconceitos naquelas/es que vão contra os estereótipos de gênero, segundo estas autoras.

A expressão da sexualidade também é manifestada de modos distintos entre adolescentes do sexo feminino e masculino. Enquanto os meninos vivenciam a sexualidade de modo permissivo, as meninas vivenciam uma sexualidade reprimida e passível de julgamentos caso seja vivida de forma semelhante à dos meninos. Molina (2013) ressalta que “as regras sexuais são diferentes para ambos os sexos, sendo geralmente a maioria das restrições ligada ao gênero feminino, determinado pela cultura que impõem quais são as práticas sexuais apropriadas ou não” (Molina, 2013, p. 492).

Santos, Acioli Neto e Souza (2011) analisaram conteúdos midiáticos voltados ao público adolescente feminino, aos seus pais e a produção acerca da adolescência. O resultado obtido apontou que questões de gênero são perceptíveis em meios de comunicação que pretendem dialogar sobre o adolescer. O modo de retratar esta fase é realizado em duas situações específicas, a ser apresentadas abaixo.

Santos, Acioli Neto e Souza (2011) identificaram que foram produzidas matérias que demonstravam preocupações com a sexualidade apenas das adolescentes do sexo feminino. As reportagens retratavam o uso de métodos anticoncepcionais, os cuidados e as maneiras de se relacionarem afetivamente com outras pessoas, alertavam sobre a gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis.

Era descrito também que as adolescentes identificavam que, ao beijarem diferentes pessoas, poderiam ser vinculadas a um comportamento promíscuo (“galinha”). Já os adolescentes do sexo masculino seriam percebidos por outras pessoas como “pegadores”, segundo as próprias adolescentes, atividade que os valorizava socialmente por cumprirem o papel e a prescrição de gênero esperada para pessoas desse sexo (Santos, Acioli Neto & Souza, 2011).

A repetição de todos estes discursos engendrados pelas adolescentes indica que a formação de padrões e a classificação dentro do sistema sexo-gênero foram construídas a

partir de bases hegemônicas. Neste cenário, o masculino é tido como aquele que desempenha um papel de oposição ao feminino e não de semelhança, no que concerne aos direitos e comportamentos. Este conceito continua, lamentavelmente, a ser reforçado até nos dias atuais (Renato Santos & Mario Martins, 2013).

É perceptível o contraste tanto na caracterização quanto na descrição e no modo de se relacionar das/os adolescentes, a partir de uma diferenciação de gênero. Os dois aspectos são referentes à distinção existente entre os comportamentos ditos masculinos e femininos (Santos, Acioli Neto & Souza, 2011).

Preocupações específicas são legitimadas em relação aos jovens ou às jovens, com base em papéis sociais pré-estabelecidos e que são desempenhados dependendo do sexo da/do adolescente e através do poder da influência cultural sob as percepções de gênero (Ruth Sabat, 2001). Nesse contexto são ditados os comportamentos e a personalidade que uma menina e um menino podem ter. Diferente da adolescência masculina, a feminina é marcada por estratégias que visam desenvolver alertas e estratégias de prevenção a riscos, tanto para os corpos quanto para os comportamentos das adolescentes (Santos, Acioli Neto & Souza, 2011).

Stella Taquette (2009) traz uma reflexão importante. A autora indica que se aprende a ser homem e mulher durante todo o percurso de desenvolvimento da vida humana. As características ditas “masculinas” e “femininas” não são adquiridas de maneira natural ao longo do tempo ou em um período específico do desenvolvimento.

Tais características são fruto de um processo de ensinamento realizado no âmbito familiar e nas diversas instituições sociais com as quais pessoas entram em contato - a escola, a igreja, o partido político, dentre outras. A autora aponta:

Aprende-se que o menino não brinca de boneca e a menina não joga bola. Do homem, espera-se papel ativo na sociedade, principalmente no âmbito público e, da mulher, o

passivo e na esfera privada, o que confere a esta última uma condição de inferioridade na família, no trabalho e na comunidade. Presume-se que as desigualdades de poder entre os sexos são consequentes a essa construção cultural. Elas têm perpetuado, ao longo do tempo, a dominação do homem e a discriminação contra a mulher e são determinantes dos padrões de relacionamento entre ambos (Taquette, 2009, p. 7).

A adolescência feminina apresenta muitas especificidades que devem ser observadas e estudadas. Torna-se imprescindível considerar aspectos da própria cultura brasileira e do momento histórico que vivemos. É importante contextualizar esta adolescência feminina da qual falamos, principalmente porque esta é uma pesquisa que visa compreender as interações entre gênero, violência e saúde mental de mulheres adolescentes.

É importante falar da adolescência brasileira, para que seja possível promover discussões que levem em consideração a realidade vivida no país. Outro elemento que também merece destaque é a escolha por não realizar uma pesquisa que reforce estereótipos de pesquisas anteriores sobre a(s) adolescência(s). Em outras palavras, há certa tendência no desenvolvimento de pesquisas científicas e acadêmicas, que retratam a adolescência (inclusive, a feminina) a partir de temas específicos, frequentemente voltados ao corpo da/o adolescente, menina ou menino.

Este dado pode ser comprovado ao consultar a pesquisa de Jeferson Bordignon (2015). O autor analisou a produção de teses e artigos brasileiros sobre adolescentes. Os resultados apontaram que pesquisadoras/es têm elegido como foco majoritário em estudos sobre a adolescência, temáticas voltadas às áreas médicas e da saúde - e não relativas à saúde mental. Os temas mais pesquisados têm sido voltados à saúde do adolescente, gravidez na adolescência, obesidade, infecções por HIV, asma, entre outros.

A articulação dos temas pesquisados com a psicologia pode ser observada apenas em

publicações de artigos científicos de pesquisa (Bordignon, 2015). Fica evidente a falta de estudos que propõem trabalhar a interação gênero, violência e saúde mental e que fujam de concepções biológicas acerca da adolescência. Há uma lacuna em relação a estudos que compreendam o adolecer por meio de suas contradições e de seu movimento contínuo (Ozella & Aguiar, 2008).

Utilizamos das palavras de Berni e Roso (2014), para tecer críticas à frequência de pesquisas que reiteram os vieses supracitados: “não se trata de negar momentos particulares de vida do ser humano, e nem de desqualificar modos já consagrados de conceber a adolescência” (Berni & Roso, 2014, 127). Trata-se, por outro lado, de destacar a importância da realização de estudos que assumam um compromisso político e que entendam a adolescência através de sua complexidade, permitindo-a ser plural e singular ao mesmo tempo.

É em função desse compromisso que uma gama de variáveis faz a diferença no presente estudo: sexo, gênero, classe socioeconômica, raça/etnia, nível educacional, contexto familiar. Todos estes elementos poderão nos auxiliar no acesso à realidade e experiência daquelas adolescentes que propomos estudar em nossas pesquisas.

### **Adolescências: identidades, relacionamentos e saúde mental**

A necessidade de entender quem somos é algo inerente à condição humana (Susana Rodríguez & Bruno Damásio, 2014). Para acessar este entendimento, é preciso considerar características singulares da história de cada pessoa, de seus vínculos afetivos, do ambiente sociopsicológico, político, econômico e cultural de cada um/a e até mesmo ao processo educacional vivido, de acordo com David Levisky (2002).

A adolescência é um período do desenvolvimento em que meninos e meninas vivenciam mudanças significativas. Além das transformações fisiológicas, psicológicas e

sociais (Levisky, 2002; Rodrigues & Damásio, 2014), o adolescer é vivenciado a partir de novas maneiras de se relacionar, por meio da experimentação de diferentes papéis sociais e novos tipos de conduta, além de envolver uma gama de habilidades a ser desenvolvidas (Rodríguez & Damásio, 2014). Estes elementos vão ao encontro e influenciam no desenvolvimento da identidade de cada pessoa.

A formação da identidade é única e pessoal. É compreendida através da ideia de algo em constante construção (Antonio Ciampa, 1984; Levisky, 2002; Lívia Nóbrega, 2010). A concepção de “identidade” é explicada por Ciampa (1984), a partir da seguinte definição: “em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito” (Ciampa, 1984, p. 67). É importante destacar a construção de um “eu”, a partir de “outros”.

Na construção da identidade, a pessoa, na maior parte do tempo, passa por “processos constantes e sucessivos de elaborações, perdas e transformações” de uma forma inconsciente (Levisky, 2002, p. 107). No momento em que uma pessoa se apropria do sentido de sua identidade, ela se torna capaz de coordenar suas próprias ações, dar coerência à sua vida, além de conseguir manter um vínculo com as pessoas, com o mundo e com a vida em sociedade (Rodríguez & Damásio, 2014).

Levisky (2002) aponta que a formação da identidade é decorrente de identificações parciais com outras pessoas. É possível, portanto, encontrar em uma mesma pessoa uma “pluralidade de pessoas psíquicas” (Levisky, 2002), ou os próprios “personagens”, como Ciampa (1984) indica. A pluralidade das identidades é justificada por meio de influências e identificações raciais, étnicas, familiares, profissionais, religiosas, de classe econômica, entre tantas outras, que cada pessoa possui (Maria Andrade, 2010).

A adolescência é um período do desenvolvimento, cujas transformações ocorrem a todo tempo. Ao considerarmos as mudanças que ocorrem no mundo e na própria pessoa, a/o

adolescente também se encontra em um processo de mudança e construção da identidade (Denise Basmage, 2010). Este processo não se encerra na adolescência, mas sim, continua a ser construído ao longo dos anos de vida de todos os seres humanos (Basmage, 2010; Schoen-Ferreira; Aznar-Farias & Silvares, 2003).

A construção da identidade é tida como a “tarefa mais importante” a acontecer nesta etapa (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvares, 2003, p. 107). A identidade é o que marca a passagem da juventude para a vida adulta. Seth Schwartz et al (2013) destacam que o processo de formação da identidade exerce uma função psicossocial fundamental para as/os jovens.

À medida que as/os adolescentes têm consciência de quem são, elas/es conseguem resolver dúvidas e inconsistências internas, assim como compreendem seus gostos e desgostos, sua subjetividade e sua própria identidade (Rodríguez & Damásio, 2014). É preciso ressaltar que a aquisição desta consciência é de extrema dificuldade. É considerada por Rodríguez e Damásio (2014) como uma das tarefas mais importantes e difíceis da adolescência.

Esta dificuldade é explicada e compreendida, por meio dos elementos variados que influenciam no desenvolvimento da identidade durante o adolecer. Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2003) apontam que a identidade recebe influências de três fatores principais: A) fatores intrapessoais; B) interpessoais e C) culturais. Os primeiros são processos relativos às capacidades inatas e características adquiridas da personalidade de cada um/a. Os segundos são oriundos dos relacionamentos amorosos, familiares, amigáveis com outras pessoas. Por fim, o terceiro apresenta relação com os valores sociais e históricos aos quais a pessoa está exposta seja ao nível comunitário ou global.

A partir das habilidades cognitivas que permitem as/os jovens pensarem de forma abstrata (Jean Piaget, 1960), é possível que elas/es reflitam sobre si e também sobre outros,

segundo Rodríguez e Damásio (2014). É por este motivo que a identidade na adolescência se organiza a partir de elementos pessoais, relacionais e sociais (Rodríguez & Damásio, 2014).

Érika Ferreira (2009) argumenta que a identidade social não é apenas construída, mas também é produzida por nós através de um movimento em grupo. A partir das relações e “através de suas múltiplas interrelações por meio de sistemas de representação” o processo de identidade passa a ser desenvolvido (Ferreira, 2009, p. 19).

Um importante adendo é feito por Levisky (2002), que indica que existem processos de continuidade da construção da identidade, ou seja, não se trata de algo que ocorre apenas durante a infância ou adolescência. Este é um processo que dura por toda a vida, devido à metamorfose constante que vivemos (Antonio Ciampa, 1987).

Os relacionamentos sociais possuem forte influência na construção da identidade, inclusive na adolescência. Levisky (2002) destaca a constituição da identidade por meio da vida de relações. Nesses processos relacionais, as influências são recíprocas entre as estruturas mentais e a sociedade, e têm impacto na constituição da pessoa. As “relações” podem ser estabelecidas com amigas/os, familiares, na escola, na igreja, em relacionamentos amorosos, entre outros meios de socialização.

Nestes contextos, pessoas que exercem papéis significativos na vida destas/es jovens e que possuem maior proximidade com as/os adolescentes, exercem grande influência na personalidade destas/es. Basmage (2010) aponta que tanto as interações do cotidiano, quanto o meio escolar, exercem uma função ímpar no conhecimento, na aprendizagem e no desenvolvimento da identidade da/o adolescente.

A identidade da/o adolescente também se transforma à medida que ela/e se relaciona com outras/os adolescentes (Fernando Quiroga & Maria Vitalle, 2013). Sua subjetividade, preferências, personalidade, gostos e desgostos serão formados através de sua vivência pessoal, mas também a partir dos agrupamentos sociais dos quais ela/e faz parte. Esse

processo é facilitado por situações interacionais que ocorrem em contextos e/ou instituições distintas, que compõem o cotidiano das/os jovens (Andrade, 2010).

A construção de identidade é perpassada, portanto, pelos relacionamentos sociais. As/os jovens vivenciam, neste momento, a instabilidade, a vivência de novas experiências e relações. Os processos de desenvolvimento são produto, justamente das novas situações e experiências que elas/es viverão nesta fase (Quiroga & Vitalle, 2013).

A escolha profissional, a descoberta sexual, a construção da identidade de gênero, os relacionamentos familiares, as amizades, a preparação para a vida adulta e as responsabilidades, são alguns dos elementos que modificam de maneira complexa e intensa o funcionamento psíquico da/o adolescente. No decorrer do percurso por meio do qual elas/es buscam a independência e a emancipação - que será alcançada na vida adulta, estas/es jovens são marcados fortemente pelos “condicionantes externos que impregnam a sociedade e o momento histórico” em que a/o adolescente vive (Quiroga & Vitalle, 2013, p. 665).

É importante ressaltarmos as relações familiares ao discutir a construção da identidade das/os adolescentes (Deborah Moreira et al, 2013; Maycoln Teodoro, Bruna Cardoso & Ana Freitas, 2010; Traverso-Yépez & Pinheiro, 2005). Já é sabido que as ideias e os valores destas/es serão pautados com base nas relações estabelecidas ao longo dessa fase. As relações construídas no meio familiar merecem destaque neste cenário.

O relacionamento familiar exerce uma influência ímpar na estruturação psíquica e identitária de cada um de seus membros, como apontam os resultados das pesquisas de Alexander Queen, Lindsay Stewart, Jill Ehrenreich-May e Donna Pincus (2013) e Joviana Avanci et al (2007). No cotidiano familiar, é formado o primeiro e o mais importante contexto de socialização a ser conhecido na infância (Ivone Reis & Francisco Peixoto, 2013). Tanto nesta fase quanto na adolescência, o papel desempenhado pela família afeta o desenvolvimento e comportamento, assim como a interação social e o desenvolvimento

cognitivo (Inês Camacho e Margarida Matos, 2007).

É importante ressaltar nossa compreensão do conceito de “família”. Entendemos que existem mudanças e evoluções no que concerne ao meio familiar e que estas possuem relação com a evolução da sociedade, segundo Adriana Wagner, Cristina Tronco e Ananda Armani (2011). Assim como a concepção da adolescência, o conceito de família é entendido por meio de sua pluralidade. Cabe destacar a presença de diferentes configurações e estruturas familiares nos dias atuais. Não apenas o conceito de família foi ampliado, mas também “suas implicações na sociedade, gerando a necessidade de aceitar e conviver com o diferente” (Wagner, Tronco & Armani, 2011, p. 20).

O contexto formado pelas relações familiares das/os adolescentes não possui uma única dinâmica, funcionamento ou estrutura. Amaral (1997) aponta que “na diversidade destas estruturas, porém, existe uma permanência daquilo que se chamaria de ‘sentimento de família’” (Amaral, 1997, p. 31). A família é compreendida, portanto, como um fenômeno dinâmico e multifacetado (Wagner, Tronco & Armani, 2011). Não falamos da família nuclear, formada por pai e mãe biológicos e irmãos todos dos mesmos pais e mães. “Família” é compreendida por nós a partir de sua multiplicidade.

Estudos com ênfase na Psicologia do Desenvolvimento elucidaram a importância do contexto familiar ao longo da adolescência. O cotidiano familiar e a qualidade deste, afeta na regulação emocional da/o adolescente, no seu bem-estar, autonomia, assim como em resultados escolares e em um possível futuro profissional e/ou acadêmico (Joan Grusec & Maayan Davidov, 2010; Moin Syed & Seiffge Seiffge-Kfrenke, 2013). Syed e Seiffge-Kfrenke (2013) ainda ressaltam que o apoio familiar que desafia e ao mesmo tempo acredita em suas/seus filhas/os é um importante componente no desenvolvimento do ego das/os adolescentes.

Em contraponto, famílias que não apresentam elementos relacionados ao apoio e

presença na vida das/os filhas/os, podem influenciar no “desenvolvimento, manutenção e aumento de algumas patologias nas crianças ou adolescentes” (Camacho & Matos, 2007, p. 40). A/o adolescente desenvolve a imagem de si, através do olhar do outro, em outras palavras, das pessoas significantes, importantes em sua vida (Marta Sales, 2014). Aqueles que compõem o núcleo familiar fazem parte do grupo significativo na vida da/o adolescente e, é por esta razão, que os relacionamentos que perpassam este contexto são de tamanha relevância.

O papel desempenhado pela figura materna no núcleo familiar merece destaque. As mães têm importância singular nestes contextos, especialmente quando falamos de adolescências femininas. O relacionamento com as mães é único na vida da(s) filha(s). Estas recebem um referencial ímpar vindo daquelas.

Camila Seron, Almir Prette, Rute Milani (2011) apontam que as mães tendem a auxiliar no compartilhamento de angústias e ajudam sua(s) filha(s) a conhecer os papéis sociais e a própria feminilidade em construção da adolescente. A mãe possui o papel de ser “mediadora entre a filha e os acontecimentos externos” que irão atravessar a vida desta (Seron, Prette & Milani, 2011, p. 160).

A construção da identidade de meninas adolescentes, recebe significativas influências por parte da relação existente entre mãe e filha. As jovens buscam na figura materna um modelo de identidade feminina a ser seguido. Por meio desta identificação, as adolescentes começam a ter sua identidade desenvolvida através de atributos que são compartilhados a partir do relacionamento mãe-filha (Seron, Prette & Milani, 2011).

Estes atributos não serão necessariamente vivenciados por meio de cópia da identidade e/ou do comportamento da mãe. Na verdade, à medida que o desenvolvimento da identidade da adolescente acontece, ela consegue se diferenciar deste modelo materno e constrói a sua própria identidade (Seron, Prette & Milani, 2011).

Lúcia Ressel, Carolina Junges, Graciela Sehnem e Cheila Sanfelice (2009) apontam que o ambiente familiar e a convivência proporcionada por este, deve facilitar sentimentos de afetividade e segurança para todas/os as/os envolvidas/os. A formação de valores é desenvolvida como um processo enraizado nas adolescentes, especialmente no que concerne ao conhecimento da sexualidade e ao modo como o conjunto familiar lidará com a existência dela (Ressel, et al, 2009).

Um elemento que é comumente associado ao contexto familiar é a violência, ou melhor, a violência doméstica. Esse processo refere-se às agressões que acontecem no ambiente privado, doméstico e que é presenciado pelos demais membros da família (Gláucia Diniz, 2011). A violência doméstica pode ser perpetrada por homens ou mulheres, em um relacionamento interpessoal. A literatura indica, por outro lado, que as agressões que as mulheres sofrem, perpetradas por homens, são mais graves e mais numerosas do que as sofridas por homens e cometidas por mulheres (Julio Waiselfisz, 2015; Diniz, 2011).

Nossa intenção aqui é falar de uma violência cometida por pais, padrastos e/ou pelos companheiros das mães, no cotidiano familiar contra suas companheiras. Ora, sabemos que as pessoas são atravessadas pela história de suas famílias, “com suas sombras e fantasmas silenciosos operando efeitos na subjetivação” (Aline Jordão, 2008, p.159).

Cabe então colocar a questão: Como o(s) fantasma(s) da violência virá(ão) a operar nas/os adolescentes? O estudo de Débora Dell’Aglio, Samara Santos e Jeane Borges (2004) nos ajuda a vislumbrar a resposta. As autoras entrevistaram cinquenta (50) meninas adolescentes, que cumpriam medidas socioeducativas, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Os relatos das adolescentes apontaram que a situação que elas se encontravam havia sido influenciada por abandonos, descontinuidade e rejeições familiares.

Dell’Aglio, Santos e Borges (2004) apontam que existem fatores de risco no

desenvolvimento de adolescentes do sexo feminino oriundos de relações familiares conturbadas. Segundo as autoras, os resultados da pesquisa apontaram nas adolescentes:

(...) uma sequência de rupturas de vínculos e abandonos, a presença de ‘Pingue-Pongue’ emocional, o baixo envolvimento dos pais nos cuidados dos filhos, institucionalização na infância, envolvimento com pares violentos, fragilidade ou a inexistência da figura paterna e o uso de práticas educativas baseadas na violência (Dell’Aglia, Santos & Borges, 2004, p. 195).

Uma série de elementos torna-se, portanto, determinante para gerar desafios, dificuldades emocionais e relacionais. Uma adolescente que passou por problemas familiares pode chegar a uma situação extrema como no caso do exemplo supracitado. É preciso, portanto, fazer um levantamento dos fatores de risco e de proteção que perpassam a realidade de meninas adolescentes e estudá-los. Os fatores de risco são compreendidos como “processos”, ou seja, depende da percepção individual de quem vive aquela realidade (Normanda Morais, Rebeca Lima & Juliana Fernandes, 2014).

É imprudente generalizar e afirmar que todo lar que tenha alguma característica problemática oferecerá as/os suas/seus filhas/os adolescentes o mesmo destino. É igualmente incorreto assegurar que toda “família comercial de margarina” é capaz de garantir um desenvolvimento tranquilo e um ambiente seguro, de apoio para as/os adolescentes. Ignorar as especificidades e as vulnerabilidades que as/os adolescentes vivem em cada cenário é perigoso, especialmente no âmbito da pesquisa empírica e teórica no campo da Psicologia.

A problematização é necessária, visto que é fato que o contexto familiar pode influenciar no desenvolvimento de psicopatologias em adolescentes, de acordo com Daniel Sá, Isabel Bordin, Denise Martin e Cristiane Paula (2010). Pesquisa realizada pelas autoras e o autor destaca que em contextos familiares que existem fatores de risco à saúde mental de crianças e adolescentes, como é o caso da violência conjugal, estas são expostas a múltiplos

fatores estressores e a um cenário que pode facilitar o desenvolvimento de algum transtorno mental (Sá et al, 2010).

Várias pesquisas indicam que o desenvolvimento de estresse e de transtornos psicológicos pode ser oriundo da qualidade das relações familiares. Esse processo afeta, portanto, a saúde mental das/os envolvidas/os no contexto familiar. Neste cenário, a saúde mental da/o adolescente pode ser perpassada pela depressão (Del Prette & Del Prette, 2014), fobia social e transtornos de ansiedade (Camacho & Matos, 2007), baixos níveis de autoestima e enfrentamento (Reis & Peixoto, 2013), entre outros. Moraes, Lima e Fernandes (2014) indicam que o meio familiar, o seu funcionamento e sua estrutura, podem representar, portanto, um fator de risco ou proteção no desenvolvimento das/os adolescentes.

É preciso dar atenção a todas essas e a muitas outras questões ao buscarmos compreender a adolescência. Entender a pluralidade da adolescência é primordial para que não sejam desenvolvidas análises superficiais, descontextualizadas e acríticas. A adolescência é um processo desenvolvimental complexo. É preciso que todas as influências sejam consideradas, para que possamos fugir da generalização e naturalização da adolescência.

### **Considerações finais**

A adolescência feminina ganhou espaço de discussão em nossa pesquisa de Mestrado e neste artigo devido à sua relevância. O meio científico costuma falar da realidade da adolescência masculina, como se essa fosse a única forma de adolescência existente (Marlise Matos, 2008).

A adolescência feminina, e de modo especial, a adolescência marcada pela presença de violência na vida familiar merece atenção. Intersseccionalidades quanto à raça, etnia, gênero, classe e lugar social precisam ser considerados. O fato é que a construção da adolescência feminina precisa ser melhor compreendida. Os papéis de gênero ensinados desde a infância

merecem destaque, porque são reforçados e constituem fatores determinantes na construção da identidade durante o adolescer.

O contexto familiar também foi destacado na pesquisa que originou este artigo. Compreender as interações entre manifestações de violência e a saúde mental de adolescentes, a partir das relações que estas/es têm, especialmente com suas mães e demais membros da família, torna-se uma questão relevante. O núcleo familiar não pode ser visto apenas como um lugar pacífico e amoroso. É preciso buscar a compreensão, através de um olhar sistêmico, dos contextos familiares marcados pela violência e suas complexidades. Estamos falando de um grupo de pessoas que ocupa um mesmo espaço. Cada uma dessas pessoas possui sua própria história e subjetividade.

Discussões sobre a adolescência ocorrem dentro de um modelo geral do que deve consistir este período do desenvolvimento. A visão generalizadora do adolescer tende a promover certa homogeneização deste processo. As particularidades, singularidades e interseccionalidades vivenciadas de diferentes maneiras pelas/os jovens que se encontram neste momento da vida, tendem a ser ignoradas ou negligenciadas.

Ao discorrer sobre a adolescência, múltiplos elementos precisam ser considerados. A adolescência é construída em um contexto específico, sob diversas influências históricas, relacionais, estruturais, familiares, sociais. Ressaltamos que, durante a realização de uma pesquisa, é preciso indicar: “sobre qual adolescência estamos falando?” A localização da adolescência auxilia no combate aos estereótipos, pré-conceitos e generalizações sobre este período.

## Referências bibliográficas

- Aguiar, N. (2000). Patriarcado sociedade e patrimonialismo. *Sociedade e Estado*, 15(2), 303-333.
- Amaral, C. C. G. (1997). *Relações familiares, adolescência, gênero e representações sociais de adolescentes*. Tese de Doutorado, Universidade de Campinas, São Paulo.
- Andrade, M. C. M. (2010). *Escola e gênero: produção de meninas e mulheres cidadãs?* Tese de Doutorado, Universidade de Campinas, São Paulo.
- Anjos, R. E. (2014). Aportes teóricos da psicologia histórico-cultural para a educação escolar de adolescentes. *Atos de pesquisa em educação – PPGE/ME*, 9(1), 106-126.
- Avanci, J. Q., Assis, S. G., Oliveira, R. V. C., Ferreira, R. M. & Pesce, R. P. (2007). Fatores Associados aos Problemas de Saúde Mental em Adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 287-294.
- Basmage, D. F. A. T. (2010). *A constituição do sujeito adolescente e as apropriações da internet: uma análise histórico-cultural*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS.
- Berni, V. L. & Roso, A. (2014). A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. *Psicologia & Saúde*, 26(1), 126-136.
- Birman, J. (2006). Tatuando o desamparo. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescentes* (pp. 25-43). São Paulo: Escuta.
- Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Caderno CEDES, Campinas*, 24(62), 26-43.
- Bordignon, J. C. (2015). *Psicologia e adolescência: o que revelam as pesquisas?* Dissertação de Mestrado, PUC-Campinas, São Paulo.
- Braga, L. L. & Dell, Aglio, D. D. (2013). Suicídios na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 6(1), 2-14.
- BRASIL. (2015). [*Estatuto da criança e do adolescente (1990)*]. Estatuto da criança e do adolescente [recurso eletrônico]: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. – 13. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara.
- Camacho, I. & Matos, M. G. (2007). Práticas parentais educativas, fobia social e rendimento acadêmico em adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 3(3), 37-55.
- Castro, M. G. & Abromovay, M. (2002). Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. *Cadernos de Pesquisa*, 116, 143-176.

- Cerqueira-Santos, E., Melo Neto, O. C. & Koller, S. H. (2014). Adolescentes e adolescências. In: L. F. Habigzang, E. Diniz & S. H. Koller (orgs.), *Trabalhando com adolescentes – teoria e intervenção psicológica* (pp. 17-29). Porto Alegre, Artmed.
- Ciampa, A. C. (1984). Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense.
- Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense.
- Cisne, M. (2015). Direitos humanos e violência contra as mulheres: uma luta contra a sociedade patriarcal-racista-capitalista. *Serviço Social em Revista*, 18(1), 138-154.
- Dell'Aglio, D. D., Santos, S. S. & Borges, J. L. (2004). Infração juvenil feminina: uma trajetória de abandonos. *Interação em Psicologia*, 8(2), 191-198.
- Diniz, G. (2011). Conjugalidade e Violência: reflexões sob uma ótica de gênero. In Terezinha Féres-Carneiro (Org.): *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 11-26). Editora Casa do Psicólogo.
- Diniz, G. R. S & Alves, C. O. (2015). Gênero e violência no namoro. In: S. G. Murta, J. S. N. F. Bucher-Maluschke & G. R. S. Diniz (orgs.), *Violência no namoro: estudos, prevenção e psicoterapia* (pp. 19-42). Curitiba, Appris.
- Ferreira, E. C. L. (2009). *Identidade, raça e representação: narrativas de jovens que ingressaram na universidade de Brasília pelo sistema de cotas raciais*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Ferreira, M. & Nelas, P. B. (2006). Adolescências... Adolescentes... *Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health*, 10(32), 141-162.
- Firbida, F. B. G., Nogueira, F. M., Romano, F., Teixeira Junior, M. & Silva, W. J. L. (2013). Adolescência a partir de uma perspectiva crítica em Psicologia. *Revista Catarse*, 1(2), 196-210.
- Gomes, C. A., Brasil, K. C. T. R. & Almeida, S. F. C. (2013). Adolescência: desafio da complexidade. *Interações*, 25, 1-12.
- Graf, L. P. & Diogo, M. F. (2009). Projeções juvenis: Visões ocupacionais e marcas de gênero. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 71-82.
- Grusec, J. E., & Davidov, M. (2010). Integrating different perspectives on socialization theory and research: A domain-specific approach. *Child Development*, 81, 687–709
- Justo, A. P. (2015). *Autorregulação em adolescentes: relações entre estresse, enfrentamento, temperamento e problemas emocionais e de comportamento*. Tese de doutorado, Campinas: PUC-Campinas.
- Jordão, A. B. (2008). Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. *Aletheia*, 27(1), 157-172.

- Leal, Z. F. R. G. & Facci, M. G. D. (2014). Adolescência: superando uma visão biologizante a partir da psicologia histórico-cultural. In: Z. F. R. G. Leal, M. G. D. Facci & M. P. R. Souza (Organizadoras). *Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação* (pp. 15-44). Eduem – UEM, Maringá – Paraná, Brasil.
- Lemos, C. G., Bueno, J. M. H., Balão, S. M. S., Silva, L. B., & Silva, P. L. (2005). Carreira profissional e relações de gênero: um estudo comparativo em estudantes universitários. *Boletim de Psicologia*, 55(123), 129-148.
- Levisky, D. L. (2002). Construção da identidade, o processo educacional e a violência – uma visão psicanalítica. *Pro-Posições*, 13(3), 99-112.
- Lombardi, M. R. (2006). Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. *Cadernos de Pesquisa*, 36(127), 173-202.
- López-Sáez, M., Puertas, S. & Sáinz, M. (2011). Why don't girls choose technological studies? Adolescents' stereotypes and attitudes towards studies related to medicine or engineering. *The Spanish Journal of Psychology*, 14(1), 74-87.
- Macedo, R. M. S. & Kublikowski, I. (2009). Valores positivos e desenvolvimento do adolescente: perfil de jovens paulistanos. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 689-698.
- Mascagna, G. C. (2009). *Adolescência: compreensão histórica a partir da escolar de Vigotski*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Paraná.
- Matos, M. (2008). Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Estudos Feministas*, 16(2), 333-357.
- Molina, L. P. P. (2013). Gênero, sexualidade e ensino de histórias nas vozes de adolescentes. *Antíteses*, 6(12), 489-525.
- Morais, N. A., Lima, R. & Fernandes, J. (2014). Adolescência e contexto familiar. In: L. F. Habigzang, E. Diniz & S. H. Koller (orgs.), *Trabalhando com adolescentes – teoria e intervenção psicológica* (pp. 101-117). Porto Alegre, Artmed.
- Moreira, D. P., Vieira, L. J. E. S., Pordeus, A. M. J., Lira, S. V. G., Luna, G. L. M., Silva, J. G. & Machado, M. F. A. S. (2013). Exposição à violência entre adolescentes de uma comunidade de baixa renda no Nordeste do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(5), 1273-1282.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 49-55.
- Nóbrega, L. P. (2010). A construção de identidades nas redes sociais. *Fragments de Cultura*, 20(1/2), 95-102.
- Oliveira, D. C., Fischer, F. M., Teixeira, M. C. T. V., Sá, C. P. & Gomes, A. M. T. (2010). Representações sociais do trabalho: uma análise comparativa entre jovens trabalhadores e não trabalhadores. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(3), 763-773.

- Ozella, S. & Aguiar, W. M. J. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 97-125.
- Paixão, D. L. L. (2008). *Direitos humanos e adolescência no contexto de uma sociedade violenta: um estudo de representações sociais*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Paixão, D. L. L. & Almeida, A. M. O. O retrato da adolescência e da juventude brasileira: o que revelam as pesquisas?. *Educação: Saberes e Práticas*, 1, 1-29, 2013.
- Perez, D. K. & Constantino, E. P. (2009). Representações sócias da adolescência e do adolescente em um projeto socioambiental no município de Assis-Sp. *Revista de Psicologia da Unesp*, 8(2), 131-140.
- Piaget, J. (1960). *The psychology of intelligence*. Patterson: Littlefield-Adams.
- Prioste, C. D. & Amaral, M. G. T. (2016). As fantasias virtuais das meninas e as vulnerabilidades na adolescência. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 10(nº especial), 1673-1686.
- Queen, A. H., Stewart, L. M., Ehrenreich-May, J. & Pincus, D. B. (2013). Mothers' and Fathers' Ratings of Family Relationship Quality: Associations with Preadolescent and Adolescent Anxiety and Depressive Symptoms in a Clinical Sample. *Child Psychiatry & Human Development*, 44, 351-360.
- Quiroga, F. L. & Vitalle, M. S. S. (2013). O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, 23(3), 863-878.
- Reis, I. G. & Peixoto, F. (2013). “Os meus pais só me criticam” – Relações entre práticas educativas parentais (perfeccionismo e crítica) e a autoestima, o autoconceito acadêmico, a motivação e a utilização de estratégias de self-handicapping. *Análise Psicológica*, 4(XXXI), 343-358.
- Ressel, L. B., Junges, C. F., Sehnem, G. D. & Sanfelice, C. (2009). A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 15(2), 245-250.
- Ressel, L. B., Sehnem, G. D., Junges, C. F., Hoffman, I. C. & Landerdahl, M. C. (2009). Representações culturais de saúde, doença e vulnerabilidade sob a ótica de mulheres adolescentes. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 13(3), 552-557.
- Rodriguez, S. N. & Damásio, B. F. (2014). In: L. F. Habigzang, E. Diniz & S. H. Koller (orgs.), *Trabalhando com adolescentes – teoria e intervenção psicológica* (pp. 30-41). Porto Alegre, Artmed.
- Roehrs, H.; Maftum, M. A. & Zagonel, I. P. S. (2010). Adolescência na percepção de professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(2), 421-428.

- Sá, D. G., Bordin, I. A. S., Martin, D. & Paula, C. S. (2010). Fatores de risco para problemas de saúde mental na infância/adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 6(4), 643-652.
- Sabat, R. (2001). Pedagogia cultural gênero e sexualidade. *Estudos feministas*, ano 9, 9-21.
- Sales, M. S. (2014). O processo de Constituição da identidade na adolescência: trabalho, classe e gênero. *Psicologia & Sociedade*, 26(nº especial), 161-171.
- Santos, M. F. S., Acioli Neto, M. L. & Souza, Y. S. O. (2011). Adolescentes em revistas: um estudo sobre representações sociais. *Psicologia: Teoria e Prática* 13(2), 103-113.
- Santos, R. G. & Martins, M. S. (2013). Adolescência e gênero: reprodução da hegemonia masculina. *II Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE; IV Seminário Internacional Sobre Profissionalização Docente – SIPD/CÁTEDRA UNESCO*, 18958-18974.
- Schoen-Ferreira, T. H. & Aznar-Farias, M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 6(2), 227-234.
- Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., Luyckx, K., Meca, A. & Ritchie, R. A. (2013). Identity in emerging adulthood: reviewing the Field and looking forward. *Emerging Adulthood*, 1(2), 96-113.
- Seron, C. & Prette, A. D. & Milani, R. G. (2011). A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(1), 154-164.
- Silva, M. A. I. (2011). Adolescence: resignify it to understand it and act. *Revista de Enfermagem da UFPE on line*, 6(3).
- Sousa, M. do C. & Moreira, M. I. C. (2012). Adolescência em Camadas Populares: Particularidade e Singularidade na Trama Escolar. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 7(1), 68-75.
- Souza, M. L. R. S. (2015). Gênero e escolha profissional. Trabalho de conclusão de curso. Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural. Universidade de Brasília, Brasília.
- Syed, M. & Seiffge-Kfrenke (2013). Personality Development From Adolescence to Emerging Adulthood: Linking Trajectories of Ego Development to the Family Context and Identity Formation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 104(2), 371-384.
- Taquette, S. R. (2009). Violência entre namorados na adolescência. *Revista Adolescência & Saúde*, 6(2) 6-12.
- Teodoro, M. L. M., Cardoso, B. M. & Freitas, A. C. H. (2010). Afetividade e conflito familiar e sua relação com a depressão em crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 324-333.

- Tomio, N. A. O. & Facci, M. G. D. (2009). Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, 12(1), 89-99.
- Traverso-Yépez, M. A. & Pinheiro, V. de S. (2005). Socialização de gênero e adolescência. *Estudos Feministas*, 13(1), 147-162.
- Villela, W. V. & Doreto, D. T. (2006). Sobre a experiência sexual dos jovens. *Caderno de Saúde Pública*, 22(11), 2467-2472.
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In A. Wagner e colaboradores (Orgs.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisa e reflexões* (pp. 19-35). Porto Alegre: Artmed.
- Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Flasco, Brasília – DF.

## ARTIGO 2

### MÃES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E IMPACTOS EM FILHAS/OS ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

**Resumo:** A violência contra a mulher no ambiente doméstico pode ser extensiva as/aos suas/seus filhas/os. Ao considerar a pluralidade da vivência da adolescência, o objetivo desta revisão de literatura foi identificar pesquisas de língua portuguesa e inglesa que apontassem repercussões que filhas/os de mulheres agredidas, expostas/os à violência vivenciada por suas mães, possam vir a apresentar no decorrer da adolescência ou no início da vida adulta. Uma série de critérios de inclusão nos permitiu selecionar vinte estudos empíricos de diversidade cultural considerável para análise. Os impactos sofridos pelas/os adolescentes foram divididos em seis categorias. As/os adolescentes sofrem impactos nos níveis: relacionais (afetivos e familiares), físicos, econômico, escolares e psicossociais. A violência doméstica atinge, de fato, outros membros das famílias, para além das mulheres que são diretamente agredidas. A exposição de filhas/os de mulheres agredidas às violências merece atenção.

**Palavras-chave:** Violência doméstica; violência intrafamiliar; adolescentes; impactos.

**Abstract:** Violence against women in the domestic environment can be extended to their children. Taking into consideration the plurality of adolescence, the purpose of this literature review was to identify articles in portuguese and english, that discussed the repercussions that children of battered women that are exposed to violence, may present in adolescence or early adulthood. A serie of inclusion criteria were used to select twenty empirical studies of considerable cultural diversity for analysis. The impacts suffered by adolescents were divided into six categories. Adolescents are impacted at the following levels: relational (affective and family life), physical, economic, learning and psychosocial. Domestic violence affects other family members, besides the women who are directly assaulted. The exposure of children/adolescents of women who suffer violence, deserves attention.

**Keywords:** Domestic violence; interfamily violence; adolescents; impacts.

#### Introdução

A palavra “violência” tem vários significados. Sergio Adorno (2011) indica que “violência” é oriunda do verbo latino *violare*, o mesmo que transgredir, profanar. Ao seguir a tradição clássica greco-romana, violência seria o desvio “do curso natural das coisas” (Adorno, 2011, p. 556). Nos dias atuais, por “violência” compreendem-se ações humanas opostas, que questionam e/ou perturbam a ordem social ou a paz reconhecidas perante a lei (Adorno, 2011).

No Brasil há a tendência de situações violentas não serem consideradas como tal. Marilena Chauí (2011) ressalta que a violência em nossa sociedade não é percebida como

estrutural, e sim, “como um fato esporádico de superfície” (Chauí, 2011, p. 349). A violência passa a ser vista apenas longe de nós e, por consequência, ignorada através de nossos olhares. Esta violência organiza e estrutura relações sociais. Ao rejeitarmos a quantidade de violências que perpassam o nosso dia-a-dia, reforçamos o processo de naturalização desta (Chauí, 2011).

Ao usarmos o termo “violências” no plural, a intenção é deixar evidente que existem múltiplas formas de manifestação das violências - verbal, física, emocional, social, política, de gênero, e que compreendemos que uma variedade de grupos e de pessoas são vítimas deste(s) fenômeno(s). A violência contra a identidade sexual e identidade de gênero, aos grupos LGBTT’s, aos indígenas, imigrantes, pessoas que se encontram em situação de rua, aos deficientes físicos e grupos étnicos raciais, são alguns exemplos.

A violência de gênero aparece como um tipo de violência que atravessa a vivência de mulheres de todas as idades e grupos sociais. Estas violências ocorrem de modo singular e específico. É necessário impedir que as vidas das mulheres sejam definidas de modo generalista, sem que interseções de raça, territorialidade, etnia, classe social, a inserção no sistema sexo/gênero, religião, entre outras, sejam consideradas.

A diferenciação da categoria “gênero” nos contextos de violência passa a ser discutida e visibilizada no Brasil a partir dos anos de 1970 e 1980 (Elizabeth Bicalho, 2001). Assassinatos de mulheres de classe média por seus ex-maridos, respectivos maridos ou companheiros, passam a ganhar atenção de autoridades e da mídia (Lourdes Bandeira, 2014). O caso mais notório foi o assassinato da socialite Ângela Diniz, um acontecimento que chamou a atenção e definiu eixos de lutas dos movimentos feministas em relação à violência contra a mulher (Miriam Grossi, 1993).

As pesquisas feministas têm importante papel neste cenário. Elas contribuíram no sentido de intervir e nomear o fenômeno da violência de gênero em diferentes esferas: na saúde, segurança pública e no judiciário (Bandeira, 2014). Promoveram também ações

descentralizadas e plurais, o que resultou na multiplicação de espaços nos quais os ideais feministas poderiam e podem ser inseridos (Gláucia Diniz & Cristina Vianna, 2014).

O movimento feminista ilumina a noção de que as mulheres são “vítimas preferenciais” da violência de gênero e pensa o fenômeno além da esfera familiar e privada (Bandeira, 2014, p. 453; Bandeira, 2005). Diferente das lutas feministas da França e Estados Unidos, os movimentos feministas no Brasil destacam a questão da violência contra as mulheres e o direito delas a uma vida livre de violências (Lia Machado, 2006).

Precisamos ressaltar que o contexto da sociedade brasileira é caracterizado pelo predomínio do espaço privado em relação ao espaço público (Chauí, 2011). A hierarquia familiar merece destaque, neste sentido. Os papéis masculinos e femininos em um contexto familiar são muito bem distribuídos através de estereótipos: as mulheres são as cuidadoras do marido, das/os filha/os e dos lares, enquanto os homens são os responsáveis pelo sustento econômico (Martha Narvaz & Sílvia, Koller, 2006).

Pesquisadoras e pesquisadores apontam que o patriarcado é o elemento principal que atua na determinação deste ambiente privado. Vivemos em uma cultura patriarcal, construída através das relações de poder e da determinação de papéis específicos a serem desempenhados por homens e mulheres (Gláucia Diniz, 2011; Heleieth Saffioti, 2003; Lourdes Bandeira & Ana Lièsi Thurler, 2010; Martha Narvaz & Silvia Koller, 2006). Além dos papéis a serem seguidos, homens e mulheres também tornam-se reféns de prescrições sociais e de estereótipos (Diniz, 2011)

Narvaz & Koller (2006) ressaltam que a família patriarcal é uma das matrizes da nossa organização social. No patriarcalismo é nítido o fato de que a mulher deve viver sua vida em função do homem e da família. Para o homem, a mulher precisa ser obediente e ter respeito e à família. Em outras palavras, a mulher deve dedicação ao homem e à família em todos os momentos de seu dia (Gláucia Diniz & Miriam Pondaag, 2004).

O patriarcado é uma trama pela qual a violência doméstica passa a fazer sentido, de acordo com Diniz e Pondaag (2004). Negar a experiência, invisibilizar e silenciar as mulheres são atitudes que podem ser consideradas como estratégias políticas para manter a dominação e a opressão feminina (Diniz & Pondaag, 2004). O sistema patriarcal nega e violenta as mulheres cotidianamente, segundo Mirla Cisne (2015).

O patriarcado é um fenômeno complexo, assim como a violência doméstica. É interessante perceber como estes dois constructos apresentam similaridades e influenciam na dinâmica e nas interações entre “conjugalidade” e “violência”. Na verdade, a violência doméstica é produzida e manifestada através da cultura patriarcal, como Bandeira e Thurler (2010) destacam.

Diniz (2011) ressalta que qualquer relação, seja hetero ou homoafetiva, é construída por meio de uma trajetória singular de conjugalidade. Ao pensarmos a vivência da conjugalidade perpassada por uma ou por várias expressões de violência, pensamos no paradoxo do amor que machuca, fere, maltrata e causa danos (Diniz, 2011).

A violência doméstica indica a necessidade do agressor em deixar uma marca na vítima (Bandeira & Thurler, 2010). O objetivo é a manutenção dos signos de controle, uma vez que é ressaltado “quem tem a autoridade e o comando na relação familiar, na comunidade conjugal, confirmando a delimitação dos papéis de cada um” (Bandeira & Thurler, 2010, p. 163).

As principais vítimas da violência doméstica são as mulheres, enquanto os homens são os maiores perpetradores (Julio Waiselfisz, 2015). Este dado é fornecido pelo último Mapa da Violência 2015 – Homicídio de Mulheres no Brasil. O Mapa ilumina, mais uma vez, a noção de que homens também são vítimas de violência, contudo são violências que ocorrem, em sua maior parte, no meio público. As mulheres, por outro lado, continuam sendo a maior parcela da população brasileira que sofre com diferentes tipos de violências, praticadas dentro de suas

próprias casas (Waiselfisz, 2015).

A violência contra a mulher tem múltiplos autores do sexo masculino. Bandeira e Thurler (2010) apontam que este tipo de violência pode ser cometido pelo marido ou companheiro da mulher, bem como pelo pai, irmão, cunhado, tio, avô, sem excluir também a pessoa que exerce a função de pai (padrasto).

Sabrina D’Affonseca e Lúcia Williams (2011) apontam a violência doméstica contra as mulheres como um problema mundial, de ordem social e de saúde pública, cujas vítimas independem de raça, etnia, classe social, religião, nacionalidade, grau de escolaridade e/ou idade. Esta violência tem como uma característica preocupante a brutalidade na qual os crimes vêm sendo cometidos, fator que gera graves sequelas às vítimas (Luciane Silva, Elza Coelho & Sandra Caponi, 2007; Waiselfisz, 2015). Um desafio que torna a violência doméstica um problema ainda maior, é o fato de que os episódios de violência são, na maioria das vezes, realizados na presença de crianças e adolescentes (Corrie Davies, Sarah Evans & David DiLillo, 2008).

O fato é que as/os filhos de casais que vivenciam uma relação conjugal de modo violento, mesmo quando não são vítimas diretas da violência, podem sofrer diferentes impactos devido à vivência em um núcleo familiar perpassado por violência(s) (Alytia Levendosky & Sandra Graham-Bermann, 2001; Bandeira, 2017; Bandeira & Thurler, 2010; D’Affonseca & Williams, 2011; Michael Reichenheim, Alessandra Dias & Claudia Moraes, 2006). A violência conjugal pode se estender e provocar danos, portanto, a todos os membros da família (Bandeira & Thurler, 2010).

A violência perpetrada contra a mulher, especialmente quando esta mulher já é mãe, afeta e prejudica “o bem-estar, a integridade física, psicológica, a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de qualquer membro da família, especialmente as crianças” (Bandeira & Thurler, 2010, p. 164). Neste cenário, um novo tipo de violência pode ser desenvolvido: a

violência intrafamiliar (Ministério da Saúde, 2001; Alcides Carneiro e Soraya Oliveira, 2008).

Diniz & Fábio Angelim (2003) ressaltam que estas/es filhas/os que crescem em contexto de violência, frequentemente apresentam dificuldades interpessoais e pessoais. É comum que crianças e adolescentes apresentem ansiedade, depressão, medo, isolamento e dificuldade de socialização. Distúrbios de aprendizagem e de atenção podem ser desenvolvidos, em conjunto com agressividade e irritabilidade com os colegas.

Ao pensar a violência doméstica contra mulheres-mães, tornou-se relevante compreender os impactos que adolescentes sofrem por presenciar este relacionamento violento. Entendemos a adolescência como um processo diverso e único. A construção da identidade e as necessidades de adolescentes serão construídos a partir dos meios em que elas/es vivem: psicológico, econômico, social, cultural e familiar (Lucia Ressel et al 2009).

O desenvolvimento emocional das/os filhas/os possui analogia com as relações que perpassam o dia-a-dia familiar. Este fato é apontado por Terezinha Férez-Carneiro (1998) ao afirmar que “o mais importante” para este tipo de desenvolvimento das/os filhas/os, o emocional, “é a qualidade da relação que se estabelece entre os membros do casal e entre estes e os filhos” (Férez-Carneiro, 1998, p. 386).

Ao pensar o cotidiano familiar permeado por violências, passamos a questionar o modo como este meio pode influenciar aqueles que vivem nele. Através da revisão de literatura, buscamos o acesso a pesquisas que indicam se existem impactos nas vidas de adolescentes que presenciam suas mães em situação de violência doméstica e quais são esses impactos.

## **Método**

O objetivo desta pesquisa foi compreender os impactos da exposição às violências, vivenciadas por adolescentes no contexto familiar. As interações entre gênero, violência e saúde mental foram consideradas, visto que estes três elementos são determinantes para se

compreender a dinâmica familiar, assim como o relacionamento conjugal (Diniz, 2011).

Iniciamos com a realização de uma extensa revisão bibliográfica. A revisão proposta foi do tipo integrativa (Lecy Moreira, 2014). Foram selecionados estudos empíricos em português (Brasil) e em inglês, para posterior análise. As referências das pesquisas utilizadas foram coletadas a partir das bases de dados PsycINFO, SciELO e MedLine, e no site de buscas Google Acadêmico (ou *Google Scholar*, na língua inglesa).

Foi utilizada uma combinação de múltiplos descritores nas buscas em bases de dados. Esta decisão foi tomada, devido à existência de um número relativamente restrito de produções sobre a temática pesquisada. Houve o intuito, portanto, de combinar vários descritores para conseguir um acesso amplo ao panorama de estudos que englobassem o conteúdo desta pesquisa.

Na pesquisa por artigos em inglês, utilizamos a combinação dos descritores: “adolescent” “exposure” “interparental” ou “parental violence” “effects” “witnessing” “witnessing violence” “violence” “domestic violence”. Em pesquisas de origem brasileira, os descritores e palavras-chave utilizados foram: “violência doméstica”, “impacto nos filhos”, “violência contra a mulher”, “filhos adolescentes”; “violência doméstica e adolescência”; “violência doméstica indireta”; “violência”, “família”, “adolescente”, “exposição à violência doméstica”.

A seleção dos artigos foi realizada com base em critérios de inclusão e exclusão. A partir da leitura do resumo, da seção de métodos e resultados de cada pesquisa, os seguintes critérios de inclusão foram aplicados: artigos empíricos; pesquisas que relatam os impactos em filhas/os apenas na fase da adolescência; estudos que tinham como foco o fato de filhas/os adolescentes presenciarem suas mães como vítimas de violência doméstica; artigos na língua inglesa ou portuguesa/Brasil; pesquisas dos últimos dez anos, ou seja, do ano de 2007 até 2017.

Dentre os critérios de exclusão, pensamos: dissertações de mestrado e teses de doutorado devido à dificuldade de acesso a todas desenvolvidas nos últimos dez anos; estudos ou artigos nos quais crianças são protagonistas, a fase do desenvolvimento que nos interessa é a adolescência; e artigos que consideravam apenas a violência doméstica cometida pelas mães contra os pais, afinal nosso interesse é como afeta em adolescentes ser expostos às violências sofridas por suas mães.

Na intenção de contemplar os objetivos da pesquisa, definimos previamente os conteúdos buscados e pesquisados nos artigos. Este passo nos auxiliou no procedimento de análises dos estudos que atenderam aos critérios de inclusão e exclusão. A partir dos critérios estabelecidos quanto aos termos a serem procurados nos artigos, agrupamos o material a partir da similaridade temática que eles têm entre si.

O Quadro abaixo auxilia na compreensão da divisão dos grupos, assim como quais foram os critérios e a definição destes:

**Quadro 1 – Grupos dos critérios e definições**

<b>Grupos dos critérios</b>	<b>Crítérios e Definições</b>
Grupo 1: Participantes	Quem são; inserção no sistema sexo-gênero; interseccionalidades; tamanho da amostra; cidade (quando indicada) e país que a pesquisa foi realizada; duração da pesquisa;
Grupo 2: A pesquisa	Objetivos e/ou hipóteses da pesquisa;
Grupo 3: Resultados	Impactos nas/os adolescentes (se existem ou não);

## Resultados

A partir dos critérios de exclusão e inclusão apresentados anteriormente, foram selecionados vinte (20) pesquisas empíricas, em um período de dez anos (2007-2017). Dentre os estudos que atenderam os critérios, apenas dois possuem origem brasileira e os demais são estudos estrangeiros.

Duzentos e quarenta e um (241) pesquisas empíricas foram encontradas relativas à língua inglesa. A combinação dos descritores “adolescent” “exposure” “interparental violence”, resultou em vinte e cinco (25) pesquisas. Destas, apenas seis (06) atenderem aos critérios de inclusão. A busca pelos descritores “effects” “witnessing” “domestic violence”, indicaram a duzentas e dezesseis (216) pesquisas. Foram retirados estudos repetidos, que não se encaixavam na escrita da língua inglesa e também não condiziam com os critérios de inclusão. Apenas doze (12) estudos relativos ao objetivo da presente pesquisa foram selecionados.

Em relação a pesquisas brasileiras sobre a temática, cento e quarenta e sete estudos foram encontrados (147). A múltipla combinação de descritores utilizadas na busca por artigos brasileiros foi a seguinte: “violência doméstica”, “impacto nos filhos”, “violência contra a mulher”, “filhos adolescentes”; “violência doméstica e adolescência”; “violência doméstica indireta”; “violência”, “família”, “adolescente”, “exposição violência doméstica”.

Apenas dois (02) artigos brasileiros atenderam aos critérios de inclusão, os demais foram descartados da análise devido aos critérios de exclusão. Através dos descritores, (duas) dissertações de mestrado e (quatro) teses de doutorado sobre a temática foram encontradas, entretanto tivemos de descartá-las para a análise, pois o foco da busca foi artigos científicos.

Antes de apresentar os resultados relativos aos artigos encontrados, alguns apontamentos precisam ser realizados. Acreditamos que essas ressalvas são relevantes para a presente pesquisa de revisão de literatura integrativa. A seleção dos artigos que condiziam com os critérios de inclusão, nos permite destacar que entender e/ou acessar os impactos da

presença de violências entre os pais nas/os adolescentes, não foi apresentado como o único objetivo ou como objetivo principal em grande parte dos artigos.

Identificar os impactos da presença de violências foi, muitas vezes, uma intenção dos estudos. Tal intenção foi observada, no entanto, em conjunto com outros processos presentes na vida familiar. Este fator pôde ser observado em doze (12) pesquisas selecionadas. Dentre outros temas que aparecem nas pesquisas cabe destacar: impacto na dinâmica familiar como um todo; maus-tratos; a ação de adrenocortical na insegurança emocional de adolescentes; violência fora do ambiente familiar - na escola, vizinhança - contra a/o adolescente.

É importante também destacar o fato de que artigos de origem inglesa consideram por “violência doméstica” o pai e a mãe na posição de vítimas e agressores. Nove (09) pesquisas em língua inglesa foram selecionadas, neste sentido.

Artigos que apresentam as características citadas nos dois parágrafos anteriores, fizeram parte da seleção. Iremos apresentar, contudo, apenas os resultados das pesquisas que atendem ao objetivo da presente revisão de literatura. Em outras palavras, consideramos nas pesquisas selecionadas os impactos em adolescentes em casos em que a violência doméstica é cometida pelo pai/homem, contra a mulher/mãe. A nossa decisão foi pautada em razão de manter a coerência com o objetivo desta revisão de literatura.

Apresentaremos os resultados encontrados nas vinte (20) pesquisas que contemplaram todos os critérios de inclusão, conforme destacado no Quadro 2:

**Quadro 2 – Resultados das pesquisas**

Pesquisadores	Grupo 1 Participantes	Grupo 2 Pesquisa	Grupo 3 Resultados
Marie Karlsson, Jeff Temple, Rebecca Weston e Vi Le (2016)  <u>Local:</u> Houston, Estados Unidos	-918, sendo: 514 mulheres e 404 homens;  -15 anos  -Variedade étnica (30% negras/os, 30% brancas/os e 32% latinas/os)	- Entender a relação entre presenciar violência entre os pais e o reflexo na violência física e psicológica presente nos namoros das/os adolescentes.	- De 5 adolescentes, 2 já presenciaram violência entre os pais; 1 em 5 já viveram violência física no namoro; 8 de 10 já viveram violência psicológica no namoro.  - Há diferença de gênero entre os impactos nas/os adolescentes, apenas na violência psicológica em relacionamentos: ela é observada mais em adolescentes mulheres.
Robert Franzese, Hebert Covey, Abigail Tucker, Leah McCoy e Scott Menard (2014)  <u>Local:</u> Estados Unidos	-Estudo longitudinal (período de 27 anos);  -1725 adolescentes, de 11 a 17 anos na primeira fase da pesquisa;  -Última fase realizada com 70% das/os participantes.	- Correlação entre a exposição dos adolescentes à violência dos pais - sofrer violência física, exposição à violência na vizinhança e presenciar violência entre os pais;  - Problemas físicos e mentais na fase adulta e procura por ajuda para a saúde mental.	- As mulheres tendem a procurar mais ajuda em relação à saúde mental do que os homens;  - As mulheres assumem com mais facilidade ter presenciado e sofrido violência;  - Meninas internalizam comportamentos e meninos externalizam;  - Foi constatada a presença de problemas de saúde mental nas meninas e de saúde física nos meninos.
Miriam Schiff, Maria Plotnikova, Kaeleen Dingle, Gail Williams, Jake Najman,	-Estudo longitudinal. Período de 21 anos;  -Participaram 2126 mulheres mães e seus filhas/os (não	- Compreender os impactos na saúde mental e no uso de substâncias por parte de adolescentes/jovens, por presenciarem conflitos e violência	- Em adolescentes homens, presenciar violência entre os pais é associado com transtorno de ansiedade;  - Para as meninas presenciar violência entre os pais está associado ao uso de álcool e maconha e pode afetar em

<p>Alexandra Clavarino (2014)</p> <p><u>Local:</u> Austrália</p>	<p>há diferenciação de sexo-gênero entre o número de filhas/os participantes);</p> <p>-Acompanharam as crianças com 3-5 dias após o nascimento, 6 meses, 5 anos, 14 anos e 21 anos.</p>	<p>entre os pais.</p>	<p>situação da menina estar grávida – com uso de substâncias durante a gravidez;</p> <p>- Presenciar violência entre os pais é também associado à depressão nas meninas.</p>
<p>Muhammad Haj-Yahia e David Bargal (2014)</p> <p><u>Local:</u> Sri Lanka</p>	<p>-1969 jovens de 18 a 37 anos, expostos à violência entre os pais na fase da infância ou adolescência;</p> <p>- 64,2 % Meninas e 35,8% Meninos;</p> <p>-As/os participantes tem uma variação étnica considerável: 83.8% das/os participantes eram mulçumanas/os; 16.2% cristãos; 72.9% da Cisjordânia, 25.8% de Jerusalém Oriental, 1.3% Faixa de Gaza, 42.5% vivem no meio rural, 49.5% moram na cidade e 8% moram em campos refugiados.</p>	<p>- Relação entre exposição à violência durante a infância (sofrer violência e ver violência), adolescência e fase jovem e a ocorrência de sintomas de transtorno de estresse pós-traumático na fase jovem;</p>	<p>- Quanto mais as/os participantes presenciaram a violência psicológica e física entre os pais na adolescência, maiores eram os níveis de sintomas de transtorno de estresse pós-traumático neles enquanto jovens;</p> <p>- Vivenciar a situação de violência na família é uma experiência traumática para os adolescentes e pode levar ao desenvolvimento do transtorno do estresse pós-traumático.</p>
<p>Michele Cascardi</p>	<p>-532 meninas adolescentes;</p>	<p>- Entender a relação entre o distress</p>	<p>- As violências familiares contribuem para o desenvolvimento de</p>

<p>(2016)</p> <p><u>Local:</u> Estados Unidos</p>	<p>- Amostra de diversidade étnica: 16% latinos, 53% brancas, 33% negras, 11% indianas;</p>	<p>psicológico (incluindo sintomas internalizados como depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático e dissociação), mau trato infantil, presenciar violência entre os pais nos primeiros anos da adolescência e ser vítima de violência no namoro em adolescentes mulheres.</p>	<p>sentimentos em adolescentes quanto: desvalorização, inadequação, ansiedade, desapego emocional;</p> <p>- Os sentimentos podem se manifestar por meio de uma variedade de sintomas, entre eles: depressão, ansiedade, dissociação, transtorno de estresse pós-traumático;</p> <p>- Juntos, esses sintomas podem diminuir a habilidade da adolescente mulher, em perceber sinais de que um relacionamento pode ser violento, devido ao impacto negativo na valorização de si mesma, desamparo e dificuldade em reconhecer o perigo.</p>
<p>Jonathan Grubb e Leana Bouffard (2016)</p> <p><u>Local:</u> Texas, Estados Unidos</p>	<p>- 700 homens e mulheres de 18 anos ou mais, relatando sobre experiências de vitimização direta ou indireta de violência;</p> <p>-Não especifica dados sobre as/os participantes.</p>	<p>- O objetivo é examinar os efeitos diretos e indiretos de ser vítima de alguma situação de violência (sexual, presenciar os pais em conflito) e sua relação com o medo de crimes, assim como a prevalência de situações de vitimização durante a fase adulta.</p>	<p>- Pessoas que passaram pela situação de presenciar a violência do pai contra a mãe, correm mais risco de serem vítimas de outros tipos de violências durante a fase adulta, do que pessoas que não foram expostas a um ambiente familiar violento;</p>
<p>Peter Rivera e Frank Fincham (2016)</p> <p><u>Local:</u> Estados Unidos</p>	<p>- 285 participantes, 243 mulheres e 42 homens;</p> <p>- 71% viveram com os pais em parte do ano, 2% viveram com os pais o ano todo e 27% viveram separadas/os dos</p>	<p>- A pesquisa estuda o papel do “perdão” na transmissão intergeracional da violência.</p>	<p>- Quanto mais os/as adolescentes veem os pais em situações violentas, maiores são as possibilidades de os jovens serem perpetradores de violência em namoros futuros ou ser vítimas de violência em namoros futuros;</p> <p>- Em situações de violência doméstica, o perdão do pai para a</p>

	<p>pais durante todo o ano;</p> <p>-70% são caucasianas/os, 12% latinas/os, 10% negras/os, 1% asiáticas/os, 1% nativas/os do Hawaii ou das Ilhas do Pacífico, 4% bi raciais e 2% não indicaram uma raça específica.</p>		<p>mãe/da mãe para o pai é considerado na pesquisa, como um dos fatores principais que faz com que a violência doméstica passe a ser repetida pelas/os filhas/os.</p>
<p>Herbert Covey, Scott Menard e Robert Franzese (2013)</p> <p><u>Local:</u> Estados Unidos</p>	<p>- Estudo longitudinal (27 anos);</p> <p>-Começou com adolescentes de 11 a 17 anos (1976-1977);</p> <p>-1725 participantes no início e, no final, 1173 participantes. Não define sexo-gênero das/os participantes, apenas comentam que há participantes de ambos os sexos e variedade de etnias.</p>	<p>- Examinar mudanças nas atitudes, padrões de interação, comportamento e situação econômica ao longo da vida das/os participantes;</p> <p>- Estudo com a finalidade de entender se o status econômico é afetado, em pessoas que já passaram por alguma situação de violência ao longo da vida - violência física, exposição à violência de vizinhos e presenciar violência entre os pais.</p>	<p>- Não há diferença considerável entre os impactos que sofrem meninos e meninas;</p> <p>- Adolescentes que presenciaram violência entre os pais em casa, tiveram um desempenho econômico ruim na vida adulta;</p> <p>- Apenas houve impacto na esfera econômica (patrimônio líquido e na renda familiar). Aspectos como educação ou condições do casamento, não foram afetados segundo este estudo.</p>
<p>Man Yee Ho e Fanny Cheung (2010)</p>	<p>- 405 adolescentes, 65% meninos e 35% meninas;</p> <p>-Estudantes secundaristas de</p>	<p>- Relação entre exposição à violência e ajustamento psicossocial.</p> <p>- A violência poderia</p>	<p>- Grande parte dos estudantes presenciou episódios de violência ou foi vítima de violência em casa ou na escola;</p> <p>- A maioria presenciou violência na</p>

<p><u>Local:</u> Hong Kong, China</p>	<p>duas escolas de Honk Kong;</p> <p>- De 11 à 18 anos de idade.</p>	<p>ser direta ou indireta, na escola, na comunidade e em casa (entre os pais ou entre os pais e adolescente).</p>	<p>comunidade, só um terço presenciou em casa;</p> <p>- A exposição à violência em casa foi relacionada a problemas emocionais e comportamentais e também ao funcionamento cognitivo (foi a única variável que afetou a cognição);</p> <p>- O problema cognitivo tem relação com problemas comportamentais;</p> <p>-O maior impacto é no funcionamento emocional das meninas;</p> <p>- A exposição à violência em casa tem influência no funcionamento psicossocial do adolescente, associado a problemas de comportamento (nos meninos) e emocionais (nas meninas).</p>
<p>Sylvie Mrug e Michael Windle (2010)</p> <p><u>Local:</u> Birmingham, Inglaterra</p>	<p>- Longitudinal;</p> <p>-603 adolescentes, 52% meninos, 78% negras/os, 20% caucasianas/os e 2% outros;</p>	<p>- Relação entre internalizar e externalizar problemas, e presenciar a violência ou ser vítima/o de violência na comunidade, em casa, na escola;</p>	<p>- Presenciar violência em casa desenvolve ansiedade e agressividade em adolescentes;</p> <p>- Presenciar a violência entre os pais e na escola, oferece impactos mais fortes aos resultados de internalizar e externalizar sentimentos.</p>
<p>Eduard Fernández, Lourdes Ezpeleta, Roser Granero, Núria Osa e Josep Domènech</p>	<p>- 144 participantes: Crianças e adolescentes, de 4 a 17 anos, filhas/os de mulheres que sofreram algum tipo de violência;</p> <p>- Considerados</p>	<p>- Relação entre diferentes tipos de exposição à violência doméstica (exposição, violência direta, envolvimento) e o desenvolvimento de possíveis psicopatologias e o</p>	<p>- Quanto maior o nível de exposição, maior o risco da psicopatologia;</p> <p>- As/os crianças e adolescentes que presenciam são mais introvertidos, não respondem a um nível emocional, são socialmente desapegada/os;</p> <p>- Filhos sofrendo agressões físicas ou</p>

(2011) <u>Local:</u> Barcelona, Espanha	apenas 72, por ser a parte da amostra que presenciou as agressões contra as mães.	comprometimento funcional nas/os filhas/os.	verbais são mais afetados por serem diretamente expostos. Eles sofrem de mais stress e encaram a situação como mais debilitante do que os que apenas presenciaram a violência.
Scott Menard, Andrea Weiss, Robert Franzese e Herbert Covey (2014) <u>Local:</u> Estados Unidos	- Pesquisa longitudinal;  - Quando iniciada, em 1976, eram 2360 participantes, de 11-17 anos;  - A última fase da pesquisa foi realizada em 2003, com 70% da quantidade inicial de participantes;  - Não há caracterização do número final de participantes da pesquisa.	- Compreender a relação entre adolescentes vítimas de violência física, que presenciaram violência entre os pais ou exposição à violência na comunidade e relacionamentos na fase adulta, a partir de perpetrar ou se tornar vítima da violência.	- Presenciar violência dos pais contra as mães na adolescência, não foi um fator determinante para que, na vida adulta, os participantes - homens e mulheres repetissem violência(s) contra seus parceiros ou serem vítimas de relacionamentos violentos.
Ana Santos e Carmen Moré (2011) <u>Local:</u> Brasil	- 10 mulheres que sofreram violência doméstica e denunciaram na Delegacia da Mulher.	- Caracterizar o impacto da violência na dinâmica relacional da família e a transgeracionalidade em famílias de mulheres que sofrem violência doméstica.	- Duas entrevistadas relataram que os filhos as agrediram verbal e fisicamente, assim como os companheiros das mesmas/pais dos adolescentes;  - Uma das mães ainda relatou que seu filho não só a agredia, como agredia a irmã e era violento também na escola e em comunidade, com os vizinhos. A violência não se restringiu a casa, mas “alcançou a rede social ampliada” (p. 231).
Júlia	- Oito adolescentes	- Entender a violência	- Presenciar cotidianamente a

<p>Magalhães, Nadirlene Gomes, Rosana Mota, Luana Campos, Climene Camargo e Selma Andrade (2017)</p> <p><u>Local:</u> Salvador, Bahia, Brasil.</p>	<p>participaram da pesquisa: cinco meninas e três meninos;</p> <p>-De 12 a 18 anos, maioria negra e sem religião específica.</p>	<p>intrafamiliar vivenciada por adolescentes e identificar se elas/es se veem em uma situação de violência;</p>	<p>violência entre os pais, compromete a integridade física, desencadeia adoecimento mental, sentimentos de tristeza, isolamento social, autolesão e pensamento suicida;</p> <p>- Há interferência também no desempenho escolar e deixa as/os adolescentes mais propensos ao uso de álcool;</p> <p>- A violência às mães são extensivas aos adolescentes - a maioria relatou que sofrem agressões físicas, humilhações, abandonos, negligência afetiva e financeira.</p>
<p>Susana Mustanoja, Anu-Helmi Luukkonen, Helin Hakko, Pirkko Räsänen, Hannu Säävälä, Kaisa Riala (2011)</p> <p><u>Local:</u> Oulo e Lapland Finlândia</p>	<p>-Participantes: 508 adolescentes de 12 a 17 anos, 40.9% meninos e 59.1% meninas.</p>	<p>- Relação entre exposição à violência doméstica e a violência que ocorre fora de casa, com comportamentos relacionados ao <i>bullying</i>.</p>	<p>- Meninos que presenciaram os pais em violência são mais propensos a ser vítimas de <i>bullying</i> na escola, do que meninos que não presenciaram os pais em uma situação de violência;</p> <p>- Nas meninas houve o desenvolvimento de algum transtorno de ansiedade;</p> <p>- O ciclo da vitimização começa em casa, vendo a mãe em uma situação de violência;</p> <p>- O ciclo vicioso leva as pessoas a desenvolverem baixa autoestima, depressão, medo e incapacidade de ser assertivo com as pessoas ou se tornam em pessoas distantes.</p>
<p>Hye Choi e Jeff Temple (2016)</p>	<p>- Pesquisa longitudinal, com 1042 alunas/os de sete escolas no Texas;</p>	<p>- Pesquisa o desenvolvimento, estabilidade e mudança da vitimização em violência no namoro na</p>	<p>- Adolescentes meninas expostas à violência entre os pais, são mais propícias em mudar de um relacionamento tranquilo, para um agressivo, especialmente se</p>

<p><u>Local:</u> Texas, Estados Unidos</p>	<p>- 56% eram meninas, a média de idade era de 15.1 anos;</p> <p>- Variedade étnica: 32% latinas/os, 30% brancas/os, 29% negras/os e 9% outras/os. A pesquisa aconteceu de 2010 à 2013.</p>	<p>adolescência, durante algum tempo na fase jovem;</p>	<p>comparado com adolescentes não expostas à violência;</p> <p>- Adolescentes meninas expostas a violência entre os pais, também são prováveis de permanecer ou se envolverem em um relacionamento violento, principalmente se comparado com adolescentes que não presenciaram a violência entre os pais.</p>
<p>Kathleen Bergman, E. Cummings, Patrick Davies (2014)</p> <p><u>Local:</u> Estados Unidos</p>	<p>- 266 adolescentes, com mães e pais;</p> <p>-As/os adolescentes tinham de 12 a 16 anos, e 47.5% eram do sexo feminino;</p> <p>- Há uma variedade étnica no estudo, com americanos, europeus, africanos, latinos, asiáticos, indianos, entre outros.</p>	<p>- Relacionar a violência entre os pais, problemas de ajustamento e a ação de adrenocortical na insegurança emocional de adolescentes;</p>	<p>- Há uma relação direta entre a agressão no casamento e a internalização dos adolescentes de problemas de comportamento;</p> <p>- Adolescentes apresentam insegurança, sintomas depressivos e ansiosos, à medida que os pais se relacionam violentamente;</p>
<p>Jeff Temple, Ryan Shorei, Susan Tortolero, David Wolfé e Gregory Stuart (2013)</p> <p><u>Local:</u> Houston,</p>	<p>-Estudo longitudinal;</p> <p>-Participaram 917 alunos de cinco escolas de Houston, de 14 a 16 anos;</p> <p>-Maioria mulheres e negras/os, com participação de latinas/os e</p>	<p>- Entender a relação entre exposição à violência na família e a repetição de comportamentos violentos durante o namoro na adolescência.</p>	<p>- A violência do pai com a mãe causa impacto nas meninas, pois faz com que as meninas aceitem a violência masculina e a naturalizem;</p> <p>- Em relação aos meninos, só foi apontada relação entre violência da mãe com o pai e a influência dos meninos repetirem a violência devido ao comportamento da mãe;</p> <p>- A violência física no namoro, para as meninas, é associada à violência pai-</p>

Texas, Estados Unidos.	brancas/os também.		mãe;  - As meninas parecem repetir mais comportamentos violentos em seus relacionamentos (violência física e psicológica);  - Os relacionamentos das meninas nessa pesquisa, duram mais do que os dos meninos.
Muhammad Haj-Yahia, Orya Tishby e Piyanjali Zoysa (2009)  <u>Local:</u> Sri Lanka	- Participantes: 476 estudantes de medicina, de 19 a 34 anos, que relataram sobre experiências da infância e adolescência.  Maioria das participantes eram mulheres (50.6%);  - Variação étnica.	- Relação entre exposição à violência familiar (presenciar os pais em situação de violência ou ser vítima direta da violência) durante a adolescência ou infância, e o transtorno do estresse pós-traumático.	- Quanto mais velhos os pais das/os participantes, mais as/os participantes haviam presenciado violência doméstica;  - Quanto maior a família, mais vezes as/os adolescentes presenciavam a violência entre os pais;  - Quanto menos a família era um ambiente de apoio, mais frequente os adolescentes presenciavam a violência entre os pais;  - Não há uma diferença significativa entre meninos e meninas e os efeitos de presenciarem a violência entre os pais;  - Os resultados apontaram para uma correlação entre experiência com violência entre os pais e os níveis de estresse pós-traumático. Quando havia algum acontecimento violento, os níveis de stress subiam. Quando a família era considerada como disfuncional, no decorrer da pesquisa, ou rejeitadora, os níveis de estresse pós-traumático eram maiores.
Brenda Lohman,	-Jovens e adultas/os (19-23 e 27-31)	-Impactos da transmissão	- A exposição ao estresse familiar é associada com a violência nos

<p>Tricia Neppl, Jennifer Senia e Thomas Schofield (2013)</p> <p><u>Local:</u> Iowa, Estados Unidos</p>	<p>relatando sobre infância e adolescência;</p>	<p>intergeracional da violência psicológica praticada entre os pais.</p>	<p>relacionamentos íntimos na fase adulta;</p> <p>- Na fase jovem, as dificuldades acadêmicas são relacionadas com problemas de estresse na família. As autoras e o autor apontam que, diferentemente de outros estudos, este não aponta que a violência entre os pais tem influência na transgeracionalidade da violência, em relacionamentos futuros das/os filhas/os.</p>
---	---	--	--

## Discussão

Os dados apresentados no quadro acima sintetizam as pesquisas analisadas, que incluíram os impactos das violências em filhos e filhas adolescentes e jovens adultos. As pesquisas relatam casos de violência em vários países e continentes. Alguns desses estudos foram de natureza longitudinal.

Apenas uma pesquisa, realizada por Menard et al (2014), indicou que não foram constatados impactos na vida e na saúde de adolescentes que presenciaram situações de violência de seus pais contra suas mães. As outras dezenove (19) pesquisas incluídas na presente revisão de literatura apontaram diferentes repercussões vividas por adolescentes e jovens adultos, do sexo masculino e feminino, por viverem ou terem vivido em contexto perpassado pela violência doméstica sofrida por suas mães.

Os impactos que adolescentes e jovens adultos sofrem neste contexto são diversos e atingem tanto dimensões da saúde física quanto mental, assim como outras esferas da vida. Agrupamos todos os resultados em seis categorias principais, com a intenção de facilitar sua

compreensão.

Foram encontradas na literatura as seguintes categorias:

1) Relacionamento afetivo/amoroso - Estudos de: Rivera e Fincham, 2016; Karlsson et al, 2016; Santos & Moré, 2011; Choi & Temple, 2016; Temple et al, 2013; Lohman et al, 2013 e Grubb & Baufford, 2016);

2) Impacto econômico - Estudo de: Covey, Menard & Franzese, 2017;

3) Funcionamento psicossocial - Estudos de: Ho & Cheung, 2010; Fernández et al, 2011; Magalhães et al, 2017; Cascarde, 2016; Schiff et al, 2014; Magalhães et al, 2017; Mustanoja et al, 2011; Mrug & Windle, 2010; Bergman, Cummings & Davies, 2014; Haj-Yahia, Tishby & Zaysa, 2009; Franzese et al, 2014 e Haj-Yahia & Bargal, 2014;

4) Desempenho acadêmico e relacionamento com colegas - Estudos de: Mustanoja et al, 2011; Lohman et al, 2013; Ho & Cheung, 2010;

5) Integridade física - Estudos de: Magalhães et al, 2017 e Franzese et al, 2014;

6) Relacionamento familiar – Estudos de: Haj-Yahia, Tishby & Zaysa, 2009; Magalhães et al, 2017; Santos & More, 2011).

As categorias, em sua maior parte, são compostas por múltiplos indicadores, com base nos resultados das pesquisas. A construção das categorias foi pensada de acordo com a similaridade de conceitos e dos resultados apontados pelas pesquisas.

A primeira categoria “*Relacionamento afetivo/amoroso*” é composta por elementos relacionados à possibilidade de perpetração ou vitimização de violência em relacionamentos futuros. A violência no namoro na adolescência também é um dado apresentado.

A categoria “*Impacto econômico*” é composta por apenas uma pesquisa. Essa pesquisa constatou a presença de impactos socioeconômicos na vida adulta de adolescentes que

presenciaram as mães como vítimas de violências.

Na categoria “*Desempenho acadêmico e relacionamento com colegas*” foram englobadas pesquisas que apontavam a presença de baixo desempenho acadêmico e comprometimento do funcionamento cognitivo. Essas pesquisas apontavam também que os relacionamentos com colegas tendiam a ser marcados pela presença de agressividade e *bullying*, com adolescentes ocupando papéis de vítimas e/ou agressores. A categoria “*Integridade física*” é composta por estudos que apontaram a presença de ideação suicida e/ou de agressões por parte do agressor, extensivas aos adolescentes.

Os maiores impactos em adolescentes, em termos de quantidade, são discutidos em duas categorias. Tais categorias são: “*Funcionamento psicossocial*” e “*Relacionamento familiar*”.

Na categoria “*Funcionamento psicossocial*” é apontado o adoecimento mental das/os adolescentes, a partir do desenvolvimento de sintomas ou quadros psicopatológicos. Foram elencados vários sintomas que merecem atenção em função de sua gravidade e possíveis impactos futuros: depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, dissociação. O uso de drogas lícitas e ilícitas também é ressaltado, porque pode levar ao/e/ou favorecer o desenvolvimento de algum quadro depressivo ou de ansiedade. Há também a possibilidade de o referido uso gerar relacionamento/comportamento social de internalização e externalização de sentimentos, além de comprometer o funcionamento cognitivo.

Há outros processos que merecem atenção. Dizem respeito à presença de sentimentos de desvalorização de si e de autoestima baixa, inadequação, desapego emocional, introversão. Ficou evidente a presença de indicadores graves de dificuldades emocionais tais como agressividade, pensamento suicida, autolesão, insegurança, isolamento social, problemas de comportamento e problemas emocionais.

A outra grande categoria é relativa ao “*Relacionamento familiar*” das/os adolescentes.

A maioria dos estudos aponta para a existência de um contexto familiar ruim e/ou disfuncional. O núcleo familiar é composto por pais agressores e/ou negligentes afetiva e financeiramente com filhas/os. O relacionamento das/os adolescentes com os pais agressores ou mães vítimas também sofre modificações através do contexto de violência doméstica.

Um dado interessante é que os resultados das pesquisas possuem interação com as outras categorias. O relacionamento familiar perpassado pela violência, como um exemplo, pode estar associado com altos níveis de estresse e ansiedade (*“Funcionamento psicossocial”*), assim como baixo desempenho escolar (*“Desempenho acadêmico e relacionamento com colegas”*).

Os dados coletados deixaram evidente a tendência à repetição do comportamento/relacionamento agressivo vivenciado entre pais. A repetição se dá não apenas em relacionamentos afetivos, mas contra membros da própria família. As pesquisas apontaram que o comportamento agressivo é repetido principalmente por adolescentes do sexo masculino. As violências passam a ser perpetradas pelos filhos dentro de casa, com a própria mãe, irmã, assim como fora deste núcleo, com os/as colegas da escola, amigos ou pessoas da comunidade.

É importante ressaltar a amplitude de impactos que tanto adolescentes, assim como em jovens adultos, sofrem ao presenciarem suas mães vivenciarem situações de violência perpetradas por seus pais ou padrastos. As pesquisas consultadas através da revisão de literatura indicaram seis categorias de impactos.

Há ampla variedade de impactos em diferentes esferas da vida. Da saúde física e/ou mental, ao relacionamento com outras pessoas, à vivência em lares permeados pela violência doméstica contra as mães, ao desempenho acadêmico e até mesmo a condição socioeconômica como variável de análise, todos estes elementos, impactam negativamente no desenvolvimento de adolescentes.

A presente revisão bibliográfica apontou também que a violência presenciada ainda na adolescência gera impactos que permanecem para além deste período do desenvolvimento e adentram a idade adulta. Dentre as pesquisas que foram incluídas para análise, sete (07) correspondiam a estudos longitudinais (Choi & Temple, 2016; Covey, Menard, & Franzese, 2017; Franzese et al, 2014; Menard et al, 2014; Mrug & Windle, 2010; Schiff et al, 2014 e Temple et al, 2013). Em todos estes estudos, foram apontados diferentes impactos que permaneceram até a fase adulta, provenientes das vivências dos participantes, enquanto adolescentes, perpassadas pela violência doméstica. Falamos de “jovens adultos” por este motivo.

Algumas pesquisas longitudinais destacaram a reprodução da violência em relacionamentos, o uso de álcool e drogas ilícitas, impactos na saúde mental e em comportamentos. Cabe destacar também uma pesquisa que investigou a questão de impactos socioeconômicos na vida de adolescentes e jovens adultos que presenciaram violências. Todas essas variáveis indicam a permanência de impactos durante a vida adulta, pelo fato dos adolescentes terem visto suas mães sendo violentadas durante o adolescer.

A relação estabelecida na pesquisa de Covey, Menard & Franzese (2017) quanto à organização socioeconômica na vida adulta, é interessante e inovadora. Esta não é uma relação comumente visada nas pesquisas da área que foram consultadas: apenas um estudo visou englobar e relacionar estes temas.

Vimos que a ocorrência de modificações no desempenho acadêmico e/ou na vida escolar de adolescentes e jovens adultos, cujas vidas são marcadas pela presença de violências em seus lares é uma temática explorada. As pesquisas apontam que filhas/os que veem suas mães em situação de violência, apresentam um desempenho acadêmico ruim na juventude (Lohman et al, 2013).

O relacionamento com os e as colegas na escola também é prejudicado. Adolescentes

que vivem em lares violentos tendem a repetir os comportamentos agressivos com os colegas através do *bullying*. Outro cenário é que as adolescentes se insiram em um ciclo de vitimização, passando a aceitar e ser vítimas de *bullying* (Mustanoja et al, 2011) e de violências no namoro.

Relacionar a adolescência, o meio escolar e a violência é uma temática que vem ganhando destaque, segundo Carolina Lisboa, Débora Campos, Guilherme Wendt e Tatiane Dias (2014). Pesquisas acerca dessa temática têm uma função importante. Elas auxiliam na compreensão de educadores e pais acerca dos impactos provenientes de acontecimentos que ocorrem dentro das casas, no comportamento de adolescentes. A realização de pesquisas sobre essa temática atua em conjunto com a construção de políticas públicas próprias para a realidade escolar específica de cada uma das instituições do Brasil (Lisboa et al, 2014).

A diversidade de resultados sobre os impactos da violência doméstica para além da mulher agredida, não é uma surpresa. Tal fato ilumina mais uma vez a noção da complexidade da violência doméstica, assim como dos múltiplos danos que ela pode causar para todas as pessoas envolvidas.

A violência doméstica diz respeito a uma violência que acontece no contexto familiar. Sabemos que o modelo de relacionamento presente neste contexto representa uma importante influência na estruturação identitária e psíquica daquelas/es que fazem parte desse núcleo, no caso dessa pesquisa adolescentes e jovens adultos (Joviana Avanci et al 2007; Alexander Queen, Lindsay Stewart, Jill Ehrenreich-May & Donna Pincus, 2013).

A ideia de “família” é associada ao primeiro sistema no qual o indivíduo interage com o meio social (Nadielene Gomes, Normélia Diniz, Anne Araújo, Tâmara Coelho, 2007). A família é, assim, um “microsistema no qual cada membro tem uma posição e um papel socialmente definido” (Gomes et al, 2007, p. 505). É possível observar características de cada etapa do ciclo vital, o lugar de cada um/uma na ordem familiar, relacionada a um lugar de

organização estrutural, funcional (Gomes *et al*, 2007) e também emocional.

As ideias de “ordem” e “hierarquia” desenvolvidas no meio familiar apresentam relação com os impactos sofridos por filhas/os de mulheres agredidas, especialmente no que concerne à ideia de repetição da violência em relacionamentos futuros. Aqui, fazemos referência aos resultados apontados na categoria “*Relacionamento Afetivo/Amoroso*”. Adolescentes que presenciam no dia-a-dia as mães como vítimas de violências domésticas, são propensos a repetirem o quadro de violência, seja como vítimas ou como perpetradores.

O trabalho de Silvia Benetti (2006) também aponta que filhas/os que presenciam conflitos familiares que acontecem de modo agressivo e vivenciam o estresse gerado por esses eventos tendem repetir tais comportamentos. Eles também podem desenvolver a tendência de resolver situações problemáticas e/ou difíceis por meio do uso da mesma forma de agressão que ela/ele viu acontecer anteriormente em sua família (Benetti, 2006).

Processos de identificação ou mimetismo podem levar adolescentes e jovens adultos a vir a se comportar do mesmo modo agressivo com irmãos, colegas de escola e, no futuro, até mesmo com a/o sua/seu companheira(o) (Silva, Coelho e Caponi 2007). Este dado é indicado nos resultados de pesquisas que fizeram parte da presente revisão de literatura.

As pesquisas de Choi e Temple, 2016; Grubb e Baufford, 2016; Karlsson et al, 2016; Lohman et al, 2013; Rivera e Fincham, 2016; Santos e Moré, 2011 e Temple et al, 2013 destacam a repetição de atos violentos vistos em casa, em relacionamentos futuros. Tal repetição pode inclusive ter início ainda na fase da adolescência, quer sejam esses relacionamentos amorosos ou de amizade, na escola ou em experiências na comunidade.

A pesquisa de Santos e Moré (2011) indicou a repetição do comportamento agressivo de filhos adolescentes até mesmo em relação a membros da família. No estudo, fica constatado mais de um caso em que filhos adolescentes passam a agredir fisicamente mães e irmãs, após ver os companheiros das mães, agindo violentamente em relação a elas.

O conceito de “transgeracionalidade” abordado por Medeiros (2010) é bem-vindo, neste cenário. A transgeracionalidade indica a possibilidade de repetição, ou seja, que a violência conjugal, ao ser presenciada pelas/os filhas/os, possa ser expandida a outras gerações. A repetição pode ocorrer em função da naturalização da ideia de relacionamento violento, aprendida e construída através do casamento dos pais e/ou outros familiares (Medeiros, 2010).

A literatura indica também que há diferenças nas/os adolescentes, no que concerne às respostas e ao manejo em lidar com as várias manifestações de violência familiar. Distinções estas que dependem de vários fatores, e merece destaque entre eles, as questões de gênero (Stephanie Holt, Helen Buckley e Sathbh Whelan (2008). Através das pesquisas consultadas para esta análise, tivemos a oportunidade de chegar à mesma conclusão que as autoras supracitadas.

Dentre as vinte (20) pesquisas selecionadas para esta revisão de literatura, oito (08) apresentaram diferenciação entre os impactos vivenciados por adolescentes, dependendo do sistema sexo-gênero. As pesquisas apontam que as adolescentes do sexo feminino são as pessoas que mais sofrem por presenciar as mães em situação de violência doméstica (Cascardi, 2016; Choi & Temple, 2016; Franzese et al, 2014; Karlsson et al, 2016; Santos & Moré, 2011; Schiff et al, 2014; Temple et al, 2013; Ho & Cheung, 2010).

As oito pesquisas que apontam as meninas/mulheres como as mais afetadas pela violência sofrida pelas mães, destacam, em sua maioria, que o modo que as adolescentes mais sofrem esses impactos é através da repetição. Em outras palavras, as adolescentes tendem a vivenciarem relacionamentos violentos assim como suas mães.

Uma pesquisa aponta as adolescentes como possíveis perpetradoras e vítimas de violência (Temple et al, 2013). Grande parte dos estudos, por outro lado, aponta maior probabilidade das jovens serem apenas vítimas de relacionamentos perpassados por

violência(s) (Cascardi, 2016; Choi & Temple, 2016; Ho & Cheung, 2010; Karlsson et al, 2016).

Entre as que promovem uma diferenciação dos impactos a partir do sistema sexo-gênero, apenas duas apontaram que ver a mãe em situação de violência doméstica, não é considerado como um fator determinante para viver a violência em futuros relacionamentos (Lohman et al, 2013; Menard et al, 2016). Seis pesquisas, por outro lado, destacaram a relevante relação entre presenciar agressões à mãe por parte do pai e/ou padrasto e reproduzir, em relacionamentos futuros ou mesmo ainda na adolescência, a condição de vítimas em relacionamentos violentos (Cascardi, 2016; Choi & Temple, 2016; Grubb & Bouffard, 2016; Karlsson, 2016; Rivera & Fincham, 2016; Temple et al, 2013).

Os índices de violência no namoro entre adolescentes são reconhecidos atualmente como um relevante problema de saúde pública, segundo Karine Santos e Ana Galinkin (2015). O trabalho de Santos e Galinkin (2015) revela que as violências provocadas pelas/os parceiras/os e vividas pelas adolescentes são variadas, podem ser tanto de ordem física quanto psicológica.

A possibilidade de adoecimento das e nas relações interpessoais, seja através da perpetração de atos e comportamentos violentos contra as/os parceiras/os ou por meio de tornar-se vítima de relacionamentos violentos, possui relação com os papéis de gênero impostos pela cultura do patriarcado. Os homens aprendem desde a infância, que na sociedade devem desempenhar o papel do dominador, controlador, chefe da casa e aquele que determina as regras. O lugar direcionado às mulheres é o da submissão, delicadeza e obediência (Diniz, 2011; Bandeira 2014).

O processo de hierarquização presente nas famílias é explicado no sentido de que “as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece” (Chauí, 2011, p. 353). As desigualdades impostas são um

reflexo das assimetrias e diferenças entre o poder masculino versus o poder feminino, o que reforça a dinâmica mando-obediência (Chauí, 2011).

O restante das pesquisas aponta em diferentes direções quanto à diferenciação de impactos em meninos e meninas. Santos e Moré (2011) destacam que filhos homens (ao invés das filhas mulheres), são mais propensos a repetir a agressividade dos pais contra as mães, dado que já discutimos anteriormente. Franzese et al (2014) indicam que mulheres/meninas tendem a procurar mais ajuda e a assumir que sofreram com a violência presenciada, do que os homens/meninos.

A pesquisa de Schiff et al (2014), indica que adolescentes do sexo masculino e feminino que vivenciam a violência entre seus pais, recorrem de maneiras distintas ao uso de drogas lícitas e ilícitas. Os sintomas de ansiedade também não são manifestados da mesma forma nas/os adolescentes. Ao presenciar os pais em situação de violência e, posteriormente, separação, uma das hipóteses levantada pelas autoras e pelo autor, é de que as meninas se permitem lamentar a violência ou separação dos pais, enquanto os meninos lamentam ou sofrem menos no momento da violência/separação.

Através das últimas duas pesquisas citadas anteriormente (Franzese et al, 2014 e Schiff et al, 2014) é possível destacar que uma possibilidade para explicar as maneiras distintas das violências afetarem as adolescentes do sexo feminino e de adolescentes do sexo masculino, é devido à construção dos papéis de gênero. As duas pesquisas ressaltam a possibilidade das mulheres lidarem e expressarem suas emoções, enquanto esta ação é evitada pelos homens. Valéria Silva (2017) indica que estes papéis de gênero são construídos historicamente e, por consequência, naturalizados, fator que dificulta a possibilidade de reflexão e de mudança.

A questão da repetição do papel de vítima em relacionamentos amorosos na adolescência ou na fase adulta, também pode ser vista sob esta mesma ótica. Nenhum estudo

acessado na presente pesquisa explora a vitimização dos homens em relacionamentos amorosos. Há um artigo que discorre sobre a vitimização de adolescentes homens, entretanto é no ambiente escolar, como vítimas de *bullying* (Mustanoja et al, 2011).

As mulheres são mais propensas a vivenciar a realidade de vítimas. Assim como as mulheres, os homens também repetem comportamentos de um de seus pais, entretanto, são os comportamentos agressivos, que podem torná-los possíveis perpetradores de violências em relacionamentos futuros (Rivera & Fincham, 2011; Santos & More, 2011 e Temple et al, 2013) e não vítimas, segundo os artigos consultados.

Nesse contexto faz-se necessário perguntar: por que as adolescentes tendem a se envolver em relacionamentos violentos assim como suas mães? As pesquisas de Camila Seron, Almir Del Prette e Rute Milani (2011) e Adriana Wagner, Denise Falcke, Luiza Silveira e Clarisse Mosmann (2002), realizada com adolescentes do sexo feminino, auxiliam a elucidar esta questão.

Segundo Seron, Del Prette & Milani (2011), quando perguntadas sobre a pessoa que mais se identificam, a figura da mãe apareceu como a mais respondida pelas adolescentes. O resultado encontrado na pesquisa de Wagner, Falcke, Silveira e Mosmann (2002) indica que a mãe é aquela pessoa com quem as adolescentes mantêm um maior diálogo no contexto familiar, especialmente, diante de algum problema ou angústia.

A figura materna representa importância ímpar na vida de filhas adolescentes. Estas recebem e percebem o referencial vindo daquelas. As mães atuam também no compartilhamento de angústias e ajudam a(s) filha(s) a conhecer tanto os papéis sociais, quanto a própria feminilidade em construção da adolescente. A mãe possui o papel de ser “mediadora entre a filha e os acontecimentos externos” (Seron, Prette & Milani, 2011, p. 160).

Seron, Prette e Milani (2011) indicam também que as adolescentes buscam na figura

materna um modelo de identidade feminina a ser seguido. Por meio dessa identificação, as adolescentes começam a ter sua identidade desenvolvida através de atributos que são compartilhados no contexto desse relacionamento (Seron, Prette & Milani, 2011).

Relacionar a vivência em lares transpassados pela violência contra as mulheres-mães e os potenciais riscos às vidas de adolescentes é uma tarefa complexa. A violência doméstica já é por si só, um fenômeno de difícil compreensão. Já a adolescência é um período do desenvolvimento que tende a ser compreendido de modo simplificado, sem que sejam consideradas as múltiplas vivências e influências que compõem o processo de adolecer.

A adolescência é caracterizada por sua vulnerabilidade. Cristina Nunes, Cynthia Sarti, Conceição Ohara (2009) destacam que esse lado vulnerável das/os adolescentes, pode ser potencializado por fatores econômicos, psicossociais e também agravar as suas relações e sua saúde global. São muitas as transformações que acontecem durante a adolescência. O desenvolvimento da/o adolescente é marcado por um conjunto de fatores. Ela/e recebe influências de sua cultura, história e das relações que estabelece na família e em outros grupos sociais (Vanessa Berni & Adriane Roso, 2014).

A partir de relações violentas expressas no meio familiar, a literatura nos mostra que outro sofrimento que adolescentes podem apresentar, é relativo ao “*Funcionamento Psicossocial*”. Dentre as seis categorias encontradas na literatura, a que apresenta um maior número de estudos é a que problematiza as perspectivas comportamentais, relacionais e psíquicas de adolescentes que vivem neste contexto familiar específico. A depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático, são os quadros psicopatológicos mais citados na literatura empírica consultada (Bergman, Cummings & Davies, 2014; Cascardi, 2016; Haj-Yahia & Bargal, 2014; Magalhães et al, 2017; Mrug & Windle, 2010; Schiff et al, 2014).

Situações traumáticas podem influenciar na capacidade de resiliência dos adolescentes

(Renata Pesce, Simone Assis, Nilton Santos e Raquel Oliveira, 2004). Sabemos que a violência conjugal dos pais, para os adolescentes, é considerada como um evento traumático. É facilitado assim, o desenvolvimento de transtornos mentais em adolescentes que vivenciam situações desta natureza (Silvia Benetti, Adriana Pizetta, Crisstian Schwartz, Raísa Hass & Vera Melo, 2010).

Problemas comportamentais e relacionais também foram comumente encontrados como resultados das pesquisas. O desapego emocional, introversão, isolamento social foram os principais abordados nas pesquisas (Cascardi, 2016; Fernández et al, 2011 e Magalhães et al, 2017).

Um outro aspecto que é importante ser destacado é o desenvolvimento de pensamentos suicidas por parte de adolescentes cujos lares são perpassados pela violência (Magalhães et al, 2017). As violências conjugais entre os pais são consideradas fatores de risco à possibilidade de filhas/os cometerem suicídio (Heather Turner, David Filkelhor, Anne Shattuck, Sherry Hamby, 2013).

O relacionamento das/os adolescentes com os pais agressores ou mães vítimas também sofre modificações através do contexto de violência doméstica. Há modificação nas relações do “*Cotidiano Familiar*”. As pesquisas de Magalhães et al (2017) e Santos e More (2011) corroboram com este fato.

As categorias de impactos das violências que aqui apresentamos e discutimos, ou seja, “*Impacto Econômico*”, “*Meio Acadêmico*”, “*Relacionamento Afetivo/amoroso*”, “*Funcionamento Psicossocial*”, “*Integridade Física*” e “*Relacionamento Familiar*” afetam de diferentes maneiras a vida de adolescentes. Há um lugar de origem em comum entre todos eles, que precisamos ressaltar: as/os adolescentes são violentadas/os direta ou indiretamente no ambiente familiar. A presença de práticas violentas que ocorrem no meio familiar, faz com que os sentimentos e/ou comportamentos apresentados na literatura sejam desenvolvidos por

estas/es jovens.

Fica evidente, portanto, a gravidade dos impactos das várias formas de manifestação da violência intrafamiliar. A maioria das/os adolescentes que vivenciam as situações de violência, a que suas mães são submetidas, são também vítimas deste tipo de violência intrafamiliar e, conforme apontada por várias pesquisas ao longo do texto, podem vir a ser reprodutores dessas violências.

A violência intrafamiliar é definida pelo Ministério da Saúde como toda omissão ou ação que prejudique o bem-estar, a integridade psicológica, física ou a liberdade e o direito da outra pessoa da família. Este tipo de violência não diz respeito ao espaço físico onde as agressões ocorrem, mas sim às relações construídas neste espaço. Assim a violência doméstica ou violência intrafamiliar é constituída por dinâmicas de poder/afeto e, conseqüentemente, gera relações de subordinação-dominação (Brasil, 2001).

O fato incontestável é que a exposição à violência doméstica é considerada como uma situação que também é prejudicial à saúde das/os filhas/os de mulheres que vivenciam relacionamentos agressivos (Claire Fox, David Gadd & Julius Sim, 2015; Ana Cláudia Santos, Carmen Moré, 2011). Este dado pôde ser confirmado através dos resultados da maioria das pesquisas que fizeram parte da presente revisão bibliográfica.

Os resultados dos trabalhos destacados na presente revisão de literatura demonstram a diversidade de impactos que adolescentes podem sofrer, devido à presença esporádica ou cotidiana da violência doméstica, vivenciadas por suas mães e que adolescentes são expostas/os. Torna-se fundamental, portanto, problematizar a influência das dinâmicas violentas na família e seus impactos na saúde mental de adolescentes.

## Considerações Finais

A violência doméstica como fenômeno de estudo, intervenção e questionamento, passa a ser pensada muito recentemente (Bicalho, 2001). Ao considerarmos há quanto tempo este tipo de violência existe e *é/era* permitida em nossa sociedade e cultura, torna-se ainda mais alarmante o fato de ela ter passado a ser combatida há tão pouco tempo.

Hoje, o fenômeno da violência doméstica e o seu impacto na vida e na saúde global das mulheres é objeto de muitas pesquisas. Cabe destacar que estas pesquisas têm contribuído imensamente para a estruturação de políticas públicas voltadas à saúde da mulher e têm fornecido subsídios para programas voltados à intervenção, prevenção e proteção de mulheres em situação de violência.

Os estudos quanto aos impactos da violência doméstica - diretos ou indiretos - para além da mulher agredida ainda são escassos. Esta é, inclusive uma queixa apontada por diversas/os pesquisadoras/es, entre elas/es: Covey, Menard e Franzese (2013), Mahua Mandal e Michelle Hindin (2014), Magalhães et al, (2017), Menard et al (2014), Schiff et al (2014) e organizações, como a United Nations Children's Fund – Unicef (2006).

A escassez de estudos que trabalham com os impactos da violência em outros membros do sistema familiar, e em nosso caso específico com as filhas e filhos adolescentes foi uma limitação com a qual nos deparamos. A violência doméstica é um fenômeno que se estende à/os filhas/os de mulheres agredidas (Angelim & Diniz, 2003; Bandeira & Thurler, 2010), dado este que foi comprovado em dezenove (19), de vinte (20) pesquisas que analisamos.

Compreendemos a adolescência como um período único para cada adolescente que a vive (Tiago Matheus, 2012). Consideramos, portanto, que ao falar de adolescência, precisamos englobar aspectos socioeconômicos, étnicos, raciais, a inserção no sistema sexo-gênero, nacionalidade, orientação sexual, religião e o contexto familiar de adolescentes.

As pesquisas utilizadas nesta revisão de literatura apontam para uma multiplicidade de histórias e experiências de adolescentes. As/os participantes de cada uma das pesquisas de um modo geral, não são um grupo de pessoas homogêneas. Não é falado de um único tipo de adolescência que sofre prejuízos emocionais e/ou comportamentais, por verem as suas mães como vítimas de violência doméstica. São adolescentes que vivem histórias de vida diversas e que em grande parte são afetadas/os pelo sofrimento vivenciado por sua figura materna.

Elucidamos que um ambiente familiar no qual a mãe é vítima de violência doméstica e as violências são extensivas aos filhos, trata-se de um cenário de violência intrafamiliar. A violência intrafamiliar vivida a partir desta perspectiva, ainda não apresenta destaque e/ou reconhecimento em relação à sua gravidade de um modo geral. A escassez de pesquisas no Brasil neste sentido são ainda mais preocupantes. Ao realizar a busca por artigos para análise neste estudo, encontramos apenas dois que atendiam aos nossos critérios de inclusão e abordavam o tema desta revisão.

Destacamos que é importante a produção de maior quantidade de pesquisas sobre este tema. O adolescer é construído a partir de fatores históricos, sociais, culturais e relacionais. A relação familiar representa importância ímpar, pois influencia os valores, as ideias e os ideais desta/e adolescente (Deborah Moreira et al 2013; Martha Traverso-Yépez & Verônica Pinheiro, 2005). É a partir do contexto deste relacionamento familiar que pretendemos falar da possibilidade da transgeracionalidade da violência.

A transgeracionalidade foi uma variável apontada em vários estudos que discutimos. É importante ressaltar, por outro lado, que a transgeracionalidade não indica que, obrigatoriamente, as/os filhas/os herdarão o modo de comportar-se violentamente de seus pais em futuros relacionamentos amorosos, ou que irão sofrer com agressões em suas futuras relações, da mesma maneira que suas mães (Medeiros, 2010).

Muitas/os adolescentes que crescem em lares violentos não se tornam vítimas ou

reprodutores de violências em relacionamentos futuros (Karlsom et al, 2016). Precisamos enfatizar que filhas/os de mulheres agredidas e/ou de pais agressores, não podem ser considerados como uma “causa perdida”, assim como Karlsson et al (2016) indicam. A discussão da violência no namoro com adolescentes é uma vertente de intervenção bem-vinda, pois carrega o potencial de contribuir para a prevenção de violências e de promover a saúde mental entre jovens.

A conscientização acerca do contexto e do legado familiar é essencial. Através destes elementos é oferecida a possibilidade de gerar novas reflexões sobre a qualidade dos relacionamentos interpessoais. É possível, portanto, realizar modificações na história familiar e individual dos sujeitos (Medeiros, 2010).

A relevância e importância de maior quantidade de pesquisas nesta área, se confirma pela contribuição que elas têm a oferecer para melhoria das vidas das/os adolescentes. É neste contexto que o desenvolvimento de ações de conscientização se faz importante, uma vez que carregam o potencial de promover a saúde, o empoderamento e prevenir o uso potencial de comportamentos agressivos nos relacionamentos.

### **Referências bibliográficas**

- Adorno, S. (2011). Violência e crime: sob o domínio do medo na sociedade brasileira. In: A. Botelho & L. M. Schwarcz (orgs.), *Agenda Brasileira – Temas de uma sociedade em mudança* (pp.556-565). São Paulo: Companhia das Letras.
- Avanci, J. Q., Assis, S. G., Oliveira, R. V. C., Ferreira, R. M. & Pesce, R. P. (2007). Fatores Associados aos Problemas de Saúde Mental em Adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 287-294.
- Bandeira, L. M. *Memorial*. (2005). Brasília: Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, mimeo.
- Bandeira, L. M. (2014). Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*, 29(2), 449-469.
- Bandeira, L. & Thurler, A. L. (2010). A vulnerabilidade da mulher à violência doméstica: aspectos históricos e sociológicos. In: F. R. Lima & C. Santos (coordenadores), *Violência*

- Doméstica – vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal multidisciplinar* (pp. 159-168). Rio de Janeiro: Lumen Juris.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 261-268.
- Benetti, S. P. C., Pizetta, A., Schwartz, C. B., Hass, R. A. & Melo, V. L. (2010). Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psico-USF*, 15(3), 321-332.
- Bergman, K. N., Cummings, E. M. & Davies, P. T. (2014). Interparental aggression and adolescent adjustment: the role of emotional insecurity and adrenocortical activity. *Journal Family Violence*, 29, 763-771.
- Berni, V. L. & Roso, A. (2014). A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 126-136.
- Bicalho, E. (2001). *A nódoa da misoginia na naturalização da violência de gênero: Mulheres Pentecostais e Carismáticas*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás.
- Brasil. (2001). Ministério da Saúde, Brasil, Secretaria de Políticas de Saúde. *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2006). Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. *Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher*. Presidência da República.
- Carneiro, A., & Oliveira, S. (2008). Violência intrafamiliar baseada em gênero com implicação de risco de vida: mulheres abrigadas na Casa Abrigo Maria Haydeé/Rio Mulher/ Rio de Janeiro. In *XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP. Caxambú, MG.
- Cascardi, M. (2016). From violence in the home to psychical dating violence victimization: the mediating role of psychological distress in a prospective study of female adolescents. *Journal Yourth Adolescente*, 15, 777-792.
- Chauí, M. (2011). Ética, violência e política. In: M. Chauí, *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas* (pp. 340-359). 13. Ed. – São Paulo: Cortez.
- Choi, H. J. & Temple, J. F. (2016). Do gender and exposure to interparental violence moderate the stability of teen dating violence?: Latent transition analysis. *Prevention Science*, 17, 367-376.
- Cisne, M. (2015). Direitos humanos e violência contra as mulheres: uma luta contra a sociedade patriarcal-racista-capitalista. *Serviço Social em Revista*, 18(1), 138-154.

- Covey, H. C., Menard, S. & Franzese, R. J. (2013). Effects of adolescent physical abuse, exposure to neighborhood violence and witnessing parental violence on adult socioeconomic status. *Child Maltreatment, 18*(2), 85-97.
- Davies, C. A., Evans, S. E. & DiLillo, D. K. (2008). Exposure to domestic violence: a meta-analysis of child and adolescent outcomes. *Faculty Publications, Department of Psychology, 321*, 1-16.
- Diniz, G. (2011). Conjugalidade e Violência: reflexões sob uma ótica de gênero. In Terezinha Féres-Carneiro (Org.): *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 11-26). Editora Casa do Psicólogo.
- Diniz, G. R. S. & Angelim, F. P. (2003). Violência doméstica – Por que é tão difícil lidar com ela? *Revista de Psicologia da UNESP, 2*(1), 20-35.
- Diniz, G. & Pondaag, M. (2004). Explorando significados do silêncio e do segredo nos contextos de violência doméstica. In: G. Maluchke, J. S. N. F. Bucher-Maluchke & K. Hermanns. *Direitos humanos e violência: desafios da Ciência e Prática* (pp.171-185). Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer.
- Diniz, G. R. S. & Vianna, C. (2014). Gender, Feminisms and Mental Health: Implications For Research And Practice. *Clinical Psychology. Labrys (Edición Française. Online), 26*, p. xx-xx.
- D’Affonseca, S. M. & Williams, L. C. A. (2011). Habilidades maternas de mulheres vítimas da violência doméstica: uma revisão de literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão, 31*(2), 236-251.
- Feres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 11*(2), 379-394.
- Fernández, E. B., Ezpeleta, L., Granero, R., Osa, N. & Domènech, J. M. (2011). Degree of exposure to domestic violence, psychopathology, and functional impairment in children and adolescents. *Journal of Interpersonal Violence, 26*(6), 1215-1231.
- Fox, C. F., Gadd, D. & Sim, J. (2015). Development of the attitudes to domestic violence questionnaire for children and adolescents. *Journal of Interpersonal Violence, vol. 30*(14), 2506-2525.
- Franzese, R. J., Covey, H. C., Tucker, A. S., McCoy, L. & Menard, S. (2014). Adolescent exposure to violence and adult physical and mental health problems. *Child Abuse & Neglect, 38* – 1955-1965.
- Gomes, N. P.; Diniz, N. M. F.; Araújo, A. J. S. & Coelho, T. M. F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias de gênero e geração. *Acta Paulista de Enfermagem 20*(4), 504-508.
- Grossi, M. P. (1993). De Ângela Diniz a Daniela Perez: a trajetória da impunidade. *Revista de Estudos Feministas, 14*(1), 166-168.

- Grubb, J. A. & Bouffard, L. A. (2015). The influence of direct and indirect juvenile victimization experiences on adult victimization and fear of crime. *Journal of Interpersonal Violence, 30*(18), 3151-3173.
- Haj-Yahia, M. & Bargal, D. (2014). Exposure to family violence, perceived psychological adjustment of parents, and the development of post-traumatic stress symptoms among Palestinian university students. *Journal of Interpersonal Violence, 30*(16), 2928-2958.
- Haj-Yahia, M. M., Tishby, O. & Zoysa, P. (2009). Posttraumatic stress disorder among Sri Lankan University students as a consequence of their exposure to family violence. *Journal of Interpersonal Violence, 24*(12), 2018-2038.
- Ho, M. Y. Fanny, M. C. (2010). The differential effects of forms and settings of exposure to violence on adolescents' adjustment. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(7), 1309-1337.
- Holt, S., Buckley, H. & Whelan, S. (2008). The impact of exposure to domestic violence on children and young people: a review of the literature. *Child Abuse & Neglect, 32*, 797-810.
- Karlsson, M. E., Temple, J. R., Weston, R. & Le, V. D. (2015). Witnessing interparental violence and acceptance of dating violence as predictors for teen dating violence victimization. *Violence Against Women, 22*(5), 625-646.
- Levendosky, A. A. & Graham-Bermann, S. (2001). Parenting in battered women: the effects of domestic violence on women and their children. *Journal of Family Violence, 16*(2), 171-192.
- Lisboa, C., Campos, D. M., Wendt, G. W. & Dias, T. O. (2014). Adolescência no contexto institucional escolar: discussões sobre o cenário da violência contemporânea. In: L. F. Habigzang, E. Diniz & S. H. Koller (orgs.), *Trabalhando com adolescentes – teoria e intervenção psicológica* (pp. 132-143). Porto Alegre, Artmed.
- Lohman, B. J., Neppl, T. K., Senia, J. M. & Schofield, T. J. (2013). Understanding adolescent and family influences on intimate partner psychological violence during emerging adulthood and adulthood. *Journal Youth Adolescence, 42*, 500-517.
- Narvaz, M.G. & Koller, S.H. (2006). Famílias e Patriarcado: da Prescrição Normativa à Subversão Criativa. *Psicologia & Sociedade, 18*(1), 49-55.
- Machado, L. Z. (2006). Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violência. In: M. Grossi, L. S. Minella & R. Porto (Orgs.) (pp. 169, 212.). Florianópolis, Ed. Mulheres.
- Magalhães, J. R. F., Gomes, N. P., Mota, R. S., Campos, L. M., Camargo, C. L. & Andrade, S. R. (2017). Violência intrafamiliar: vivências e percepções de adolescentes. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, 21*(1), 1-7.
- Mandal, M. & Hindin, M. J. (2014). Keeping it in the family: intergenerational transmission of violence in Cebu, Philippines. *Matern Child Health Journal, 19*, 598-605.

- Menard, S., Weiss, A. J., Franzese, R. J. & Covey, H. C. (2014). Types of adolescent exposure to violence as predictors of adult intimate partner violence. *Child Abuse & Neglect*, 38, 627-639.
- Moreira, D. P., Vieira, L. J. E. S., Pordeus, A. M. J., Lira, S. V. G., Luna, G. L. M., Silva, J. G. & Machado, M. F. A. S. (2013). Exposição à violência entre adolescentes de uma comunidade de baixa renda no Nordeste do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(5), 1273-1282.
- Moreira, L. R. (2014). Manual revisão bibliográfica sistemática integrativa: a pesquisa baseada em evidências. Anima Educação: Belo Horizonte.
- Mrug, S. & Windle, M. (2010). Prospective effects of violence exposure across multiple contexts on early adolescents' internalizing and externalizing problems. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 51(8), 953-961.
- Mustanoja, S., Luukkonen, A., Hakko, H., Räsänen, P., Säävälä, H. & Riala, K. (2011). Is exposure to domestic violence and violent crime associated with bullying behaviour among underage adolescent psychiatric inpatients? *Child Psychiatry & Human Development*, 42, 495-506.
- Nunes, C. B., Sarti, C. A. & Ohara, C. V. S. (2009). Profissionais da saúde e violência intrafamiliar contra a criança e adolescente. *Acta Pauista de Enfermagem*, 22 (Especial – 70 Anos), 903-908.
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N. & Oliveira, R. V. C. 2004. Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 135-143.
- Queen, A. H., Stewart, L. M., Ehrenreich-May, J. & Pincus, D. B. (2013). Mothers' and Fathers' Ratings of Family Relationship Quality: Associations with Preadolescent and Adolescent Anxiety and Depressive Symptoms in a Clinical Sample. *Child Psychiatry & Human Development*, 44, 351-360.
- Reichenheim, M. E., Dias, A. S. & Moraes, C. L. (2006) Co-ocorrência de violência física conjugal e contra filhos em serviços de saúde. *Revista de Saúde Pública*, 40(4), 1-9;
- Ressel, L. B., Sehnem, G. D., Junges, C. F., Hoffman, I. C. & Landerdahl, M. C. (2009). Representações culturais de saúde, doença e vulnerabilidade sob a ótica de mulheres adolescentes. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 13(3), 552-557.
- Rivera, P. F. & Fincham, F. (2015). Forgiveness as mediator of the intergenerational transmission of violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(6), 895-910.
- Saffioti, H. (2003). Violência estrutural e de gênero – Mulher gosta de apanhar. In: Brasil, *Programa de Prevenção, assistência e combate à violência contra a mulher. Diálogos sobre a violência doméstica e de gênero: construindo políticas públicas*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 27-38.

- Santos, A. C. W. & Moré, C. L. O. O. (2011). Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 220-235.
- Santos, K. B. & Galinkin, A. L. (2015). A prevenção à violência de gênero na perspectiva da teoria das representações sociais: aportes conceituais, teóricos e práticos. In: S. G. Murta, J. S. N. F. Bucher-Maluschke & G. R. S. Diniz (orgs.), *Violência no namoro: estudos, prevenção e psicoterapia* (pp. 53-73). Curitiba, Appris.
- Schiff, M., Plotnikova, M., Dingle, K., Williams, G. M., Najman, J. & Clavarino, A. (2014). Does adolescent's exposure to parental intimate partner conflict and violence predict psychological distress and substance use in Young adulthood? A longitudinal study. *Child Abuse & Neglect*, 38, 1945-1954.
- Seron, C., Del Prette, A. & Milani, R. G. (2011). A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(1), 154-164.
- Silva, L. L.; Coelho, E. B. S. & Caponi, S. N. C. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface – Comunic., Saúde, Educ.*, 11(21), 93-103.
- Silva, V. F. (2017). "Sua boca diz não, mas o seu corpo diz sim": cultura do estupro e Shoujo Mangá". In: C. Stevens, S. Oliveira, V. Zanello, E. Silva & C. Portela (Orgs.) *Mulheres e violências: interseccionalidades* (pp. 185-204). EBook, PDF. Brasília, DF: Technopolitik.
- Temple, J. R., Shorey, R. C., Tortolero, S., Wolfe, D. A. & Stuart, G. L. (2013). Importance of gender and attitudes about violence in the relationship between exposure to interparental violence and the perpetration of teen dating violence. *Child Abuse & Neglect*, 37, 343-352.
- Traverso-Yépez, M. A. & Pinheiro, V. de S. (2005). Socialização de gênero e adolescência. *Estudos Feministas*, 13(1), 147-162.
- Turner, H. A., Finkelhor, D., Shattuck, A. & Hamby, S. (2013). Recent victimization exposure and suicidal ideation in adolescents. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 166(12), 1149-1154.
- United Nations Children's Fund, Unicef. (2006). *Behind closed doors - the impact of domestic violence on children*.
- Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. Flasco, Brasília – DF.
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L. M. B. O. & Mosmann, C. P. (2002) A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 75-80.

### ARTIGO 3

## HISTÓRIAS DE VIDA E DE VIOLÊNCIAS: PERSPECTIVAS DE FILHAS (E) DE MULHERES-MÃES AGREDIDAS

**Resumo:** Os estudos sobre violência doméstica possibilitaram um espaço de destaque e fala para as mulheres que vivenciam relacionamentos abusivos e violentos. A partir destas pesquisas, políticas públicas foram construídas, para atender às necessidades específicas destas mulheres. Em contraste, pouco sabemos sobre como as filhas adolescentes destas mulheres entendem, relatam e sentem as violências que suas mães sofrem e que elas presenciam. O objetivo dessa pesquisa foi compreender como adolescentes filhas de mulheres vítimas de violência doméstica entendem essas violências. Através de uma pesquisa de enfoque feminista, nossa intenção foi dar voz às filhas adolescentes para contarem suas próprias histórias. As adolescentes relataram suas histórias de vida e as vivências de violências a que foram expostas. As perspectivas de gênero, violência e relacionamento das adolescentes são construídas a partir das violências sofridas por suas mães. É preciso desenvolver uma compreensão da adolescência como um fenômeno plural e multidimensional. É preciso considerar a construção deste adolescer a partir da perspectiva de lares marcados pela presença de violências.

**Palavras-chave:** Violência doméstica; impacto em adolescentes; gênero; relacionamento.

**Abstract:** Studies on domestic violence have made it possible for women who experience abusive and violent relationships to speak out. From these valuable research, public policies were implemented to target the specific needs of these women who live in contexts of violence(s). In contrast, we know little about how the teenage daughters of these women understand, report and feel about the violences their mothers experience and they witness. The goal of our research was to understand how adolescents, daughters of women victims of domestic violence comprehend violence and are affected by its presence. We used a feminist research perspective to give voice to these teenagers and to encourage them to tell their own stories. Their stories are constructed from the experiences of violence lived by their mothers. The perspectives of the female adolescents on gender, violence and relationship are built in relation to the violence suffered by their mothers and witnessed by the adolescents. It is important to develop a comprehension of adolescence as a plural and multidimensional phenomenon. It is necessary to consider the construction of adolescences from the perspective of violent homes.

**Keywords:** Domestic violence; adolescents; impacts of violence; gender; relationships.

### Introdução

A “violência doméstica” pode ser compreendida como situações violentas que acontecem dentro do espaço doméstico (Gláucia Diniz, 2011). As mulheres são as principais vítimas e os homens os maiores perpetradores deste tipo de violência. O “Mapa da Violência 2015 – Homicídios de mulheres no Brasil” aponta que Brasil é o quinto país do mundo em

que as mulheres mais morrem em função de violências perpetradas pelo parceiro íntimo. A posição do Brasil é em comparação a outros oitenta e três (83) países com dados homogêneos (Julio Waiselfisz, 2015). Esses dados revelam uma situação preocupante e não podem ser ignorada.

É importante ressaltar a complexidade da violência contra as mulheres. As próprias nomenclaturas indicam a necessidade de falarmos de violências contra as mulheres – no plural. Falamos de “violência doméstica”, “violência de gênero”, “violência intrafamiliar”, “violência conjugal”, “violência familiar”, “violência sexual”, “violência psicológica”, “violência no trabalho”, entre tantas outras formas de violências em que as mulheres aparecem como as maiores vítimas.

Lourdes Bandeira (2017) aponta que os corpos femininos são considerados como “espaços preferenciais” na dinâmica da violência em nível mundial. É possível entendermos este fato a partir de dois dados: o número crescente de assassinatos de mulheres e o nível de barbárie com que estes são realizados (Bandeira, 2017). Estes crimes são nomeados na literatura como *feminicídios* (Bandeira, 2017; Waiselfisz, 2015).

As relações interpessoais constituem os principais lugares em que as violências contra as mulheres são manifestadas (Bandeira, 2014; Diniz, 2011). A presença marcante da cultura do patriarcado merece destaque uma vez que permanece vigente na contemporaneidade. Ela se manifesta como um sistema de dominação, autoridade, poder e controle centrado nos homens-pais (Lourdes Bandeira & Ana Thurler, 2010). É através do patriarcado, e do seu poder de permear e estruturar as relações (Bandeira & Thurler, 2010), que as mulheres são colocadas em uma posição de submissão, inferioridade, obediência e dependência em relação aos homens.

Pesquisas feministas têm indicado que a violência contra a mulher é extensiva, direta ou indiretamente, às outras pessoas do núcleo familiar da mulher agredida (Bandeira &

Thurler, 2010; Diniz & Fábio Angelim, 2003; Marcela Medeiros, 2010). As/os filhas/os sofrem múltiplas repercussões em função de presenciarem as violências cujas mães são vítimas (Bandeira, 2017; Bandeira & Thurler, 2010; Sabrina D’Affonseca & Lúcia Williams, 2011).

Esta pesquisa teve a pretensão de estabelecer uma relação entre três principais eixos temáticos: violência contra as mulheres, feminismos e adolescência. Pensamos na adolescência, por ela ser caracterizada como uma fase na qual a qualidade do relacionamento familiar assume importância ímpar, seja no desenvolvimento cognitivo ou na sociabilidade (Inês Camacho & Margarida Matos, 2007).

O contexto familiar é essencial para a construção psíquica e identitária de todas as pessoas que compõem este meio, e adquire relevância especial na fase da adolescência. Essa é uma fase de estruturação e consolidação da personalidade e dos valores (Alexander Queen, Lindsay Stewart, Jill Ehrenreich-May & Donna Pincus, 2013).

O objetivo desse trabalho foi, portanto, compreender como adolescentes do sexo feminino compreendem as violências presentes em seu meio familiar direcionadas às suas mães. Pretendemos também entender como as histórias de vida dessas adolescentes tornam-se entrelaçadas com as histórias de violências vividas por suas mães.

Nesse contexto optamos por realizar uma pesquisa feminista, por termos um compromisso político (Wilsa Vilella, Simone Monteiro & Eliane Vargas, 2009). A intenção foi utilizar a pesquisa como uma ferramenta que possibilitasse “o dar voz” às adolescentes envolvidas. Neste sentido, consideramos as adolescentes não apenas como participantes, mas como sujeitos de direito e donas de suas próprias histórias. Nos feminismos esse processo de “dar voz” é entendido como um processo de “empoderamento”.

O presente estudo faz parte de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Psicologia Clínica e Cultura, Departamento de Psicologia Clínica, da Universidade de

Brasília. O projeto de pesquisa obteve aprovação no Comitê de Ética (Apêndice A) e foi realizado com base nos cuidados éticos estabelecidos pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

Os resultados da pesquisa evidenciaram questões relevantes acerca dos impactos das violências na vida das adolescentes e de suas mães. A partir da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2009) separamos os dados da pesquisa de mestrado em três categorias. Iremos discutir neste trabalho duas categorias: as histórias de vida das adolescentes vinculadas com as violências sofridas pelas mães, e a influência desta vivência nas perspectivas das adolescentes sobre relacionamentos, gênero e violência.

## **Método**

Foi realizada uma pesquisa qualitativa e feminista. Em pesquisas qualitativas elementos da realidade são compreendidos a partir de um olhar amplo das/os pesquisadoras/es (Jacir Zanatta & Márcio Costa, 2012). É através deste mesmo olhar que metodologias de pesquisas feministas carregam o potencial de contribuir para o campo dos estudos científicos.

Brooke Ackerly & Jaqui True (2010) indicam que as pesquisas feministas não ignoram aspectos singulares das vidas das participantes (no feminino, como é o caso da nossa pesquisa), ao mesmo tempo em que elementos sociais e políticos são valorizados. Atentar para o contexto de vida das participantes é de extrema relevância, visto que contribui para promover reflexões sobre os desafios atuais, vivenciados por diferentes mulheres em fases distintas do ciclo vital. Trata-se, portanto, de mulheres de diferentes idades que vivem desafios singulares no mundo atual e globalizado (Ackerly & True, 2010).

As participantes de nossa pesquisa são adolescentes que presenciaram as mães em alguma situação de violência doméstica e as próprias mães. As mães são mulheres que participam do Projeto de Extensão e Ação Contínua “Maria da Penha – Ação e Proteção”. O

projeto, de natureza interdisciplinar, ocorre há oito anos no Núcleo de Práticas Jurídicas da UnB (NPJ/UnB), sob coordenação da Prof<sup>a</sup> Dra. Ela Wiecko Wolkmer de Castilho, do Curso de Direito e da Prof<sup>a</sup> Gláucia Ribeiro Starling Diniz, PhD, do Curso de Psicologia, UnB. O intuito do projeto é oferecer acompanhamento psicológico e jurídico gratuito às mulheres de condição socioeconômica vulnerável, vítimas de violências na conjugalidade.

No contexto do Projeto foram identificadas quatro famílias que se adequavam aos critérios de inclusão. Apenas duas demonstraram interesse em participar. Serão utilizados nomes fictícios para falar de todas/os aquelas/es envolvidas/os no contexto familiar das participantes. A proposta da pesquisa foi feita em um mesmo momento às mães e suas filhas. Todas as questões foram elucidadas através da leitura em conjunto do Termo de Assentimento para as jovens participantes (Apêndice B) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para suas mães (Apêndice C).

A pesquisa foi realizada no Núcleo de Práticas Jurídicas da Universidade de Brasília, em Ceilândia, Distrito Federal, no mesmo horário e dia de funcionamento do Projeto de Extensão e Ação Contínua “Maria da Penha – Ação e Proteção”. Uma vez que as mulheres assistidas pelo projeto têm uma situação socioeconômica vulnerável, optamos por não oferecer outros gastos às participantes, além dos que elas normalmente teriam para ir ao dia da realização do projeto.

A estratégia metodológica utilizada na pesquisa foi o estudo de caso. O estudo de caso é um método qualitativo comumente utilizado em estudos no campo da Psicologia. Ele visa compreender fenômenos individuais, organizacionais, grupais, políticos, relacionais e/ou sociais, através de “características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (Robert Yin, 2010, p. 24).

Um estudo de caso pode ser composto por um único estudo ou vários estudos e realidades. A nossa pesquisa é composta por quatro participantes: duas mães e duas filhas, ou

seja, duas famílias distintas. A categoria de estudo de caso que a presente pesquisa se adéqua, é de um estudo de casos múltiplos (Yin, 2010).

Ressaltamos o compromisso de não realizarmos generalizações a partir dos resultados obtidos. Temos consciência da limitação do número de participantes de nossa pesquisa, ou seja, quatro (04) participantes. Nesse contexto recorremos e concordamos com Rodrigo Peres e Santos (2005): nos preocupamos em evitar “a elaboração de ‘leis universais’” (p. 113). Não é nosso intuito indicar generalizações extensivas a todas as adolescências, a partir dos resultados de nossa pesquisa. Cada vivência e contexto do adolecer devem ser considerados, valorizados.

Utilizamos como instrumento de coleta de dados na pesquisa, a entrevista semiestruturada. Todas as entrevistas foram individuais. A primeira entrevista foi realizada com a adolescente e depois a entrevista com a mãe foi feita. As entrevistas são consideradas “uma das fontes mais importantes de informação” no estudo de caso (Yin, 2010, p. 133).

Os roteiros das entrevistas (Apêndice D e Apêndice E) foram construídos com base em dois preceitos destacados por Yin (2010). As entrevistas precisam: 1) englobar as necessidades da investigação e 2) apresentar “questões amigáveis e não ameaçadoras” às participantes (Yin, 2010, p. 133).

A partir de extensa consulta à literatura especializada, o roteiro das entrevistas semiestruturadas foi desenvolvido pensando na formulação de perguntas verdadeiras, que seriam feitas em um tom de conversa e que não exprimissem parcialidade por parte da entrevistadora/pesquisadora às questões (Yin, 2010). Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento das participantes e posteriormente foram transcritas.

As entrevistas foram analisadas com base no método de análise de conteúdo de Bardin (2009). Na análise de conteúdo, a/o pesquisadora/r utiliza de um conjunto de técnicas para analisar as comunicações das/os participantes de uma pesquisa (Bardin, 2009).

Realizamos o processo de categorização dos conteúdos analisados. A análise de conteúdo categorial reúne um grupo de elementos a partir de um título genérico. O agrupamento se dá devido à presença de características em comum dos elementos de cada um dos grupos (Bardin, 2009).

Utilizamos para a categorização, o critério semântico definido por Bardin (2009) o qual é representado pela separação de categorias de um mesmo tema. No primeiro momento realizamos a leitura flutuante dos conteúdos das entrevistas. Posteriormente, formulamos as hipóteses e objetivos. A partir da leitura exaustiva dos conteúdos, por fim, preparamos o material, dividindo-o em duas categorias de análise desta pesquisa: 1. História de vida/Histórias de violências e 2. Perspectivas das adolescentes sobre gênero, relacionamento e violência.

## **Resultados e Discussão**

### **1) Histórias de vida/História de violências:**

O objetivo dessa categoria foi contextualizar os lares das adolescentes. É necessário ter acesso a qual ou quais tipos de violências que as adolescentes já presenciaram ao longo de suas vidas, sejam elas praticadas contra as mães de forma direta, ou contra as filhas de forma direta ou indireta. Nossa intenção foi acessar se as adolescentes consideram o seu cotidiano familiar como violento e se elas se veem afetadas por este contexto.

O contato com as histórias das adolescentes nos permitiu contextualizar sobre quem e sobre o que falamos. Foi possível identificar as particularidades assim como as interseccionalidades, contexto que favorece um olhar plural para com todas as adolescências. É importante ressaltar que o período do desenvolvimento das participantes de nosso estudo, a adolescência, não deve ser visto como universal para todas/os que a vivem.

Um dos objetivos de nosso trabalho foi evitar estereótipos e generalizações na caracterização das experiências das participantes da pesquisa. O resgate histórico da história

de vida e da experiência delas em relação às violências perpetradas contra suas mães e vivenciadas por elas se faz importante, e nesse contexto dedicamos atenção a essas duas dimensões.

No primeiro tópico da análise dos resultados, apresentaremos os dados acessados através das entrevistas, realizadas de maneira individual para cada díade – mãe e filha. Os assuntos serão aqui apresentados, na mesma ordem proposta pela entrevista. Falaremos da situação de cada uma das famílias, reconhecendo as particularidades de cada uma delas e, principalmente, as singularidades das vidas das adolescentes.

### **Larissa e Andreia**

A família é compreendida como o contexto principal no qual o desenvolvimento humano acontece (Urie Bronfenbrenner, 1994; Adriana Wagner, Cristina Tronco & Ananda Armani, 2011). Daí a importância de voltarmos nossa atenção para este contexto, especialmente se ele estiver funcionando como agente promotor de algum tipo de sofrimento para as pessoas envolvidas.

No primeiro momento da entrevista foi pedido que as participantes adolescentes relatassem a sua história de vida. Larissa informou que tem 14 anos, estuda em uma escola pública do Sol Nascente, Distrito Federal. Ela tem dois irmãos, um de dezoito (18) e outro de treze (13) anos. O irmão mais velho mora no Maranhão e o mais novo mora com a sua avó paterna. Logo na primeira informação solicitada (“Me conte sobre sua história de vida”) ela afirmou “Minha vida tá sendo bem bagunçada”.

Pedi para que ela explicasse o porquê da escolha da palavra “bagunçada”. Ela relatou que saiu da casa de seu pai e de sua cidade no Piauí “que era tão tranquila com minha avó, pensando que seria melhor”. A adolescente relatou que morava no Piauí, e que fazia cinco anos que ela veio para o Distrito Federal morar junto de sua mãe. Acerca da mudança, a adolescente afirmou que “antes dos acontecimentos” ela estava “super bem e gostando”.

Segundo Larissa, “depois do ano passado pra cá minha vida ta bem bagunçada”, a adolescente repete.

Solicitei que ela contasse quais acontecimentos eram esses. Larissa respondeu relatando as traições de seu padrasto, que chamaremos de Roberto. A adolescente sabia sobre a vida extraconjugal de Roberto e não queria contar para a mãe, porque achava que poderia prejudicá-la. De acordo com Larissa, a mãe gostava muito dele. Nas palavras da adolescente: “ela tipo era obcecada por ele, ela não via o que eu via”.

A denúncia de Larissa nos faz indagar: Andreia “sabia” sobre as traições e as ignorava ou realmente não percebia? Há um paradoxo que precisamos ressaltar. Muitas mulheres que vivem em relacionamentos violentos apresentam dificuldade em romper com o ciclo de violência. Muitos fatores influenciam nessa dinâmica da “impotência”. Cabe ressaltar, dentre eles: 1) A dependência em função da necessidade de sobrevivência; 2) O medo do parceiro somado ao medo de perder o parceiro; 3) O constrangimento e/ou vergonha perante a sociedade de um modo geral (Diniz & Angelim, 2003).

Tânia Navarro-Swain (2006) apresenta o conceito de *dispositivo amoroso* como explicação para o surgimento desse tipo de cegueira e dependência por parte de mulheres em situação de violência. A ideia deste dispositivo é destacar que são construídos e investidos “corpos-em-mulher, prontos a se sacrificar, a viver no esquecimento de si pelo amor de outrem” (Navarro-Swain, 2006, s/p, *online*).

Não devemos descartar, portanto, a possibilidade apontada por Larissa, quanto à obsessão da mãe para com seu marido. A passividade na vida privada é reservada à nós mulheres e nos é apresentada desde muito cedo (Stella Taquette, 2009).

Larissa descobriu as traições porque o próprio padrasto mostrava fotos de seu celular para ela. Eram fotografias de mulheres e de motéis que frequentava junto com elas. A adolescente também teve acesso às conversas dele com essas mulheres. Larissa é uma

adolescente de quatorze (14) anos, seu padrasto tem cinquenta e dois (52).

É nosso entendimento que esse tipo de comportamento do padrasto é uma forma de *voyeurismo* e de abuso sexual, ou seja, constitui também um tipo de violência. É como se ele estivesse instigando a adolescente a se interessar por sexo e, de alguma maneira, a fazer sexo com ele. A informação fornecida pela adolescente nos preocupa e chama a atenção. É um tópico que será abordado mais à frente, no decorrer da entrevista.

Todas essas informações foram dadas nos primeiros três minutos da entrevista. Larissa demonstrou ter o que falar e urgência em fazê-lo. A pesquisa de Silvia Benetti et al (2010) aponta que a vivência decorrente de ambientes violentos, de relações familiares com pouco apoio e permeada por conflitos constitui fator associado ao desenvolvimento de sofrimento psíquico em adolescentes. A narrativa de Larissa sobre seus últimos anos de vida, em especial, parece se encaixar na descrição das autoras supracitadas. Passamos a entender a urgência de Larissa em falar, como um pedido de ajuda.

Foi solicitado a Larissa que falasse sobre sua infância. Larissa contou sobre o Piauí. Segundo ela “era ótimo e ainda é”, porque sua avó está viva e ela “cuida muito de mim, o que eu precisar ela vai me ajudar”. O pai biológico de Larissa também mora no Piauí, próximo da casa da avó paterna da adolescente.

Ao ser perguntada sobre sua adolescência, Larissa descreveu este período em que ela está como “tranquilo”. Logo em seguida, ela repensou e afirmou “não tranquilo, certa parte foi tranquilo, mas depois que meu padrasto envolveu com essas mulheres ficou mal”. Este envolvimento com mulheres acontece desde o ano passado. Larissa também falou sobre sua escola, lugar aonde ela gosta de estudar e, nas horas vagas, jogar futebol.

A presença de vícios em sua família, seja por meio de drogas lícitas e ilícitas foi aventada. Larissa relatou que Roberto “bebe” e complementou que “no dia que teve a briga ele bebeu uma caixa”. Cabe mencionar que mesmo antes de realizarmos as entrevistas, ainda

durante a explicação da pesquisa, a mãe de Larissa já havia relatado sobre uma briga na qual eles todos se envolveram no domingo da semana anterior.

Larissa informou que quando o padrasto ingere bebida alcoólica, ele fica agressivo. A adolescente voltou a relatar sobre o final de semana anterior à entrevista e a briga entre Andreia e Roberto. Ela afirmou que “ele encostou tão perto da minha mãe que eu pensei que ele tava com coisa na cintura”. Ela não soube explicar que “coisa” seria, mas disse ter pegado uma garrafa e pensado “se ele fizer algo contra minha mãe, se ele enfiasse alguma coisa na minha mãe eu tacava nele. Eu tava muito assustada, eu falei pra minha mãe, eu nunca senti tanto medo na minha vida como eu senti naquele dia”. O medo de Larissa, segundo ela, era em relação à possibilidade de seu padrasto machucar sua mãe ou ela.

A afirmação feita por Larissa sobre a obsessão de Andreia por Roberto ocorreu em momento posterior da conversa, e de forma, recontextualizada. A adolescente disse que nos dias atuais sua mãe não se sente desta forma em relação ao seu companheiro. A jovem afirma que a mãe “só sente carinho e gosta dele”. As traições e “coisas que ele tá fazendo agora, jogando umas coisas na cara dela” são os motivos pelos quais Larissa relaciona a mudança de sua mãe quanto ao seu padrasto. Larissa relata que ele afirma que irá embora, e levará consigo pertences que comprou para a casa deles. A televisão e o sofá são exemplos citados por ela.

A cultura patriarcal faz sentido como explicação possível para os tipos de violência que atingem diretamente não só a mãe de Larissa, como também o cotidiano da adolescente. O ato de o padrasto ameaçar sair de casa com pertences do lar demonstra a tentativa dele em exercer sua autoridade sob as mulheres e seu filho mais novo, moradoras e morador daquela casa (Diniz, 2011). O patriarcado é um elemento fundamental que perpassa a dinâmica de violência doméstica, e gera implicações para o sistema sexo-gênero e a saúde mental das pessoas envolvidas.

O relacionamento de sua mãe com seu pai biológico também foi objeto de reflexão.

Larissa relatou que a mãe era insultada por seu pai biológico e que ele a ameaçava por manifestar o desejo de ir embora do Piauí. Ela não soube informar quais tipos de insultos eram proferidos, mas afirmou que ele falava “se você deixar seus filho eu vou dar eles pra minha mãe”. O pai de Larissa escolhe aqui, não exercer a parentalidade, ou seja, a função parental de acompanhar e de se ocupar em criar sua filha (Ana Lièse Thurler, 2009).

Ao ser perguntada se sentia falta de seu pai, a adolescente respondeu “um pouco”. Após um longo suspiro, complementou “meu pai, né?”. Larissa ressaltou que prefere falar com o pai pessoalmente, e isso acontece apenas quando visita sua família no Piauí.

Larissa vivencia dificuldades atualmente no seu cotidiano familiar. A jovem entende que o problema no relacionamento de sua mãe com seu padrasto está relacionado com o fato de ele não conseguir “ficar só com uma mulher”. A adolescente afirma que “ele tem que variar” e que “do ano passado para cá, ele já ficou com três mulheres”.

Larissa afirma não entender por que essa situação acontece. O fato é que ela não se sente bem com o cenário. Segundo a adolescente “eu paro pra pensar e fico, minha mãe não trai ele com ninguém, não pega ninguém, faz de tudo em casa, aguenta os desaforos do filho dele e eu não dou trabalho nenhum pra ele (...) me pergunto o que minha mãe fez pra ele”.

Larissa relatou que seu padrasto fala que sua mãe mente, que “faz coisa escondida”. Complementa afirmando que a mãe nem sai de casa e “só vive pra ele”. O padrasto projeta na mãe de Larissa o seu próprio comportamento. Larissa pensa melhor e afirma que a mãe “vivia, né? Porque agora eu pedi para ela sair de casa, viver agora só pra ela”.

Ao ser perguntada sobre o cotidiano familiar e as regras, Larissa afirma que quando a sua mãe estava morando com seu padrasto, ela tinha de seguir regras rígidas de comportamento. Larissa, neste momento da entrevista, faz uma revelação:

Quando minha mãe tava com ele sim, porque eu não podia ter namorado, não podia sair determinado horário, e tipo (*Pausa e respiração profunda*) se eu to falando, eu

vou falar logo também, ele olhava de mim, não como uma filha ou enteada e sim como mulher. Então se eu não podia ter namorado, é porque ele queria eu só pra ele. Se eu não podia sair até determinado horário é porque ele desconfiava que eu ia encontrar com alguém.

Larissa denuncia que o padrasto já agiu de maneira sexual em relação a ela: “ele já tentou já”. A adolescente tentou contar para a mãe, contudo ela ressaltou:

Não sei se ela acreditou naquele tempo, mas daquele tempo pra cá eu não contei mais nada porque aconteceu essas coisas (*mais violências*) e eu não quero prejudicar ela mais do que ela ta prejudicada. Mas eu vou denunciar ele, porque ele já tentou e quase conseguiu”.

Além dos abusos sexuais, o padrasto de Larissa também a violentou fisicamente, em tentativa de estupro. “Eu apareci em casa com uma mancha no braço”, diz Larissa. A mancha é origem de:

ele apertando meu braço (...). E eu não falei pra minha mãe, eu falei que tinha batido na porta da minha escola, que era de ferro. Aí eu falei que foi lá e ela falou “tudo bem” ela falou assim “tem que ter cuidado” eu falei “tá bom”. Nesse dia que ele pegou no meu braço, ele rasgou um pouco da minha blusa, ele pegou no meu braço e ficou roxo.

A situação que envolveu a agressão física foi a seguinte:

Porque ele queria tipo assim (*pausa*) foi (*respiração profunda*) ele queria que eu beijasse ele, só que eu não queria. Aí ele pegou no meu braço, falou tipo assim “quero um beijo seu” eu falei “eu não vou te dar”. Sendo que eu fui lá pra chamar ele pra jantar. Porque quando a gente bota a janta, ele ta no quarto dele que é quarto de som essas coisas, ai minha mãe pediu pra eu ir lá pra chamar ele pra jantar ai ele tinha

bebido já três caixinha, três latinhas de cerveja. Aí ele pegou no meu braço. E eu consegui sair porque o filho dele tinha batido na porta. Sendo que ele tinha trancado a porta e eu não tinha como sair. Quando eu entrei ele fechou a porta, eu achei até estranho. Aí o filho dele bateu na porta e eu saí.

Larissa relembra que esta situação já havia acontecido outras vezes. A adolescente relata: “é, outras vezes sim, mas só de falar”. Roberto fala para a enteada “que eu sou muito linda, que eu peguei um corpo (pausa), quando eu estava namorando perguntou se eu era virgem ou não”. Larissa afirma se sentir “muito mal, porque eu nunca, de uns seis anos pra cá, eu nunca pensei que ele fosse capaz de fazer isso comigo. E ele passa na cabeça dele que eu não sou capaz de falar nada”.

Ao contextualizar esses fatos e falar sobre as violências, Larissa afirma que atualmente tem coragem de denunciar. O motivo que impulsiona a coragem de Larissa é relevante:

Antes dele fazer essas coisas com minha mãe eu não era capaz de falar nada mesmo não. Mas bateu aquele ódio e eu falei “ele fez isso com minha mãe e eu vou fazer algo também. Vou falar” alguma coisa que eu puder, alguma chance que eu tiver de falar eu vou falar.

Não é incomum a presença de comportamentos sexuais abusivos contra adolescentes/crianças em lares perpassados pela violência (Kevin Swartout, Ashlyn Stewart, Carolyn Brennam, Jacquelyn White, 2015; Jonathan Grubb & Leana Bouffard, 2015). Se não bastassem as dificuldades que o abuso sexual oferece à vida daquelas/es crianças e adolescentes em risco, realizar uma abordagem acerca desta problemática que acontece no contexto familiar também apresenta complexidades e dificuldades (Silvia Lordello & Liana Costa, 2013). O cenário envolve elementos complexos, dentre eles: os vínculos, os segredos, a dinâmica familiar, as relações de poder, entre tantos outros (Lordello & Costa, 2013).

É preciso abrir um parêntese: há uma grande dificuldade das vítimas de abuso sexual em exporem a(s) vivência(s) traumáticas(s) (Lordello & Costa, 2013). Durante a entrevista nos sentimos extremamente tocadas e incomodadas com a realidade vivida por aquela adolescente. O fato de ela ter tido tamanha confiança e honestidade em relatar com detalhes esta sua vivência, especialmente em uma única entrevista, também nos chamou a atenção.

Em reunião com a orientadora desta pesquisa, posterior à realização da entrevista, foi relatada a questão do abuso sexual, assim como o risco iminente que entendemos que a adolescente estava exposta. Optamos por intervir neste contexto. Agimos de acordo com o Código de Ética da nossa Profissão, ressaltando a nossa responsabilidade social em relação à participante de nossa pesquisa (Conselho Federal de Psicologia, 2014).

A situação foi levada a uma reunião com Psicólogas e Advogada/os do Projeto “Maria da Penha – Ação e Proteção”. A realidade da participante do projeto e de sua filha foi elucidada para todas/os as/os presentes. Em conjunto decidimos que seria realizada uma reunião com a adolescente e, posteriormente, com a mãe e a adolescente. O objetivo da reunião seria relatar e iluminar a gravidade da situação para ambas, para que medidas práticas e legais pudessem ser tomadas. A reunião foi realizada e hoje a mãe encontra-se ciente de toda situação. O processo de separação do então marido está em andamento.

O fato é que os problemas em casa começaram há um ano atrás, segundo Larissa. É “um vai e volta”, de acordo com a adolescente. A mesma situação aconteceu com a esposa anterior de seu padrasto. Larissa contou sobre como ele a agredia, inclusive na frente do filho deles.

Atualmente o filho de dez (10) anos mora com o pai, no mesmo contexto familiar de Larissa e Andreia. Larissa relatou durante a entrevista que ele é uma criança com o temperamento difícil. Há um paradoxo no comportamento da criança: é comum que ele destrua Andreia, assim como proteja ela de seu próprio pai.

Devido à última briga que aconteceu, Larissa e Andreia não estão morando na mesma casa que o padrasto e o filho dele. Larissa está morando na casa de uma vizinha. A adolescente diz que já avisou para a mãe, que se ela voltar para a casa, ela “tá pedindo pra morrer”. O único motivo que Larissa retorna a casa é para cuidar do filho de seu padrasto. Nas palavras de Larissa, o filho de seu padrasto é “bagunçado”.

A adolescente deu o exemplo de algumas frases contrastantes que ele diz à sua mãe (madrasta dele). A criança aconselha a madrasta, como por exemplo: “Andreia, se meu papai sair, você tem direito de sair também, só não fica com ninguém” ou “Andreia, meu papai fica fazendo isso, mas a mulher que ele ama é você”. Larissa, contudo, diz que “passa um tempo ele fica tipo do lado do pai dele “Andreia você sai meu pai não sabe, você fica mentindo é por isso que ele faz isso, meu papai sai e a culpa é sua porque você só fica na vizinha”. Larissa afirma não saber o que pensar sobre essa situação.

A partir dos relatos da participante percebemos que, além da mãe e da filha adolescente, há outra pessoa exposta ao contexto de violência: o filho mais novo de Roberto. A criança também pode vir a ser negativamente afetada por todo este complexo cenário familiar. A própria fala de Larissa demonstra o fato de que o garoto se encontra em dúvida entre “qual lado deve escolher”, nas brigas entre seu pai e sua madrasta.

David Levisky (2002) aponta que crianças e adolescentes “são vulneráveis e receptíveis aos estímulos internos e externos que participam na formação de sua identidade”. Tal vulnerabilidade faz com que o desenvolvimento psicológico, biológico e social seja afetado por diversas instâncias. O relacionamento familiar desempenha influência ímpar neste sentido (Camacho & Matos, 2007; Queen et al, 2013).

Ao ser perguntada se ela entende seu cotidiano familiar como saudável, Larissa respondeu: “um pouco”. A adolescente destaca também que viu “o tanto de ódio que ele tava no coração”. “Se ele foi capaz de fazer, falar isso ele é bem capaz de matar você quando você

tiver dormindo com ele”, é o que Larissa relatou ter dito à sua mãe no último episódio de violência. A jovem afirma não ter pavor dele, apenas medo. Garante que se ele fizer algo, ela é capaz de agir e responder.

Larissa relatou sobre a última violência que ela havia presenciado. É comum que as/os envolvidas/os em situações de violência doméstica, não saibam nomear o que vivenciaram como violência (Gláucia Diniz & Miriam Pondaag, 2004). Larissa, por outro lado, não apenas considera como violento o relacionamento de sua família, como afirma também que houve violência física perpetrada por seu padrasto, contra a sua mãe.

A violência começou com o padrasto pedindo para ver o celular de Andreia, que respondeu “se você for ver o meu celular, eu quero ver o seu”, de acordo com a adolescente. O padrasto revidou dizendo “tudo bem, eu não tenho nada pra esconder, você já vê o que eu não te mostro”.

Larissa relatou que no celular da mãe havia muitas provas (gravações de brigas, fotos das traições de Roberto, documentos para o andamento do processo de separação e direito da divisão dos bens) e por isso ela negou entregar o aparelho. O padrasto insistiu e disse: “se você não me der por bem eu vou tomar, você sabe que eu vou tomar, então é melhor dar por bem”. Andreia entregou o celular para uma tia de Larissa que morava com elas na época, para ela retirar todas as provas que elas tinham contra o marido de Andreia, antes de ele ter acesso.

Larissa apontou que se ele conseguisse ter em mãos o celular, ele apagaria todo o conteúdo do aparelho. A adolescente também afirmou que:

Ele ainda é vingativo (...). Não é porque minha mãe tava escondendo, ou tava com homem nenhum. É porque ele ia apagar. Então minha mãe deu o celular pra ela pra ela tirar *as foto* pra ela, e ele pensou coisa errada, ele falou assim “bando de vagabundas”, gritando comigo. Ai ele pegou minha mãe pelo braço e começou a botar minha mãe enforcada. Aí nessa vez minha mãe pegou o celular da minha tia e tacou no chão.

Tacou no chão não, porque ele tava apertando a mão dela e caiu no chão, pra ela soltar. Aí caiu e ele ainda apertando o pescoço dela e eu falei “solta ela” gritei “solta ela” aí ele “que soltar o que?!” aí ele soltou. Aí eu peguei, minha mãe pegou o celular e deu pra mim e disse “agora vem pegar de mim” ele só não me deu um tapa porque minha mãe me puxou pra trás.

Perguntei para Larissa se ela pensou que iria ser agredida pelo padrasto nesse momento e ela respondeu afirmativamente. “Só não encostou em mim porque minha mãe puxou eu pra trás”. Depois desse momento ele ainda insistiu para ter em mãos o celular. O fato de as mulheres estarem juntas e terem se negado a entregar, fez com que o padrasto e a mãe de Larissa continuassem a discutir. Larissa informou que ele não segurou mais com força o pescoço de sua mãe, apenas o braço.

Larissa disse que sentiu “raiva”, “ódio” neste dia. Ela afirmou que pensou em matar o seu padrasto, porque, segundo ela “eu tava sentindo ódio, raiva, rancor, tudo”. Larissa afirma que se lembra da cena perfeitamente, porque “foi muito forte”. Ela atribuiu a culpa da briga, à amante de seu padrasto que mora em Goiânia. Larissa afirma que esta amante “botou na cabeça dela que minha mãe tava traindo ele, se envolvendo com homem. Por isso que aconteceu isso, foi culpa dela”.

Larissa demonstra certeza do fato, porque o próprio padrasto afirmou que a amante havia lhe falado “umas coisas e ele só queria confirmar”. Ainda ressaltou que “se você me der seu celular eu falo se eu volto pra Goiânia ou fico aqui”. Mais uma vez, Roberto se coloca como o dominador no contexto conjugal e familiar.

Na entrevista, este tópico é encerrado com a pergunta “hoje em dia você tem a sensação de que a violência pode voltar a acontecer a qualquer momento ou você está mais tranquila?”. Larissa respondeu da seguinte maneira: “tranquila eu não to não. Eu acho que pode acontecer sim”.

Na entrevista de Andreia, ao ser perguntada se as violências físicas são recorrentes, Andreia afirmou: “não, não é recorrente”. Em seguida ela completou: “Mas o psicológico dele mesmo, ele mexe mais com meu psicológico”.

Andreia é cabeleireira e manicure. Trabalhava e era dona de um salão na mesma cidade que mora atualmente. Roberto não gostava que a esposa trabalhasse e insistiu para que ela fechasse o seu salão de beleza. O intuito de Roberto era que Andreia ficasse responsável pelo cuidado do filho dele. Ela cedeu aos pedidos, mas relatou que se arrepende.

Andreia afirma o seguinte sobre o marido:

Uma pessoa que me desvalorizou o resto da minha vida, dez anos me desvalorizando. Tinha capacidade de montar um salão pra mim, ele sabe o que eu posso fazer. Mas não foi homem suficiente pra fazer isso. Sempre me prendeu da minha capacidade.

A violência psicológica que Roberto pratica com Andreia é no sentido de fazê-la se sentir incapaz. Andreia faz o relato a seguir emocionada. Afirma, mais de uma vez, o medo que sente de seu companheiro:

(...) simplesmente eu tenho medo de sair de casa quando ele tá perto de chegar. Eu tenho pânico, eu tenho que ficar em casa, porque ele chegar e eu não estar em casa... Eu tenho que estar em casa, senão ele pergunta se eu fui pra onde, tava fazendo o que.

A palavra “pânico” chama a nossa atenção. Essa palavra deixa evidente o medo/pavor de Andreia. É possível afirmar que a percebemos não apenas refém de violências físicas, mas de violências psicológicas, de acordo com seu relato.

A Lei Maria da Penha (Lei n.11.340, de 07/08/2006), descreve a violência psicológica como toda ação que “cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações” (Brasil, 2006). A violência moral, de conceituação muito próxima da psicológica, é vista como toda e

qualquer conduta que vise caluniar, injuriar e difamar a mulher (Brasil, 2006).

A violência psicológica pode causar sofrimento psíquico intenso e até mesmo facilitar o desenvolvimento de distúrbios de natureza física, de acordo com Ela Castilho (2016). Segundo a autora, certos modos de praticar violência psicológica, são comuns com a violência moral. A violência psicológica pode ser expressa em um único episódio, contudo “o que se vê, em geral, é a conduta que se configura na reiteração da ameaça, do constrangimento, da perseguição, da vigilância, da humilhação, do insulto, da ridicularização, da exploração do trabalho” (Castilho, 2016, p. 46). Todas essas manifestações de violência psicológica, são citadas na entrevista de Andreia como sofrimentos vivenciados por ela e praticados por seu companheiro.

A entrevista de Andreia também reforça informações dadas por Larissa, quanto ao domínio de Roberto sob a família. Roberto se porta como a figura de poder, detentor de controle e que submete as outras pessoas que moram ali, em uma situação de dependência econômica e emocional a agirem de acordo com suas vontades (Bandeira, 2014). Andreia narra que no feriado natalino do último ano, seu marido foi para Goiânia, celebrar a data com um relacionamento extraconjugal que ele mantém na cidade. “Isso é doído, me deixar sem luz, sem energia ainda mais”, afirma Andreia.

Na data supracitada, Andreia disse que “senti na própria pele” o que Roberto faz com seu filho. Ela narra que decidiu pedir uma pizza, mas a criança se contrapôs e pediu “não Andreia deixa eu ligar pro meu papai, vai que ele tá chegando e a gente come junto”. A ligação resultou na negativa da vinda de Roberto, e a criança começou a chorar, o que fez Andreia concluir: “poxa se ele não tem amor pelo próprio filho, vai ter por mim?”.

Foi neste momento que Andreia afirma ter conseguido chegar à conclusão que “estava cansada” de toda situação. Andreia destaca se sentir “exausta” e “cansada”, mas também acrescenta: “eu tô aliviada, hoje eu tô saindo. Chegava aqui... a primeira vez que eu cheguei

aqui, em pânico. O que deu pra fazer deu, o que não deu...” – aqui ela está fazendo menção aos acompanhamentos psicológicos e jurídicos proporcionados pelo Projeto “Maria da Penha – Ação e Proteção”

Ao final da entrevista, ao ser perguntada se queria acrescentar mais algo, Andreia afirma “eu to tendo pavor mesmo”. “De que?” pergunto. “Do que ele falou”, responde. “O que ele falou?”. Andreia fecha os olhos e revela “Que ia me matar. ‘Vou te furar, perna, braço, peito’. Só ia parar quando eu parasse de mexer. Que ele ia pra cadeia, mas me mandaria pro inferno. Isso me transtornou. Eu tenho pânico dele. Pânico”.

Andreia também demonstrou ter medo pela vida de Larissa. Afirmou que Roberto “me bota incapaz de tudo que sou capaz de fazer”. Andreia relata que Roberto já ameaçou “colocar o celular na boca” de Larissa. Andreia afirma: “na vida dela eu acho que é a parte que ele me tortura (...) eu não vou comprar esse celular pra sua filha porque você fez isso. Eu não vou pagar uma consulta, porque você fez isso (...)”.

Larissa não quer que Andreia permaneça com seu atual esposo. Andreia recorda que um dia a filha disse: “se a senhora ficar com ele, eu vou respeitar a senhora. A senhora ficar com ele, tudo bem, mas eu não vou ficar mais com você”. Andreia assegurou ter se preocupado com a afirmação da filha, porque “é minha filha e eu. É eu e ela”. Roberto é uma pessoa que fez Andreia “sofrer demais”, portanto, Andreia se pergunta “por que eu vou dar a chance de perder minha filha pra ficar com ele?”. Essa questão paira no ar sem resposta....

### **Amanda e Márcia**

Amanda começou a participar da entrevista de modo tímido. Nas primeiras perguntas, ela respondia às questões com poucas palavras. Ela tem doze (12) anos, estuda em uma escola pública de Taguatinga, Distrito Federal. Mora com sua mãe e sua irmã.

Um fato curioso é que logo na primeira pergunta - “Me conte um pouco sobre você”, ela mencionou a vivência das violências. Amanda indicou: “quando eu era criança no começo,

antes de eu completar onze ou dez era bom, aí quando eu completei quase onze as brigas começaram”. O fato é que assim como Larissa, Amanda também demonstrou urgência em falar sobre suas experiências perpassadas pela violência.

A adolescência é um período do desenvolvimento humano reconhecido pelas múltiplas mudanças enfrentadas por meninas e meninos. Há transformações no modo de se relacionar (Susana Rodríguez & Bruno Damásio, 2014), assim como mudanças de ordem social, psicológica e fisiológica (Levisky, 2002; Rodrigues & Damásio, 2014).

O fato de viver o adolescer com a presença de violência como um elemento do cotidiano familiar, desperta preocupação. A qualidade deste cotidiano possui relação com o desenvolvimento emocional das/os adolescentes em diferentes esferas de sua vida: seja no meio escolar, nos relacionamentos ou em seu futuro profissional (Joan Grusec & Maayan Davidov, 2010; Moin Syed & Inge Seiffge-Kfrenke, 2013).

Em sua entrevista, Amanda forneceu mais detalhes sobre a época em que sua mãe sofria as violências. Falou mais disso do que de suas memórias da infância ou adolescência. Amanda relatou muitas histórias sobre si e sua família. Relatou que atualmente, em sua casa, moram ela, sua mãe e sua irmã mais nova.

Os pais de Amanda nunca beberam. O pai, quando se separou da mãe, “começou a namorar com outra mulher e às vezes eu vi ele bebendo”. Amanda disse que nunca teve qualquer tipo de experiência sexual traumática e não considera que, quando os pais moravam juntos, tinha de seguir regras rígidas de comportamento. Apesar de toda violência que já compôs seu dia-a-dia, considera “eu não troco minha mãe e meu pai e minha irmã nem morta (...) família é família, não tem como substituir”.

Ao perguntar sobre as histórias de violência, Amanda informou que quem praticava as violências contra sua mãe era o seu pai. Eles moravam juntos até dois anos atrás, mas agora seus pais estão separados. Amanda relatou que vê o pai às vezes. Chamaremos o pai de

Amanda de Cléber. Amanda mencionou seu pai frequentemente na entrevista, porém, curiosamente, falava nele de maneira vaga, contando lembranças do passado.

Amanda gosta de desenhar, ler, assistir filmes e “mexer no computador”. Gosta de ir à escola, mas informa que “o único problema é matemática que não to me dando muito bem”. A adolescente já trocou de escolas muitas vezes e hoje estuda em uma próxima de sua casa, em Taguatinga, Distrito Federal. Não tem muitos amigos, porque “as pessoas não se dá bem comigo”. Ao ser perguntada por que, ela não soube responder.

Ao lembrar da mudança de seu pai de sua casa, Amanda demonstra tristeza. A adolescente afirma que quando ele saiu da casa “ele conseguiu fazer minha cabeça pra eu achar que minha mãe tivesse errada, como se ele tivesse certo. Então eu sempre acabava ficando do lado dele”. Foi uma época em que Amanda recorda que o relacionamento com a mãe não era bom.

Há indício de que alienação parental ocorreu naquele lar. A síndrome da alienação parental é descrita por Richard Gardner (1999) como uma situação na qual o pai ou a mãe iniciam um processo de difamação e/ou calúnia, com o objetivo de colocar a/o filha/o contra a outra figura parental (mãe ou pai). A habilidade do/a o/a pai/mãe em influenciar e determinar a relação da/o filha/o com sua/seu outra/o mãe/pai é inegável (Joan Meier, 2009). Em relação à Amanda, ela diz que atualmente percebe que “estava errada”.

Amanda conseguiu relatar um episódio de violência entre seus pais, presenciado por ela: “Teve uma vez que (...) ele e minha mãe brigou feio e minha mãe ia pegar o carro e ia lá pra minha tia, ai ele pegou e apertou três vezes a cabeça dela na parede e fechou também o portão na mão dela”. Amanda complementa dizendo que a agressão “arrancou uma parte da pele” da mão de sua mãe.

Diante de agressão, Amanda relata que não conseguiu ter reação, e que ficou “paralisada de medo”. Perguntada em relação ao que seu sentimento de medo significava, a

adolescente afirmou: “eu fiquei com medo. Simplesmente não sabia o que fazer”. Cléber nunca bateu em Amanda, segundo ela. Algo que a adolescente lembra é que ele gritava muito com ela e não gostava que ela brincasse com sua irmã.

Amanda se emocionou uma vez durante a entrevista. Ao falar sobre as proibições de seu pai para que ela não brincasse com sua irmã, a adolescente chorou. Se fosse o caso de traçar uma comparação com a entrevista anterior, de Larissa, podemos dizer que Amanda parece ser mais infantil do que a outra adolescente. Amanda acrescenta: “(...) como eu não podia ficar perto dela senão meu pai ia brigar, eu tinha que esperar ele ir trabalhar pra ir brincar com ela (...) eu só queria brincar”.

No momento em que sua mãe e seu pai se separaram, Cléber continuou “correndo atrás” de Márcia durante muito tempo, segundo Amanda. Nesta fase da separação, a adolescente relatou ter sentido “muito medo”, porque sabia que a mãe estava decidida e não iria retomar o relacionamento. Dada esta realidade, Amanda temia que o pai pudesse agredir sua mãe mais ainda.

Amanda finaliza este tópico da entrevista fazendo uma afirmação sobre o medo que sentia:

(...) Eu ficava às vezes com medo, quanto mais eu fui crescendo, mais eu fui vendo que tinha mais perigo. Minha mãe disse que uma vez, que quando a pessoa é criança e olha nos rostos dos pais, ela sabe meio que vê o futuro, vê o que acontece. E todos os anos eu sentia que ia acontecer alguma coisa de ruim e aconteceu.

A “coisa ruim” que aconteceu não foi abordada na entrevista de Amanda, porque a adolescente não quis responder. Quem elucidou esta questão, a partir de seu olhar, foi a mãe de Amanda, Márcia. Em sua entrevista, Márcia revelou que o marido havia sido preso mais de uma vez, em função da Lei Maria da Penha (Lei n.11.340/06).

Em um primeiro momento, a prisão de Cléber aconteceu devido às denúncias de

agressão à Márcia e pelo fato de ele não respeitar ordens restritivas, para não se aproximar de Márcia. Márcia, entretanto, denuncia as falhas da Lei Maria da Penha, uma vez que seu ex-marido ficou preso apenas um mês. “(...) ele cumpriu um mês e acabou! Não existe mais Lei Maria da Penha”.

Rejane Jungbuth (2016) afirma que no que diz respeito ao que está escrito na Lei Maria da Penha, não existem lacunas. A lei é bem construída e visa à proteção de mulheres em situação de vulnerabilidade doméstica. O problema consiste na “falta de implementação das condições necessárias para a proteção das mulheres em situação de risco” (Jungbuth, 2016, p. 17). É este mesmo fator que podemos observar na história de vida de Márcia e que ela mesma denuncia.

Atualmente, Cleber se encontra preso. A prisão não foi decorrente das agressões, mas sim do seu envolvimento com o tráfico. Márcia relata que quando eram casados, Cléber não tinha nenhuma relação com as drogas ilícitas. Cleber inclusive culpa Márcia pela situação que ele se encontra nos dias atuais. Márcia aponta: “Ele me acusa da destruição da vida dele (...) ele trilhou um caminho mesmo sem volta que foi o do mundo do crime, hoje ele quando retomar a sociedade ele vai ter aquela mancha”.

Márcia revela não esconder de suas filhas a realidade do pai delas. Ela diz que “esse é um assunto que, como tem justiça, tá sempre... às vezes ela escuta, às vezes atende um telefone de processo, então ela tá a par”. Márcia também ressalta que tenta não interferir na relação de Cléber com as filhas. Ela afirma:

Eu falo, “oh, fez isso, mas qualquer um erra, então assim, tem que diferenciar”. Sempre deixo muito claro que ele não foi bom pra mim como homem, eu falo pra ela, todas às vezes se você escutar eu falando de alguém sobre a conduta do seu pai, é como mulher, não é como mãe. E eu to falando do homem e não do pai.

Márcia relata que “ele não soube aproveitar essa chance e saber que sempre há, porque acaba é o relacionamento entre homem e mulher e não pai e mãe, pai e filha”. Atualmente, Amanda e Cléber se comunicam através de cartas. Segundo Márcia, quando Cléber sair ela permitirá que suas filhas vejam o pai. Em algumas das conversas que ela tem com a filha mais velha, Márcia narra que conversa com Amanda o seguinte:

(...) a única coisa que não vai acontecer é ele saber nosso endereço, só isso, nada mais vai ser empecilho. Então se ele perguntar você não sabe, não pode falar, enfim, só isso. Mas quando ele sair, se quiser ficar dois dias com ele, fala: “oh, mãe, como ele passou muitos anos fora eu vou ficar com ele um período”. Ótimo. A gente troca você de escola, o que importa é você.

O relacionamento pai e filha(s) é importante para Márcia. Ela relata, diversas vezes durante a entrevista, sobre a ligação que Amanda tem/tinha com o pai, especialmente durante a infância.

Márcia recorda de um acontecimento que, segundo ela, “marcou muito” sua filha. Dois anos após a separação Márcia convidou Cléber para comemorar o aniversário de Amanda, junto de todas elas. “(...) Já tinha algumas Marias da Penha, só que como eu vi que era muito importante pra ela, eu chamei ele pro aniversário”. Márcia complementa: “mesmo eu não estando junto com ele a gente podia ser uma família”.

É perceptível que o relacionamento agressivo e abusivo deixou múltiplas marcas em Márcia. Ela tem depressão, relata o sentimento frequente de medo em “entrar de novo em um relacionamento” e diz se sentir muito cansada. Mesmo em sofrimento, Márcia não manifesta desejo em impedir a aproximação de suas filhas ao seu ex-companheiro. Fabrício Guimarães (2009) aponta que há uma impressão de que os filhos precisam do pai “a qualquer custo, mesmo se este for violento com a companheira e/ou com as crianças” (Guimarães, 2009, p. 74).

O modelo familiar que temos atualmente é idealizado (Diniz, Santos & Lopes, 2007). A família não deve ser entendida como algo natural, mas sim, resultado de “formas históricas de organização” entre nós, seres humanos (Martha Narvaz & Sílvia Koller, 2006, p. 49).

Heleieth Saffioti (2015) destaca a existência de uma “ideologia de defesa da família”, ou seja, fica evidente a necessidade de que um o modelo de família - mãe, pai e filhas/os seja mantido (p. 78). Saffioti (2015) aponta que “os limites entre quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos” são tênues (p. 79-80).

É possível perceber estas “obrigações” impostas na fala de Márcia. Ela escolheu e escolhe, mais de uma vez, que suas filhas continuem a ter contato com o pai agressor. A sua própria vida é colocada em risco. Ela demonstra consciência deste perigo, uma vez que ela mesma revela sentir medo que ele possa fazer algo contra as filhas ou à ela.

Durante os últimos minutos da entrevista, Márcia fez um desabafo relevante. Ela revelou: “nunca pensei no suicídio propriamente dito, mas sempre pedi: ‘senhor tá difícil, tanta gente morre, né, se tiver chegado meu dia to preparada, enfim que seja da sua vontade’”. De acordo com ela, “um dos meus maiores pecados foi um dia que eu tava caminhando com elas duas e falei ‘senhor já morreu tanta gente assim caminhando, e um carro pega três pessoas’ entendeu, assim, foi um pecado muito grande”.

Ao encerrar este tópico da entrevista, Márcia ressalta:

Eu achei que não teria como, eu achei que nunca ia passar. Que nunca ia passar a tristeza, que eu ia viver o resto da minha vida com conflito, com distanciamento e hoje eu vejo que quando se une a família, ela não precisa ser grande, ela só precisa ser unida. Hoje eu tenho uma família unida. Somos só nos três, né? Porque eu perdi todo o vínculo com familiares, amigos, hoje é só nós três e nós três somos muito unidas. Eu e a Amanda principalmente, porque ela é maior, né?!

Márcia complementa sua fala ao afirmar que o que a auxiliou a vencer o sofrimento foi a vida de Amanda:

Quando eu percebi que o sofrimento dela era o meu sofrimento eu parei de sofrer. Falei que se eu vesse ela feliz, eu seria feliz. E ela, graças a Deus, hoje ela voltou a ser alegre, ta voltando a rotina normal.

As duas mães que entrevistamos demonstraram preocupação com o bem-estar de suas filhas. No primeiro momento de contato com as participantes, quando foi apresentada a pesquisa e antes do início da gravação das entrevistas, ambas as mães concordaram em participar do estudo, justamente em função da preocupação com a vida de suas filhas adolescentes. Elas manifestaram o desejo de que as filhas tivessem com quem conversar sobre os seus sentimentos, porque, segundo as mães, elas estavam sofrendo com a situação que viveram e ainda vivem.

As mães verbalizaram suas preocupações com suas filhas e com o estado de saúde mental delas, provenientes das agressões que elas já viram as mães sofrerem. Em uma entrevista, temos uma mãe que se recupera através da vida da filha. Em outra entrevista, temos uma mãe que decide romper com a violência, motivada por seu relacionamento com sua filha.

Há pesquisas que destacam a possibilidade da habilidade materna de tornar-se comprometida devido aos impactos da violência doméstica em suas vidas (D’Affonseca & Williams, 2011; Stephanie Holt, Helen Buckley & Sadhbh Whelan, 2008). Por mais que este possa ter sido um aspecto que compôs, em algum momento, a vida destas mulheres, não foi algo que nos propusemos a investigar em nossa pesquisa.

O fato é que tanto as filhas quanto as mães se preocupam e se ocupam das consequências e impactos das violências nas vidas umas das outras. Nossas entrevistas com mães e filhas nos permitiram acessar, para além dos objetivos da pesquisa, as perspectivas

destas mães nos dias atuais. Hoje, as mães participantes desta pesquisa demonstraram colocar a saúde e o bem-estar de suas filhas em primeiro lugar – inclusive à frente e/ou em conjunto com suas próprias necessidades.

## **2) Perspectivas das adolescentes sobre papéis de gênero, relacionamento e violências**

Um tópico que percebemos existir em comum entre as adolescentes participantes são as concepções que elas têm sobre gênero, ou seja, os papéis de mulheres e de homens e relacionamento-violência. Conseguimos fazer essa identificação, com base na sugestão de Bardin (2009) de destacar “um sentido que se encontra em segundo plano” (p. 43) a partir da análise de conteúdo.

Neste tópico iremos abordar e relacionar os três aspectos - papéis de gênero, relacionamento e violências com as histórias de vida das adolescentes. A construção destes conceitos pelas adolescentes pode e deve ter sido desenvolvido a partir das próprias vivências que elas tiveram.

Diferentemente da categoria discutida anteriormente, falaremos das perspectivas das adolescentes em conjunto, porque apresentam semelhanças. Resgatamos conteúdos que as adolescentes trouxeram durante as entrevistas, através de uma leitura detalhada das transcrições de suas falas. Posteriormente, relacionamos tais conteúdos com perguntas diretas que fizemos a elas nos momentos finais das entrevistas sobre os temas: “gênero”, “relacionamento” e “violência”.

### **O papel esperado da mulher**

Larissa falou detalhadamente sobre a mudança do Piauí para Brasília. A adolescente afirmou que o motivo de ela ter optado pela mudança foi para ajudar a mãe. Larissa disse que “sabia que a culpa da minha mãe, por ter deixado eu e meu irmão lá, não era dela. Aí eu vim

pra cá”. O irmão também mudou para cá junto com sua irmã. Larissa relatou que ele “passou um tempo” na nova casa, entretanto ele preferiu retornar para o Estado de origem porque “não gostou muito” da mudança.

Nesse contexto cabe perguntar: “Que culpa é esta que a mãe sente por ter se mudado para longe dos filhos?” A culpa é construída em função do papel designado à mulher de cuidar. A mulher deve ser a responsável pela manutenção e cuidado do ambiente doméstico, das/os filhas/os e do marido (Gláucia Diniz & Terezinha Féres-Carneiro, 2012; Narvaz & Koller, 2006).

A função feminina vinculada ao cuidado é histórica e culturalmente reforçada através do patriarcado. É comum que a mulher seja culpabilizada por “escolher” não exercer uma função que é culturalmente designada e que deve ser assumida por ela (Cássia Carloto & Silvana Mariano, 2008).

Na entrevista de Larissa, a adolescente aponta que seu padrasto “não tá nem aí pra minha mãe, só que quando ela tá fora de casa ele liga e fala pra voltar”. O modo que o padrasto de Larissa lida com Andreia nesse contexto deixa evidente a presença do sentimento e do comportamento de posse e controle.

Andreia exerce todas as funções que devem ser realizadas por uma mulher. Larissa, mais de uma vez, informou que sua mãe é esposa, mãe e que exerce inclusive o papel materno em relação ao filho de Roberto. Ela descreveu a mãe como “cuidadora”, “amiga”, “boa mãe”, “fiel”, entre outras características que também são citadas por Bandeira (2014). As funções e os sentidos que caracterizam as vidas das mulheres, muitas vezes não são suficientes para inibirem os homens de perpetrarem a violência, através da dominação e do poder sobre os corpos e as vidas das mulheres (Bandeira, 2014).

A situação do lar de Amanda era muito próxima da relatada por Larissa. Os motivos das brigas constantes que aconteciam entre seus pais são definidos pela adolescente como:

“meu pai queria só mandar na minha mãe, minha mãe não podia nem fazer nada. Se fizesse, mesmo se fizesse certo, ele brigava. Ela não podia sair na rua, não podia conversar com ninguém, era o dia inteiro em pé fazendo tudo”. Amanda informa que a mãe “não parava nem sequer um momento para sentar no sofá (...) ficava andando de um lado pro outro, mesmo se não tivesse o que fazer ela estava andando para arrumar”.

Do mesmo modo que na família de Larissa e Andreia, a mãe de Amanda também sofreu violências motivadas pela imposição do papel que uma mulher deve desempenhar em casa. As violências perpetradas como modo de punição, sofridas por Márcia, não eram apenas físicas. Amanda indica que seu pai “gritava muito” com sua mãe quando “meu pai queria mandar na minha mãe e ela não queria”. O pai ficava “sempre na rua” e “voltava só de noite”, enquanto a mãe organizava a casa e cuidava das filhas.

Fica evidente novamente que as prescrições do modelo patriarcal aparece como um dos principais traços culturais, capaz de justificar as violências contra as mulheres. Bandeira (2014) salienta que existem outros elementos determinantes na dinâmica da violência doméstica, ou seja, “o patriarcado e a dominação masculina, se tomados isoladamente, seriam causas insuficientes para se explicar a violência contra a mulher” (Bandeira, 2014, p. 457).

O fato é que estas ideias e conceitos simbolizam processos de dominação e são carregados de desdobramentos que não podem ser ignorados ao estudarmos os ambientes familiares (Bandeira, 2014). Tais elementos nos auxiliam na compreensão da complexa relação entre violência doméstica e a saúde mental das/os envolvidas/os em lares transpassados por esta(s) violência(s).

“Ser mulher” é equivalente a um lugar que limita a importância e ação desta mulher (Paula Peixoto, 2016). Somos tratadas como se não possuíssemos desejos, ambições ou aspirações próprias (Peixoto, 2016). A mulher “perde a sua autonomia para ser *um ser para outros*” (Diniz & Pondaag, 2004, p. 174).

## O papel esperado do homem

A cultura patriarcal determina uma hierarquia de poderes dentro e fora dos lares, como Saffioti (2015) destaca. Cléber, pai de Amanda, tinha no dia-a-dia familiar a autonomia de “sair de casa” quando quisesse segundo a adolescente. A mãe de Amanda, por outro lado, precisava manter tudo em ordem na casa e com as filhas, a todo instante.

Na família de Larissa, o padrasto viaja, trabalha fora e se envolve sexualmente com outras pessoas, sem o consentimento da esposa, enquanto ela não pode fazer o mesmo. Há, inclusive, explosões de ciúme por parte do padrasto de Larissa, que resultam em episódios de violência, pelo fato de ele acreditar que quando a mãe da adolescente sai de casa, ela o está traindo.

Nos exemplos dados pelas adolescentes, percebemos o poder masculino na construção de regras para o funcionamento daquelas famílias. O poder é relacionado aos homens e a obediência deve ser exercida pelas mulheres. À mulher é direcionada a função de manter a lógica familista do pai-padrasto (Bandeira, 2014).

Durante a entrevista, quando Larissa relatava sobre as traições de seu padrasto, afirmou não entender por que essa situação acontece. Segundo a adolescente “eu paro pra pensar e fico, minha mãe não trai ele com ninguém, não pega ninguém, faz de tudo em casa, aguenta os desaforos do filho dele e eu não dou trabalho nenhum pra ele (...) me pergunto o que minha mãe fez pra ele”. De acordo com Larissa:

(...) homem tem que trair, tem uns que não trai, mas tem uns que trai. Então eu só vou me juntar com um homem quando eu tiver certeza que ele vai ser fiel, vai me compreender. Vai ser, não vai mentir pra mim. Quando eu tiver certeza disso, aí sim, aí vou me juntar.

O adultério masculino é uma prática social comum em nossa sociedade e é frequentemente vista como natural (Jéssyca Bernadino & Edlene Silva, 2017). É reforçado no comportamento do homem que o ato sexual praticado constantemente é historicamente reconhecido como “um fator de honra à virilidade” (Bernadino & Silva, 2017, p. 150).

Saffioti (2015) afirma que “o homem foi educado para ir à caça”, no sentido sexual da expressão (p. 28). Além da “caça”, o homem também é educado para não se envolver emocionalmente. “Homem”, para Larissa, “é bem diferente da mulher porque ele não sabe, tem alguns que não compreende, mas têm alguns que não, ele não tem paciência, eles não têm capacidade de entender a mulher como a mulher entende o homem”. Diniz (2011) ressalta que “a divisão sexual do trabalho fez com que as mulheres fossem colocadas na posição de responsáveis pelo processo emocional da relação” (p. 17).

À mulher é destinado o papel de paciência, compreensão e passividade. O comportamento omissivo do homem é popular e constantemente justificado. É preciso considerar o contexto sociocultural que reforça estes estereótipos. Os homens “foram ensinados a valorizar a racionalidade e a esconder (ou mesmo negar) tudo que esteja relacionado à emotividade” (Diniz, 2011, p. 17).

### **Relacionamentos e violência**

Ao definir “violência”, Larissa afirmou: “É uma coisa que não é boa”. A adolescente complementa: “(...) porque qualquer mulher é pra ser tratada com carinho, amor, compreensão, ser valorizada, não ser maltratada, não ser chamada de vagabunda, mentirosa”. Amanda indica: “Realmente é uma coisa que não deveria acontecer, porque realmente a lei não ta adiantando muito. Porque as mulheres, mesmo sendo mulher ou homem sofrendo essa violência, tinha que criar coragem e ir na delegacia”.

“Relacionamento violento” é definido por Larissa como: “isso é uma coisa de caso de polícia”. Amanda percebe diferenças entre relacionamentos com a presença e ausência de violências e faz uma comparação: “Realmente dá pra ver a diferença entre um relacionamento amoroso e violento, como eu vi no relacionamento do namorado da minha mãe e meu pai. Quando era com meu pai, vivia brigando. Com o namorado, os dois juntos sem nem sequer *briga*”.

Ambas as adolescentes demonstram receio em se envolverem em relacionamentos e eles se transformarem em violentos, no futuro. Amanda afirma: “às vezes tenho, se acontecesse eu ia falar com minha mãe”. Larissa indica: “tenho receio um pouco (...) eu falei pra minha mãe, ‘mãe eu não vou casar’. Eu posso juntar, ele na casa dele e eu na minha”.

Várias pesquisas acerca das repercussões da exposição à violência doméstica na vida de adolescentes apontam para a transgeracionalidade da violência (Hye Choi e Jeff Temple, 2016; Grubb e Baufford, 2016; Marie Karlsson, Jeff Temple, Rebecca Weston e Vi Le, 2016; Brenda Lohman, Tricia Neppel, Jennifer Senia e Thomas Schofield, 2013; Peter Rivera e Frank Fincham, 2016; Ana Santos e Carmen Moré, 2011 e Jeff Temple et al, 2013). Essas pesquisas ressaltam a tendência de crianças/adolescentes repetirem comportamentos de violência em relacionamentos futuros, seja na posição de perpetradores ou de vítimas.

Nossa pesquisa não é longitudinal. O que podemos apontar, neste momento, é o fato de as adolescentes participantes da pesquisa demonstrarem resistência quanto a se envolverem romanticamente com outras pessoas no futuro. O receio pode ser justificado, pela presença das violências que transpassaram o cotidiano familiar das adolescentes. O fato é que elas perceberam que as pessoas que desempenham a função parental em suas vidas estão relacionadas à presença destas violências.

Homens e mulheres aprendem, desde muito cedo, papéis socialmente aceitos e esperados para cada um/a (Diniz, 2011). Papéis estes, inclusive relacionados à como se

comportar nos relacionamentos interpessoais, de acordo com a inserção no sistema sexo-gênero. As adolescentes, nas entrevistas, afirmam que não querem ter filhos ou casar. Ao fazer tal afirmação, rompem com as normas e prescrições de família tradicional a que suas mães e tantas outras mulheres são e foram submetidas.

Entendemos que nós, seres humanos, somos pessoas em constante construção. A formação em Psicologia nos auxilia a entender as mudanças que atravessam todo o ciclo da vida. É notável que a postura das adolescentes acerca do casamento e do ter filhos, pode e deve vir a sofrer modificações. O fato que é interessante e merece destaque que a exposição a relacionamento agressivo no ambiente familiar, fez com que as adolescentes decidissem que aquele não é um lugar que elas desejam ocupar no futuro, especialmente se for composto pelas mesmas características de suas próprias casas.

### **Considerações Finais**

Acontece muito comumente no campo das políticas públicas e repete-se em estudos científicos: as vozes femininas não são comumente ouvidas por pesquisadoras/es (Ackerly & True, 2010). Projetos, políticas públicas e pesquisas têm sido elaborados por homens e para homens. As mulheres “difícilmente são convidadas a participar” (Teresa Lisboa, 2007, p. 650).

Este fato moveu o nosso interesse em ter desenvolvido a presente pesquisa. É mais um motivo que nos levou a fazer uma pesquisa política e feminista, dentro do campo dos estudos de gênero na área da Psicologia. Somos mulheres realizando pesquisas para e sobre mulheres, enquanto refletimos também sobre a vida familiar e os impactos das práticas violentas de homens agressores sobre suas companheiras e filhas adolescentes.

Percebemos, na pesquisa, que em relação ao sistema sexo-gênero fica evidente a repetição dos papéis dos pais-padrastos e das mães das adolescentes, que homens e mulheres se tornaram reféns ao longo da história (Diniz, 2011). São estereótipos e prescrições sociais

que visam manter um modelo “ideal” de família e de relacionamento. Os papéis são justificados como algo “da natureza” de homens e mulheres, como Diniz (2011) ressalta. As adolescentes parecem questionar esta realidade, porque conseguem falar sobre elas, conseguem denunciar.

Dar voz e espaço para adolescentes meninas contarem suas histórias de vida marcadas pela presença de violências é relevante. É importante lembrar que o adolescer não pode ser considerado como processo único e comum todas/os jovens que vivem este período. O modo como estas adolescentes percebem as violências vividas por suas mães, afeta sua percepção de mundo, de relacionamento e precisa ser algo relevante para nós, pesquisadoras/es.

As violências sofridas pelas mães tornam-se violências para as filhas, porque o ambiente familiar é compartilhado. Há o risco das violências serem naturalizadas, banalizadas e/ou repetidas. Fica evidente a possibilidade de comprometimento da saúde mental e de adoecimento das filhas. Esta pesquisa reforça o fato de que precisamos dedicar espaço e tempo à escuta de adolescentes que veem suas mães expostas às múltiplas formas de violência.

É preciso destacar o sofrimento que as mães apresentaram por ter consciência de que as filhas viveram em um local permeado por violências e que adoeceram devido a este contexto. Esse processo reflete a vulnerabilidade de mulheres vítimas de violência doméstica, para além de suas vidas.

A violência doméstica dificilmente acontece de maneira isolada (Saffioti, 2015). Não é manifestada apenas através de agressões físicas ou psicológicas, mas sim, por meio de uma combinação de todas as formas de violência - física, moral, psicológica, patrimonial e sexual. As violências atingem, de fato, mais do que a mulher agredida. Todo o meio familiar sofre com as violências.

Desenvolvemos uma pesquisa construída com base nos parâmetros dos estudos

feministas. Nos preocupamos, ao longo de todo o processo de investigação, em possibilitar que as vozes das participantes fossem não apenas ouvidas, mas valorizadas. Objetivamos também revelar suas necessidades e modos de inserção em um sistema familiar marcado pelas regras do patriarcado. Estamos cientes das implicações da adoção dessa postura, mesmo que ela signifique questionar para além das questões que geraram o fazer da pesquisa (Narvaz & Koller, 2006).

É devido a este aspecto das pesquisas feministas, que devemos nos perguntar se, no contexto narrado pelas adolescentes, elas são “apenas” vítimas indiretas das violências sofridas por suas mães. O convívio familiar perpassado pela violência ofereceu riscos as adolescentes participantes da nossa pesquisa. Uma delas foi vítima de violência sexual do próprio padrasto, agressor de sua mãe. A outra adolescente viveu privações de brincar com sua própria irmã e foi vítima de alienação parental. É importante trabalharmos com a ideia de que essas adolescentes são, assim como suas mães, vítimas diretas de violência(s).

Outra questão que vai além dos objetivos iniciais deste artigo, é o fato de que as mulheres-mães participantes da pesquisa demonstraram múltiplas preocupações quanto às suas filhas. Pensamos que a atenção multidisciplinar oferecida a estas mulheres, também deve ser desenvolvida de modo singular. Falamos das interseccionalidades ao compreender a adolescência, mas não podemos esquecer das interseccionalidades e desafios presentes na vida de mulheres vítimas de violência doméstica e de suas filhas adolescentes.

Não podemos esquecer que a sujeição da mulher também é enraizada na maternidade (Thurler, 2009). As obrigações que as mulheres têm para com as/os filhas/os são cruéis e permanecem ainda atuais. Precisamos considerar a responsabilização destas mães sobre os sofrimentos das/os filhas/os, provenientes dos relacionamentos violentos que elas viveram/vivem com seus pais ou padrastos.

As preocupações e vivências de mulheres-mães que vivem em contextos marcados

pela presença de violências, assim como os impactos desses processos em suas filhas adolescentes precisam ser acolhidos. Esse é um desafio transdisciplinar que merece atenção e pesquisa.

### Referências bibliográficas

- Ackerly, B. & True, J. 2010. Back to the future: feminist theory, activism, and doing feminist research in an age of globalization. *Women's Studies International Forum*, 33, 464-472.
- Bandeira, L. M. (2014). Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*, 29(2), 449-469.
- Bandeira, L. M. (2017). Violência, gênero e poder: múltiplas faces. In: C. Stevens, S. Oliveira, V. Zanello, E. Silva & C. Portela (Orgs.) *Mulheres e violências: interseccionalidades* (pp. 14-35). EBook, PDF. Brasília, DF: Technopolitik.
- Bandeira, L. & Thurler, A. L. (2010). A vulnerabilidade da mulher à violência doméstica: aspectos históricos e sociológicos. In: F. R. Lima & C. Santos (coordenadores), *Violência Doméstica – vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal multidisciplinar* (pp. 159-168). Rio de Janeiro: Lumen Juris.
- Bardin, L. (2009). Análise de conteúdo. Edições 70, Lda. Lisboa, Portugal.
- Benetti, S. P. C., Pizetta, A., Schwartz, C. B., Hass, R. A. & Melo, V. L. (2010). Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psico-USF*, 15(3), 321-332.
- Bernadino, J. L. A. & Silva, E. O. (2017). Representações da violência de gênero e raça no documentário Doméstica, de Gabriel Mascaro, 2012. In: C. Stevens, S. Oliveira, V. Zanello, E. Silva & C. Portela (Orgs.) *Mulheres e violências: interseccionalidades* (pp. 145-164). EBook, PDF. Brasília, DF: Technopolitik.
- Brasil. (2006). Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. *Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher*. Presidência da República.
- Brasil. (2016) Resolução do Conselho Nacional de Saúde, nº 510, de 07 de Abril de 2016.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In *International Encyclopedia of Education*, 3(2). Ed. Oxford: Elsevier, Reprinted in: M. Gauvain & M. Cole (Eds.), *Readings on the development of children*, 2nd Ed. (1993, pp. 37-43). NY: Freeman. [online]
- Carlotto, C. M. & Mariano, S. (2008). A família e o foco nas mulheres na política de assistência social. *Sociedade em Debate*, 14(2), 153-168.
- Castilho, E. W. V. (2016). Violência psicológica. In: T. K. F. G. Barbosa (Org.) *A mulher e a justiça: a violência doméstica sob a ótica dos direitos humanos* (pp. 33-61). Brasília: AMAGIS-DF.

- Choi, H. J. & Temple, J. F. (2016). Do gender and exposure to interparental violence moderate the stability of teen dating violence?: Latent transition analysis. *Prevention Science, 17*, 367-376.
- Conselho Federal de Psicologia (2014). Código de Ética Profissional do Psicólogo. Elaborado em: Brasília, 21 de Julho, 2005.
- Diniz, G. (2011). Conjugalidade e Violência: reflexões sob uma ótica de gênero. In: T. Férez-Carneiro (Org.): *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 11-26). São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.
- Diniz, G. R. S. & Angelim, F. P. (2003). Violência doméstica – Por que é tão difícil lidar com ela? *Revista de Psicologia da UNESP, 2*(1), 20-35.
- Diniz, G. & Pondaag, M. (2004). Explorando significados do silêncio e do segredo nos contextos de violência doméstica. In: G. Maluchke, J. S. N. F. Bucher-Maluchke & K. Hermanns. *Direitos humanos e violência: desafios da Ciência e Prática* (pp.171-185). Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer.
- Diniz, G. & Férez-Carneiro, T. (2012). Casamento e família: uma reflexão sobre desafios da conjugalidade contemporânea. In: T. C. Viana, G. S. Diniz, L. F. Costa & V. Zanello (Orgs.), *Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea* (pp. 430-447). Brasília: Liber Livros.
- D'affonseca, S. M. & Williams, L. C. A. (2011). Habilidades maternas de mulheres vítimas da violência doméstica: uma revisão de literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão, 31*(2), 236-251.
- Camacho, I. & Matos, M. G. (2007). Práticas parentais educativas, fobia social e rendimento acadêmico em adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 3*(3), 37-55.
- Gardner, R. A. (1999). Differentiating between parental alienation syndrome and bona fide abuse-neglect. *The American Journal of Family Therapy, 27*(2), 1-10.
- Grubb, J. A. & Bouffard, L. A. (2015). The influence of direct and indirect juvenile victimization experiences on adult victimization and fear of crime. *Journal of Interpersonal Violence, 30*(18), 3151-3173.
- Grusec, J. E., & Davidov, M. (2010). Integrating different perspectives on socialization theory and research: A domain-specific approach. *Child Development, 81*, 687-709.
- Guimarães, F. (2009). *"Mas ele diz que me ama...": impacto da história de uma vítima na vivência de violência conjugal de outras mulheres*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília – Distrito Federal.
- Holt, S., Buckley, H. & Whelan, S. (2008). The impact of exposure to domestic violence on children and young people: a review of the literature. *Child Abuse & Neglect, 32*, 797-810.
- Jungbuth, R. Z. (2016). Ineficácia da Lei Nº. 11.340/06. In: T. K. F. G. Barbosa (Org.) *A mulher e a justiça: a violência doméstica sob a ótica dos direitos humanos* (pp. 11-20). Brasília: AMAGIS-DF.

- Karlsson, M. E., Temple, J. R., Weston, R. & Le, V. D. (2015). Witnessing interparental violence and acceptance of dating violence as predictors for teen dating violence victimization. *Violence Against Women*, 22(5), 625-646.
- Levisky, D. L. (2002). Construção da identidade, o processo educacional e a violência – uma visão psicanalítica. *Pro-Posições*, 13(3), 99-112.
- Lisboa, T. K. (2007). Empoderamento de mulheres e participação na gestão de políticas públicas. In: Anais do II Seminário Nacional de Movimentos Sociais, Participação e Democracia, UFSC, Florianópolis, Brasil, Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais, 602-640.
- Lohman, B. J., Neppl, T. K., Senia, J. M. & Schofield, T. J. (2013). Understanding adolescent and family influences on intimate partner psychological violence during emerging adulthood and adulthood. *Journal Youth Adolescence*, 42, 500-517.
- Lordello, S. R. M. & Costa, L. F. (2013). A metodologia qualitativa no estudo do abuso sexual intrafamiliar. *Revista Psicologia e Saúde*, 5(2), 127-135.
- Medeiros, M. N. (2010). *Violência conjugal: repercussões na saúde mental de mulheres e de suas filhas e seus filhos adultos/os jovens*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- Meier, J. S. (2009). A historical perspective on parental alienation syndrome and parental alienation. *Journal of Child Custody*, 6, 232-257.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006a). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 49-55.
- Navarro-Swain, T. (2006). Entre a vida e a morte, o sexo. *Labyrys, Estudos Feministas*, 10, [online, sem página].
- Peixoto, P. C. (2016). Quando o gênero legitima a violência contra a mulher e a violência doméstica. In: T. K. F. G. Barbosa (Org.) *A mulher e a justiça: a violência doméstica sob a ótica dos direitos humanos* (pp. 111-124). Brasília: AMAGIS-DF.
- Peres, R. S. & Santos, M. A. (2005). Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em Psicologia. *Interações*, X(20), 9-126.
- Queen, A. H., Stewart, L. M., Ehrenreich-May, J. & Pincus, D. B. (2013). Mothers' and Fathers' Ratings of Family Relationship Quality: Associations with Preadolescent and Adolescent Anxiety and Depressive Symptoms in a Clinical Sample. *Child Psychiatry & Human Development*, 44, 351-360.
- Rivera, P. F. & Fincham, F. (2015). Forgiveness as mediator of the intergenerational transmission of violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(6), 895-910.
- Rodriguez, S. N. & Damásio, B. F. (2014). Desenvolvimento da identidade e do sentido de vida na adolescência. In: L. F. Habigzang, E. Diniz & S. H. Koller (orgs.), *Trabalhando com adolescentes – teoria e intervenção psicológica* (pp. 30-41). Porto Alegre, Artmed.

- Saffioti, Heleieth. (2015). *Gênero Patriarcado Violência*. 2. Ed., São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo.
- Santos, A. C. W. & Moré, C. L. O. O. (2011). Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 220-235.
- Swartout, K. M.; Swartout, A. G., Brennas, C. L., White, J. W. (2015). Trajectories of male sexual aggression from adolescence through college: a latent class growth analysis. *Aggressive Behaviour*, 41, 467-477.
- Syed, M. & Seiffge-Kfrenke (2013). Personality Development From Adolescence to Emerging Adulthood: Linking Trajectories of Ego Development to the Family Context and Identity Formation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 104(2), 371-384.
- Taquette, S. R. (2009). Violência entre namorados na adolescência. *Revista Adolescência & Saúde*, 6(2) 6-12.
- Temple, J. R., Shorey, R. C., Tortolero, S., Wolfe, D. A. & Stuart, G. L. (2013). Importance of gender and attitudes about violence in the relationship between exposure to interparental violence and the perpetration of teen dating violence. *Child Abuse & Neglect*, 37, 343-352.
- Thurler, A. L. (2009). *Em nome da mãe: o não reconhecimento paterno no Brasil*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Villela, W., Monteiro, S., & Vargas, E. (2009). A incorporação de novos temas e saberes nos estudos em saúde coletiva: o caso do uso da categoria gênero. *Revista Ciência & Saúde Coletiva [online]*, 14(4), 997-1006.
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In A. Wagner e colaboradores (Orgs.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisa e reflexões* (pp. 19-35). Porto Alegre: Artmed.
- Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Flasco, Brasília – DF.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso – planejamento e métodos*. 4ª Edição, Artmed Editora S.A / Bookman, Porto Alegre: Rio Grande do Sul.
- Zanatta, J. A. & Costa, M. L. (2012). Algumas reflexões sobre a pesquisa qualitativa nas ciências sociais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(2), 344-359.

## ARTIGO 4

### EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SOFRIDA POR MÃES: IMPACTOS EM ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO

**Resumo:** A violência doméstica atinge mais do que a mulher agredida. Os impactos diretos ou indiretos, extensivos a outras pessoas que convivem no contexto familiar devem ser considerados. A adolescência constitui um período importante do ciclo vital. Ao pensarmos nas particularidades deste período do desenvolvimento, o objetivo desta pesquisa foi compreender se e como a violência doméstica sofrida pela mãe, repercute na vida e na saúde da(s) filha(s) adolescente(s). O estudo faz parte de uma pesquisa de mestrado. A intenção foi contribuir com o campo das pesquisas feministas e dos estudos de gênero, ao compreendermos a adolescência feminina e suas interseccionalidades. As participantes da pesquisa foram duas adolescentes do sexo feminino e suas mães. A partir de entrevistas semiestruturadas e da aplicação de um questionário demográfico, foi possível concluir que as adolescentes sofrem múltiplos impactos por presenciar as mães em situações de violência. As adolescentes tornaram-se vítimas, neste contexto. Os impactos afetam a saúde física e mental das jovens. É fato que a exposição às violências sofridas de maneira direta por suas mães afetam indireta ou diretamente a vida e a saúde de suas filhas adolescentes. Destacamos a necessidade do desenvolvimento de mais pesquisas neste âmbito.

**Palavras-chave:** Violência doméstica; impacto em filhas adolescentes; adolescência; saúde mental.

**Abstract:** Domestic violence affects more than the battered woman. The direct or indirect impacts extended to other people living in the family context must be considered. Adolescence constitutes an important period of the developmental life cycle and the singularities of this development period must be considered. The objective of this research was to understand if and how the domestic violence suffered by the mother has an impact on the life and mental health of the adolescent daughter(s). The study is originated of a master's research. The intention was to contribute to the field of feminist research and gender studies by understanding female adolescence and its intersectionalities. The participants of the research were two female adolescents and their mothers. Semi-structured interviews and a demographic questionnaire were used to collect the data. The results showed that adolescents suffer multiple impacts from witnessing their mothers going through situations of domestic violence. The female adolescents have become victims in this context. The impacts affect the young women's physical and mental health. We emphasize the need to develop more research in this area.

**Keywords:** Domestic violence; teenage daughter's impacts; adolescence; mental health.

#### Introdução

As várias formas de manifestações da violência doméstica constituem uma questão grave de saúde pública. Este tipo de violência não impacta somente os agressores e as mulheres vítimas. Ela também atinge outros membros da família.

Neste cenário, os filhos e filhas de mulheres que sofrem violências estão envolvidos na

dinâmica familiar violenta. São, portanto, pessoas que também ocupam o lugar de vítimas diretas ou indiretas da violência perpetrada contra suas mães (Vanessa Adeodato, Racquel Carvalho, Verônica Siqueira & Fábio Souza, 2005; Sabrina D’Affonseca & Lúcia Williams, 2011; Milma Miranda, Cristiane Paula & Isabel Bordin, 2010; Daniel Sá, Isabel Bordin, Denise Martin & Cristiane Paula, 2010).

É essencial que, ao refletirmos sobre as manifestações de violência doméstica e seus impactos, que o olhar de gênero seja incorporado nesta discussão. É justamente através de perspectivas e estudos de gênero, que a violência contra a mulher passa a ser entendida por meio da alteridade (Lourdes Bandeira, 2014).

A alteridade é o elemento principal que diferencia a violência contra a mulher de outras tantas violências cotidianas. A violência contra a mulher, segundo Bandeira (2014), é construída através de um sistema que nos ensina que existem desigualdades óbvias entre homens e mulheres simplesmente baseadas na condição do sexo - masculino ou feminino.

A construção do “ser mulher” e do “ser homem” é concretizada através de influências do meio sócio-histórico-cultural (Gláucia Diniz, 2011). Valores e normas são ditados neste contexto e ambos “organizam tanto as relações entre homens e entre mulheres quanto as relações dos homens e das mulheres entre si” (Diniz, 2011, p. 12).

A mulher, neste cenário, é vista como inferior e não possui o mesmo poder, direitos e *status* que os homens (Gláucia Diniz & Fábio Angelim, 2003). As mulheres vivenciaram e ainda vivenciam múltiplas opressões no decorrer da história (Elaine Pimentel, 2017). Este é um processo em que não há distinção entre idade, classe, etnia, orientação sexual, religião e/ou nacionalidade.

Todas as mulheres estão sujeitas a viverem em posições de submissão. As diferentes violências de gênero extrapolam o local privado, podendo ser igualmente observadas no âmbito das relações públicas – ou seja, em diferentes instituições, nas ruas, nos trabalhos

(Bandeira, 2014).

É certo que já avançamos muito em termos de pesquisas e teorias desenvolvidas em torno da violência doméstica e/ou das violências contra as mulheres. O fato é que se trata de um fenômeno complexo, e portanto, é necessário que sejam adotadas perspectivas analíticas multidisciplinares e relacionais para estudar, compreender e intervir neste meio (Lourdes Bandeira e Ana Thurler, 2010).

Partimos do pressuposto que os papéis de gênero são apresentados a nós desde os primeiros momentos de vida. Ao considerar a adolescência como uma fase crucial do ciclo vital, precisamos entender que os processos de construção identitária e de apropriação de valores que farão parte da identidade adulta, foram e são influenciados pelas diferenças de gênero, impostas na cultura em que vivemos. Estas diferenças de gênero, em conjunto com outros fatores, como por exemplo, a classe social, o trabalho, a cultura na qual a pessoa está inserida, constituem o processo subjetivo da/o adolescente, formado por meio da autoimagem e da construção da identidade nessa fase da vida (Marta Sales, 2014).

O presente artigo é um desmembramento de uma pesquisa de mestrado em Psicologia Clínica e Cultura. Nosso interesse foi desenvolver uma pesquisa científica que compreendesse as adolescências, no plural. Nosso interesse recaiu sobre a adolescência feminina, transpassada por violências sofridas pelas mães. O objetivo foi compreender como adolescentes do sexo feminino são impactadas por presenciarem em seu cotidiano, as mães como vítimas de violência doméstica.

Nesse contexto, formulamos a seguintes questões: A violência passa a ser extensiva às filhas? Há algum nível de adoecimento mental favorecido pela vivência das violências? Como são os relacionamentos com os perpetradores e as vítimas da violência? Através da realização desta pesquisa, pretendemos compreender os possíveis impactos da vivência de violências no contexto familiar em adolescentes do sexo feminino.

## Método

A pesquisa foi construída com base em uma metodologia feminista. No âmbito científico, pesquisas feministas visam promover reflexão e se contrapõem à visão de uma realidade homogênea característica deste meio (Marlise Matos, 2008). Os estudos feministas questionam a ideia universal de *homem*, comumente representado pelo homem branco, heterossexual, civilizado, do Primeiro Mundo (Margareth Rago, 2015). As participantes de nosso estudo são adolescentes do sexo feminino, de situação socioeconômica vulnerável, mulheres-mães, cujo contexto familiar é construído por violências.

Sandra Harding (1987) destaca que as metodologias feministas constituem uma oportunidade de dar voz às mulheres, ou seja, de tornar suas experiências visíveis por serem contadas através de suas próprias perspectivas. A história e a cultura nos mostram que silenciar ou desvalorizar sistematicamente as vozes femininas ainda é uma prática em vigência (Harding, 1987).

As participantes de nosso estudo foram adolescentes do sexo feminino, de situação socioeconômica vulnerável, filhas de mulheres-mães, cujo contexto familiar é marcado pela presença de violências. Também participaram de nosso estudo, as mães, vítimas de violência doméstica, das adolescentes. O objetivo foi compreender se existem e quais são os impactos em adolescentes expostas às violências domésticas perpetradas contra suas mães. Nosso objetivo foi ouvir e considerar as vozes das adolescentes. Foram elas que contaram suas histórias.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética vinculado ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (Apêndice A). A pesquisa foi realizada no Núcleo de Práticas Jurídicas da UnB, localizado em Ceilândia, Distrito Federal. As mães participantes e suas filhas são frequentadoras do Projeto de Extensão e Ação Contínua “Maria da Penha - Ação e Proteção”.

Os critérios de inclusão para a participação da pesquisa foram: mães que participassem do Projeto, cujas filhas fossem adolescentes e já tivessem presenciado algum episódio de violência em seus lares. Definimos a participação das mães como essencial. Foram elas quem levaram os convites às suas filhas para participarem da pesquisa e suas entrevistas foram realizadas com o objetivo de complementar as informações concedidas pelas adolescentes.

Quatro famílias atenderam aos critérios de inclusão, entretanto, apenas duas famílias participaram da pesquisa. Utilizamos nomes fictícios para discorrer sobre todas/os as pessoas envolvidas/os no contexto familiar das participantes. A proposta da pesquisa foi feita em um mesmo momento às mães e filhas. Todas as questões referentes à participação foram elucidadas através da leitura em conjunto do Termo de Assentimento para as jovens participantes (Apêndice B) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para suas mães (Apêndice C).

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: um questionário sociodemográfico respondido pelas adolescentes (Apêndice F) e duas entrevistas semiestruturadas, realizada de maneira individual com cada uma das participantes. Uma entrevista foi direcionada às mães (Apêndice E) e outra às adolescentes (Apêndice D).

As entrevistas semiestruturadas de todas as participantes - filhas e mães - foram construídas com o intuito de não afastá-las de sua realidade. Justificamos esta postura, devido ao fato de que a pesquisa feminista visa compreender a pessoa por meio de seu mundo social (Sue Wilkinson, 1998).

Ao adotarmos a utilização de entrevistas semiestruturadas nessa pesquisa, nossa pretensão foi compreender as perspectivas das participantes à respeito de uma experiência que têm em comum, e que compõe a temática de nosso estudo (Michele McIntosh & Janice Morse, 2015). As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

A pesquisa foi composta por um estudo de casos múltiplos, desenvolvida com base na

proposta de Robert Yin (2010). Rodrigo Peres e Manoel Santos (2005) apontam três principais aspectos epistemológicos para que um estudo de caso possa ser realizado com excelência. O primeiro deles indica que nós, pesquisadoras/es, temos que enxergar o conhecimento como um fenômeno em constante (re)construção.

O segundo leva em consideração “todo complexo” de um fenômeno. É importante considerar “uma ampla gama de aspectos do objeto para que seja possível compreender seu caráter unitário e evitar interpretações reducionistas” (p. 114). O último elemento diz respeito à complexidade da realidade e à necessidade de compreendê-la através de uma multiplicidade de olhares (Peres & Santos, 2005).

A análise dos dados foi realizada por meio da articulação entre os dados oriundos das respostas ao questionário e às entrevistas. As entrevistas foram analisadas com base no método de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2009). Na análise de conteúdo, a/o pesquisadora/r utiliza de um conjunto de técnicas para analisar as comunicações das/os participantes de uma pesquisa (Bardin, 2009).

Bardin (2009) ressalta que “um leque de apetrechos” é utilizado neste tipo de análise (Bardin, 2009, p. 33). Nos baseamos na obra da autora referida, para que durante as entrevistas, fossem considerados dentro do espectro de comunicações das participantes os seguintes elementos: a respiração das entrevistadas; a mudança de humor; a implicação de ideias pré-concebidas sobre o sistema sexo-gênero. Outro elemento importante foi verificar se haviam semelhanças nos discursos e nas vidas das participantes.

Após proceder à análise do material, o desenvolvimento de categorias facilita a definição dos elementos que aparecem em comum nas quatro entrevistas realizadas na pesquisa. A categorização tem importância em atividades científicas. Bardin (2009) aponta que o objetivo da categorização é “fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados em bruto” (p. 147).

Os dados das entrevistas passaram por um rigoroso processo de categorização, assim como Bardin (2009) indica. Foi realizada a leitura flutuante de todo o material das transcrições das entrevistas. Após a leitura, formulamos hipóteses quanto ao processo de categorização dos conteúdos das entrevistas, a partir da similaridade de conceitos. No momento final da análise dos dados, preparamos o material e elaboramos as categorias que compõem o presente artigo.

Os conteúdos das entrevistas foram divididos em duas categorias. São elas: 1) Relacionamentos e 2) Saúde mental/global. A categoria “Relacionamentos” foi dividida em outras três categorias: 1) pai/padrasto; 2) mães; 3) relacionamento de amizade e contexto escolar. A categoria acerca da “Saúde mental/global” foi construída ao considerar os impactos das violências no funcionamento fisiológico e psíquico das adolescentes.

## **Resultados e discussão**

Utilizaremos as falas das adolescentes e de suas mães para falar da vivência de cada adolescente, porque acreditamos que são complementares. Algumas informações dadas pelas participantes da mesma família são contrastantes ou complementares. Acreditamos que esta é uma característica importante das participantes e de suas histórias de vida, assim como de seu relacionamento.

As respostas das adolescentes ao questionário demográfico serão os primeiros dados que apresentaremos neste capítulo da pesquisa. Todos os nomes são fictícios.

**Quadro 3 – Questionário demográfico**

<b>Nome:</b>	Larissa	Amanda
<b>Idade:</b>	14	12
<b>Cor/Raça:</b>	Morena	Branca
<b>Religião:</b>	Católica	Cristianismo
<b>Cidade em que nasceu:</b>	Parnaíba, Piauí	Brasília, Distrito Federal
<b>Escolaridade:</b>	Ensino fundamental (9º ano)	Ensino fundamental (7º ano)
<b>Mora em:</b>	Sol Nascente	Taguatinga
<b>Você mora:</b>	Casa	Apartamento
<b>Você mora com:</b>	Família	Família
<b>Quantas pessoas (contando com você):</b>	Quatro	Três
<b>A casa é:</b>	Própria	Própria

O questionário demográfico também englobava perguntas relativas a várias dimensões da vida: namoro, filhas/os, trabalho remunerado e a renda familiar em salários mínimos. Todos os itens tiveram resposta negativa das adolescentes. A dimensão financeira constituiu o único tópico que as adolescentes não souberam responder.

Um objetivo importante da pesquisa foi acessar a autoavaliação das participantes acerca de sua saúde física e mental (Marcela Medeiros, 2010). As perguntas formuladas tiveram relação com a assistência médica e psicológica que as adolescentes já receberam em algum momento de suas vidas.

As adolescentes informaram que não recorrem com frequência à assistência médica

e/ou serviços de saúde. Assinalaram a opção “nunca” quanto à rede privada (hospitais particulares). Em relação às consultas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) ocorrem “raramente”, segundo as participantes. Apenas a adolescente Larissa assinalou a opção “às vezes”, quanto aos cuidados à sua saúde a partir da rede conveniada (plano de saúde).

A assistência psicológica é um serviço que nem sempre está disponível para pessoas que vivem em contextos de vulnerabilidade social. Larissa afirmou que nunca consultou com algum/a profissional da Psicologia ou da Psiquiatria. Amanda por outro lado, já recorreu à psicoterapia. Ao ser perguntada quanto ao uso de medicação psiquiátrica, Amanda respondeu afirmativamente, enquanto Larissa afirmou não ter feito uso desse tipo de medicação. A primeira adolescente justificou o uso, devido “às brigas e também por causa da falta de atenção”. A adolescente fez referência às brigas constantes entre a mãe e o padrasto.

O questionário demográfico é finalizado com uma questão sobre a maneira como as adolescentes têm se sentido emocionalmente nos últimos dias. São destacadas oito condições emocionais e as adolescentes precisam assinalar aquelas com as quais elas se identificam. As condições emocionais são: “excelente, nunca estive melhor”, “muito bem”, “bem”, “mais para melhor do que para pior”, “mais para pior do que para melhor”, “mal”, “muito mal” e “péssima, nunca estive pior”. Larissa assinalou “mal” em todas e Amanda assinalou “bem” em todos os itens.

A amostra de nossa pesquisa é pequena. Foi composta por duas adolescentes e contou com a participação complementar de suas mães, ou seja, tivemos apenas duas famílias participantes na pesquisa. A partir das entrevistas e das respostas aos questionários demográficos, percebemos que são duas adolescentes que vivem realidades diferentes.

Neste contexto, podemos apontar apenas duas características em comum às duas adolescentes: a condição socioeconômica e o contexto familiar de violência que elas vivem/viveram. Cabe ressaltar o fato de que, através do questionário demográfico, não foi

possível detectar semelhanças entre estas adolescentes em relação à condição de saúde mental e a algumas dimensões de suas vidas. Só foi possível acessar a presença de algumas semelhanças nas histórias de vida das adolescentes por meio das entrevistas.

A nossa hipótese é que tais semelhanças são decorrentes dos impactos das violências domésticas que as mães vivenciam/vivenciaram e dos reflexos que estas violências deixaram na vida das adolescentes. Essa questão será abordada mais profundamente no tópico a seguir.

### **Impactos das violências nas adolescentes: relacionamentos e saúde mental/global**

A análise dos dados coletados nos permitiu levantar os principais impactos da presença de violências nas vidas das adolescentes participantes da pesquisa, uma vez que elas presenciam e compartilham a experiência das mães como vítimas de violências. Consideramos por “impactos”, acontecimentos e/ou comportamentos que não eram usuais e que passaram a acontecer depois que as violências se tornaram cotidianas em suas famílias.

Optamos por dividir os impactos em dois grupos: 1. Nos relacionamentos; 2. Na saúde física e mental das adolescentes. É possível, deste modo, não apenas indicar todos os elementos que compõem cada um dos grupos, mas também estabelecer relações entre eles e as vivências das adolescentes.

Os impactos nos relacionamentos das adolescentes, são tratados a partir da perspectiva de: 1) relacionamento com o pai/padrasto; 2) relacionamento com mãe e 3) relacionamento de amizade e contexto escolar. Os impactos na saúde mental/global são vistos sob a perspectiva do funcionamento fisiológico e psíquico.

Os resultados serão descritos e discutidos em conjunto. As adolescentes apresentaram muitas experiências em comum. Este dado apresenta relevância para nossa pesquisa. Devido a este fato, não iremos separar os relatos das participantes, e sim, agrupá-los. Por mais que existam diferenças entre as histórias de vidas e de violências das adolescentes e de suas mães, há semelhanças no modo que as jovens são afetadas pelo sofrimento das mães.

Apresentaremos a seguir todos estes resultados e discussão teórica pautada na literatura da área.

### **Relacionamento com o pai/padrasto**

Um dos principais aspectos que chama atenção nas entrevistas das adolescentes é o relacionamento delas com o pai/padrasto. É uma relação de carinho, mesmo ele sendo o perpetrador da(s) violência(s) naquele lar.

As falas de ambas as adolescentes deixaram evidente que, por mais que exista o sentimento de revolta manifestado por elas, ambas também demonstram o sentimento de confusão por gostar do pai/padrasto. Este fato fica elucidado através da própria fala, como é o caso de Larissa, ou através da percepção materna, situação de Amanda.

Larissa indica que a relação com o padrasto “de uns tempos pra cá vem sendo bem difícil, a relação não tá sendo boa não”. Em contraste, a adolescente afirma que “não tem nem como eu não gostar do meu padrasto, eu gosto dele um pouco. Porque foi cinco anos de vivência”. Segundo a adolescente: “antes dele envolver com as mulheres, a gente saia, eu, minha mãe, o filho dele, nós quatro, pro parque, comer pizza, pra piscina”. Larissa ressalta que, apesar de tudo, tem lembranças boas de seu padrasto.

A adolescente afirma: “Não tem como (...) eu não tenho o que perdoar, quem tem que perdoar é Deus (...) esquecer não porque isso vai ficar sempre aqui na minha cabeça”. Larissa tem algumas das brigas de sua mãe com seu padrasto gravadas em um áudio do celular. A adolescente escuta, segundo ela, “de vez em quando” e sente tristeza todas as vezes.

O relato de Amanda, reflete um pai presente durante a sua infância, mas violento, na época em que as violências contra a sua mãe começaram. Amanda lembra de alguns episódios bons entre ela e sua família - irmã, mãe e pai. A adolescente cita como exemplo, passeios e viagens, mas, em comparação, os episódios de violências são relatados mais vezes em sua entrevista.

A adolescente não forneceu detalhes sobre o seu relacionamento com seu pai nos dias atuais. A mãe de Amanda, em contraste, foi quem iluminou estas questões. Márcia verbalizou diversas preocupações com a filha, no que concerne ao relacionamento dela com o pai.

Márcia informou que após os anos vividos em meio às agressões, quando ela decidiu “por fim no casamento”, ela e Cléber divorciaram de maneira consensual e com a guarda compartilhada das filhas. No início, Márcia relembra que era “tudo bem tranquilo”. Com o passar do tempo, Cléber passou a não aceitar o fim do relacionamento. Cléber passou a mostrar sua não aceitação através de mais agressões contra Márcia: “começou a impor quem ele era, pegava elas e não devolvia, queria entrar e eu não deixava”.

Márcia relembra também que, a partir do momento que eles se divorciaram: “todas as nossas brigas foram ele querendo ver as filhas”. Ele gritava, segundo Márcia: “eu vou entrar, eu vou ver minhas filhas, ninguém vai me impedir, eu amo minhas filhas”. A filha mais velha, Amanda, presenciava estas situações na maioria das vezes, assim como Márcia destaca.

Em sua entrevista, a mãe de Amanda informou que suas filhas não veem o pai há mais de um ano, tempo que corresponde ao período em que Cléber está cumprindo sentença prisional. Nesse contexto, o contato que Amanda tem com seu pai acontece através de cartas. Márcia acredita que Amanda é a filha que mais sofre pela distância do pai. Ela explica o porque:

(...) o que mais me dói nela, na Amanda é que assim, ela fica dividida. Ela tem muito medo de expressar, de falar no nome dele e me magoar e me fazer sofrer. Então assim, ela não comenta, ela não gosta de falar dele, ela não quer ver ele. E eu sinto que ela não quer não é porque não gosta. É porque ela acha que vai me magoar, vai me machucar, ela acha que vai ferir de alguma maneira se ela falar “eu amo meu pai, eu gosto do meu pai”.

De acordo com Márcia, Amanda tem medo de magoar a mãe. Por este motivo, ela evita em falar sobre o pai ou demonstrar saudade dele. Márcia afirma: “eu vejo que ela é muito dividida, que ela me quer e quer ele e acha que se ela quiser ele, ela, porque ela presenciou a violência, ela vai ta sendo infiel comigo”.

Na entrevista, Márcia narrou sobre amizades virtuais que Amanda tem. Em uma das conversas que Márcia leu, Amanda contou uma história interessante a um de seus amigos e Márcia considerou familiar:

Com um dos amigos ela conta uma historia que não aconteceu. Ela conta que tinha um amigo que ela gostava demais, que os dois eram muito próximos, que os dois brincavam, ele fazia cosquinha nela, ele fazia ela rir (...) bem parecido, muito próximo, muito próximo. E a história que ela conta é a que ela viveu com ele, ela fala que ele é chato, mas que ele fazia cosquinha nela e eles têm essa proximidade muito grande (...) ela falou que a vida dela não faz mais sentido depois que esse amigo morreu.

Márcia relata que nesta conversa, Amanda afirma que o amigo morreu. Sem o amigo, “a vida dela não faz mais sentido”. Márcia relembra que Amanda se refere a este amigo, com um nome muito parecido ao de seu pai. “(...) ele me falou que um dia a gente vai se reencontrar”, é uma das frases que a mãe de Amanda leu na conversa. Segundo ela, “isso não existe (...) se fosse um amigo que tivesse morrido, ela ia me falar, então ela fala dele”, se referindo a Cléber, o pai de Amanda.

O papel da figura paterna é tão importante quanto a função da mãe (Edi Manfroi, Samira Macarini & Mauro Vieira, 2011). Estudos provenientes da Psicologia demarcam que o papel do pai é fundamental no psiquismo e no desenvolvimento infantil, assim como em outras etapas da vida (Edyleine Benczik, 2011). A paternidade é construída através de uma relação transgeracional do homem-pai com a filha, de acordo com Thurler (2009).

A vivência de Larissa com seu padrasto foi construída em um período de cinco anos. Perpassou, portanto, desde os últimos anos da infância até os primeiros da adolescência. Roberto desempenhou o papel paterno em um período considerável da vida de Larissa.

Amanda, por outro lado, tem no pai a figura de um “herói”, segundo Márcia:

Eles fizeram várias viagens juntos depois da separação e é tudo vivo na memória dela (...) Ela tinha uma rotina com ele; a guarda com ela realmente foi compartilhada. Ela tanto ficava comigo quanto com ele (...) ela falava “então vou ficar lá uma semana com ele” e ficava. Ele levava e buscava na escola, então assim (...) mesmo ele brigando, mesmo ele sendo violento, ela via, mas dois três dias depois ele era o pai dela (...).

O fato é que mesmo vivendo em contextos marcados pela presença de violências, ambas as adolescentes tiveram uma pessoa que realizou a função parental em suas vidas. Nas entrevistas foi relatado pelas adolescentes o fato de que receberam cuidado, apoio econômico e presença desta figura paterna em seu cotidiano.

É importante ressaltar que a construção da paternidade não se resume à construção da relação de um pai com a/o filha/o. A paternidade, de acordo com Ana Thurler (2009) é “duplamente relacional”, envolve, portanto, a relação paterno-filial e também a relação com a mulher-mãe (p.56). A violência entre pai-mãe é um elemento que desempenha grande relevância, portanto, no modo de considerar a relação paterna-filial.

A relação paterna é considerada um “processo social de um vínculo a ser continuamente construído e reconstruído” (Thurler, 2009, p.56). Cabe destacar a relevância do contexto histórico. A “confusão” de sentimentos das adolescentes em relação às suas figuras paternas pode ser justificada através do resgate histórico de suas vivências. O fato é que são consideradas as violências que suas mães sofreram, mas os “bons momentos” com os pais não são completamente descartados pelas adolescentes.

## **Relacionamento com a mãe**

Devido ao fato de presenciarem as mães em múltiplas situações de violência durante a infância e adolescência, as jovens demonstraram nas entrevistas o sentimento de responsabilidade pela vida de suas mães. Este elemento é presente nas falas de ambas as participantes adolescentes e chamou a nossa atenção.

A proteção voltada à mãe é expressa por Larissa ao afirmar que, em se tratando de relacionamentos com outras pessoas “não mexendo com minha mãe sou super de boa”. Ao fazer referência sobre o relacionamento que tem atualmente com a mãe, Larissa afirma se sentir “sobrecarregada” e “responsável” pela mãe:

Porque além de cuidar da minha mãe, eu tipo, cuido da saúde dela. Quando ela tá com cólica ou dor de cabeça ou se sentindo mal, quem percebe é só eu. Porque ela não fala, ela não fala que ta doendo, que ta com cólica, ela guarda tudo pra ela (...) E ela não fala. Eu percebo sozinha.

Amanda define que sua felicidade é a felicidade de sua mãe e de sua irmã. Amanda afirma ainda que ela se preocupa com a mãe nas situações do dia-a-dia. “Eu tento ajudar ao máximo (...). Quando ela fica triste eu fico do lado dela até ela melhorar (...) agora sou responsável, tô cuidando mais da minha mãe do que minha mãe cuidando de mim”, conclui a adolescente.

O contexto familiar é determinante para o bem-estar de todas as pessoas envolvidas (Joan Grusec & Maayan Davidov, 2010; Alexander Queen, Lindsay Stewart, Jill Ehrenreich-May & Donna Pincus, 2013). Na pesquisa, a adolescente Larissa queixa-se do cansaço em cuidar da mãe. Relata um episódio em que ela decidiu “fugir de casa” porque, segundo ela “tava me sentindo um nada”.

Ambas as adolescentes discorrem sobre o “medo” em suas entrevistas. Uma hipótese é

que a atenção e o cuidado com as mães decorrem dos medos que elas relataram sentir nas várias vezes que as mães foram vítimas de violência doméstica. Atualmente, as filhas demonstram se sentir responsáveis tanto pela vida, quanto pelo bem-estar de suas mães.

As mães demonstraram preocupação quanto ao comportamento de proteção das filhas. As duas mães relataram perceber o investimento das meninas e o quanto isto ocupa as vidas delas. Não havia nenhuma pergunta na entrevista que abordasse essa questão com as mães. As informações dadas pelas mães foram espontâneas. Márcia e Andreia falaram em suas respectivas entrevistas que percebem o cuidado excessivo de suas filhas para com elas.

Há a preocupação por parte das mães, que suas filhas adoçam em decorrência deste comportamento. Márcia aponta: “Porque tudo ela percebe, às vezes eu *tô* assim e ela ‘mãe que foi, quer alguma coisa? Eu já não posso nem pensar mais, porque se eu pensar ela acha que eu *tô*, que ela tem que me acolher”. Ao lembrar de um episódio de violência, Andreia demonstra como Larissa se comporta em relação à mãe: “ele me convidou pra ir dormir no quarto e ela ouviu. E ela não queria, não quis de jeito nenhum. Ela ficou no sofá até eu dormir. Não deixou”.

É importante destacar também um paradoxo presente nos relacionamentos das mães com suas filhas, observado em dois períodos distintos. É possível fazer uma comparação entre eles. Durante as fases que ocorriam as violências, as adolescentes queixaram que suas mães eram distantes delas. Larissa indica: “Ela fazia tudo que ele pedia, ela não tinha tempo pra mim”. A adolescente Amanda afirma: “A gente quase não se falava, porque ela não ficava parada um segundo”.

Atualmente, as mães das adolescentes vivem momentos diferentes em relação às violências. Andreia está em processo de separação do atual marido-agressor e Márcia encontra-se separada há dois anos. Os apontamentos das adolescentes quanto ao relacionamento atual com suas mães é diferente: são relacionamentos positivos.

Amanda afirma que: “Agora todo dia eu amanheço, dou *bença* pra ela, eu vou, eu já vou direto assim nem acordando direito e falo ‘*bença* mae’, parecendo que vou desmaiar na sala de tanto sono.” Ela também indica: “Antigamente ela sequer não fazia brincadeira comigo, hoje ela brinca comigo”. A mãe de Amanda também nota esta mudança no relacionamento com sua filha. Márcia relata:

Eu assim, eu mudei muito eu já não me reconheço mais. Eu já nem sei assim, não me ligo mais em data, já não... perdi assim aquele foco, porque são muito trauma. Só que ela percebeu que ela pode me ajudar. E ela me ajuda. Então ela é o tempo inteiro “mãe tem mais alguma coisa que eu posso fazer? Tem mais alguma coisa pra *mim* fazer” o tempo inteiro, o tempo inteiro. Eu to almoçando e ela “quer que eu leve seu prato?”.

Larissa define o relacionamento com a mãe como “bom, porque eu protegia muito ela. Ainda protejo. Prefiro, é, se ele for bater nela, eu prefiro apanhar no lugar dela do que ela apanhar”. Ao lembrar dos episódios de violência que presenciou, afirma:

Depois que aconteceu isso, eu to bem do lado dela (...) eu e ela estamos bem próximas. Porque ela sabe do que eu sou capaz por ela agora, depois que eu falei pra ela que se acontecesse alguma coisa com ela eu ia tacar a garrafa na cabeça dele (...)

Camila Seron, Almir Prette & Rute Milani (2011) apontam em sua pesquisa a identificação de adolescentes do sexo feminino com suas mães. A relação entre mãe-filha é definida pelas autoras como “particular” (Seron, Prette & Milani, 2011, p. 158). A construção da identidade de adolescentes do sexo feminino sofre influências decorrentes da relação desenvolvida entre mãe e filha (Seron, Prette & Milani, 2011).

Ao considerar o cenário de violência doméstica e todo o contexto familiar, a relação das mães com as filhas merece atenção e pesquisa. Filhas e mães relataram o adoecimento mental, em razão do contexto de violências. Elas são impactadas pelas vivências de

violências. Esse processo afeta o modo que elas relacionam entre si.

Atualmente as adolescentes e as mães afirmam possuir proximidade e união na relação mãe-filha e filha-mãe. A resiliência das adolescentes e de suas mães aparece como elemento importante nesta relação. Trata-se de um elemento a ser considerado em ambas – mães e filhas – e que as ajuda a sobreviver diante das violências.

### **Relacionamento de amizade e contexto escolar**

O modo de se relacionar com outras pessoas além das pessoas envolvidas no círculo familiar, também é um aspecto que apresenta relação com as violências na vida das adolescentes. O relacionamento de amizade das adolescentes sofre impactos devido ao meio familiar violento que elas vivem/viveram, segundo as participantes. O ambiente escolar também será considerado neste tópico, visto que foi citado por ambas as adolescentes de modo contrastante.

A participante Larissa demonstrou sofrer em menor escala os impactos nas amizades e no dia-a-dia escolar do que Amanda. Larissa e sua mãe afirmaram que o desempenho escolar da adolescente é bom. Segundo Larissa: “Os professor me elogia muito, que eu sou muito focada nos meus estudos. Mesmo que tem problema em casa, sempre sou focada nos meus estudos e tiro notas boas, graças a Deus”.

Larissa conseguiu manter os círculos de amizade, mas apenas no ambiente escolar. Atualmente a adolescente se mudou da casa que morava com o padrasto e sua mãe e está morando com uma vizinha. Quando perguntada se há o costume de levar amigos em casa, a adolescente afirma: “Não porque agora eu não to tendo casa (...). Então vejo meus amigos mais na escola, de vez em quando vou na casa deles, só”.

Nos períodos em que ocorriam violências no dia-a-dia familiar de Amanda, a participante relatou que optava por não levar amigos em sua casa. A decisão da adolescente foi tomada em razão do medo que ela sentia, em as violências ocorrerem a qualquer momento.

Amanda indica: “Não, nunca, eu nunca sequer, falava, não tinha costume de levar amigo, primo”.

Márcia ressalta que a filha teve de mudar muitas vezes de escola. O processo de justiça (contra o pai de Amanda, ex-marido de Márcia) estava em andamento na época e isto fez com que Amanda ficasse até dois meses sem ir às aulas, segundo Márcia. Em decorrência deste fato, o desempenho acadêmico de Amanda atualmente é ruim e as amizades de Amanda são virtuais (“não sei se ela te contou, mas ela não tem um vínculo de amizade muito grande”, diz Márcia). Segundo a mãe de Amanda, Márcia, a filha “sofreu muito” no ambiente escolar em relação à amizade, e em decorrência das violências que presenciou:

(...) ela me passou um susto muito grande antes. Um dia eu peguei ela chorando na escola. Ela falou assim que não queria estudar que lá atrapalhava a vida da professora. Porque ela, né, passou por um período, como a gente saiu do abrigo, aí não tinha vaga, aí ela sofreu *bullying*, aí sofreu demais... fez xixi na roupa os meninos tudo viu, acabou a vida dela. Aí eu tirei ela da escola, acionaram o conselho tutelar e aí virou aquela confusão na nossa vida.

Amanda ao relatar em sua entrevista que não tem muitos amigos, justifica o fato ao afirmar que “as pessoas que não se dá bem comigo”. Ao ser perguntada se acredita ter sofrido *bullying*, a adolescente respondeu afirmativamente ao recordar de um colega (“foi, ele fez”). Amanda também relembra que os colegas de escola “ficam atormentando”:

Tinha um menino, que me atormentou tanto que eu tava perdendo minha paciência. Aí eu comecei a querer parar de ir pra escola por causa desse menino, porque pra mim ele estava me destruindo aos poucos tirando um pedaço de mim.

Dificuldades no ambiente escolar são comuns em adolescentes que vivenciam violências em suas casas. A pesquisa de Brenda Lohman, Tricia Neppl, Jennifer Senia e

Thomas Schofield (2013) aponta que adolescentes que vivem em contexto marcado pela presença de violências apresentam baixo desempenho acadêmico. Este dado corrobora com a vivência atual de Amanda.

O relacionamento de amizade também é uma temática explorada em algumas pesquisas sobre adolescentes expostos à violência doméstica entre os pais (Lohman et al, 2013; Susana Mustanoja et al, 2011). É possível que adolescentes que vivem neste contexto, se tornem vítimas de *bullying* e tenham dificuldade em estabelecer vínculos de amizade, assim como romper com processos de vitimização (Mustanoja et al, 2011).

As entrevistas de Amanda e Márcia iluminaram o fato de que a atenção dada pela mãe ao sofrimento da filha quanto ao cotidiano escolar foi de extrema importância. Mais uma vez, o relacionamento “mãe-filha” é considerado como um elemento importante na pesquisa sobre mães e filhas que vivem em situação de violência e precisa ser destacado.

A adolescente relata que quando tem algum problema recorre à sua mãe - “eu falo pra minha mãe, ela sabe”. Amanda parece ter rompido com a vitimação, de acordo com a percepção atual tanto de Márcia quanto da própria Amanda. Segundo Amanda: “ano passado quando eu tava no sexto ano eu ainda não tava forte pra conseguir me defender”. O enfrentamento de Márcia em relação aos problemas da filha decorrente das violências aconteceu da seguinte maneira, de acordo com a mãe:

Eu falei pra ela se você não sofrer, eu não sofro. Se você não chorar, eu não choro. Se eu ver que você tá alegre, eu vou ficar alegre. Porque minha felicidade depende da sua felicidade. Então ela assim... Acabou. Fala mais, melhorou. Não sei se ela te falou que no primeiro bimestre ela reprovou em todas, não sei se ela te falou. Só que agora ela já mudou, ela falou “vou fazer meus dever”. Ela já chega em casa, tira a roupa e fala “mãe eu já vou fazer meus dever”.

A família é um fator de proteção essencial neste contexto. O meio familiar pode facilitar e fazer com que sentimentos de aceitação à vitimização sejam desenvolvidos nas/os adolescentes. Ao mesmo tempo, a família também exerce papel único, pois auxilia as/os adolescentes a desenvolverem “mecanismos de enfrentamento para lidar com o processo de vitimização”, fato este observado nos exemplos citados por Amanda e Márcia (Wanderlei Oliveira, Jorge Silva, Andréa Yoshinaga, Marta Silva, 2011, p. 127).

### **Os impactos das violências na saúde mental/global**

A partir das entrevistas com as adolescentes e suas mães foi possível ter acesso aos impactos que as adolescentes sofreram/sofrem por terem presenciado as mães como vítimas de violência doméstica. Para além dos seus relacionamentos, os impactos também afetam a saúde global destas adolescentes. Nas entrevistas, as mães das jovens apontaram os sofrimentos que percebem na vida de suas filhas, assim como as próprias adolescentes relataram sentimentos e diferenças que notaram e passaram a enfrentar, após o período das violências.

O sentimento de “medo” é comum às duas adolescentes. O medo é, portanto, uma das repercussões das violências na saúde mental das jovens participantes da pesquisa. Ambas mencionaram o medo do pai/padrasto em fazer algo contra elas ou contra suas mães. Há o medo de a mãe ser machucada novamente pelo pai/padrasto.

É provável que a exposição à violência favoreça o desenvolvimento do medo em filhas/os que veem os pais em situações de violências (Anna Georgsson, Kjerstin Almqvist & Anders Broberg, 2011). A literatura indica que os limites das violências entre seus responsáveis são desconhecidos pelas filhas (Georgsson, Almqvist & Broberg, 2011).

Ao discorrer sobre a relação atual de seu padrasto com sua mãe, Larissa afirma sentir “Medo. Porque se ele não for capaz de matar, ele manda matar”. Amanda, por sua vez, ao falar sobre a separação entre seu pai e sua mãe e a dificuldade do primeiro em aceitar a

situação, ressalta: “Minha mãe não ia voltar e eu fiquei com medo dele agredir ela mais ainda. Ela não ia aceitar ele muito menos”. O fato de desconhecer a violência que a mãe pode estar realmente exposta pode justificar um elemento que apontamos anteriormente nesta pesquisa: a necessidade da filha em proteger a mãe a si mesma (Georgsson, Almqvist & Brober, 2011).

Na entrevista, desenvolvemos uma seção destinada para que as adolescentes avaliassem a sua saúde. A avaliação seria realizada, de acordo com as consequências que as adolescentes perceberam em suas vidas, a partir do contexto das violências perpetradas contra suas mães. Foi pedido que as adolescentes descrevessem a sua condição de saúde ao longo da vida e, que depois, fizessem um paralelo com a condição de saúde atual, após as violências.

Amanda relembra: “No começo quando eles brigavam, antes de separar, era muito ruim. Quando eles separaram eu comecei a ficar mais feliz”. Amanda destaca que ficava “muito triste (...). Naquela época um pouco eu fiquei, tipo, não tinha vontade de fazer dever de casa, vontade de fazer nada (...)”. Larissa, por sua vez, acredita que as violências afetaram a sua saúde, porque “eu nunca pensei na minha vida que eu ia passar por isso. Nunca passei por isso quando eu vivia com minha avó. Aí eu vim pra cá pensando que ia melhorar e foi piorar”.

O adoecimento mental é uma característica presente nas duas adolescentes. É relatado tanto pelas mães quanto pelas próprias jovens. Ao fazermos o convite para participar da pesquisa, a mãe de Larissa quis que a filha participasse, porque segundo a mãe, ela estava desmaiando muito. Durante a entrevista, quando pedida para que avaliasse a saúde da filha após as violências, Andreia indicou: “ela desmaia do nada. Tá ruim pra ela”.

Em sua entrevista, Larissa relatou sobre os desmaios: “se eu ficar muito nervosa eu tenho problema de pressão, minha pressão abaixa e eu desmaio (...) já desmaiei muitas vezes”. Ao explicar em que situação desmaiou, Larissa indicou: “Ah, quando ele (*o padrasto*) levantou minha mãe no pescoço, eu caí e bati a cabeça. Aí sangrou não muito, mas sangrou.

Teve que dar *dois ponto*, foi tipo na quina, não foi muito fundo”. Larissa também relembra: “Antigamente eu não sentia dor de cabeça, aí quando, vai passando essas coisas que vai passando na minha cabeça dá uma pontada que dá vontade de bater minha cabeça na parede até a dor passar”.

Em nossa pesquisa não foi aplicado nenhum instrumento com o objetivo de identificar se as adolescentes apresentam alguma psicopatologia ou traços de algum transtorno psicológico. O intuito foi que as adolescentes tivessem a oportunidade em contar suas próprias histórias, a partir de seus olhares únicos.

Cabe salientar, entretanto, que a partir da revisão de literatura realizada, foi possível acessar um número variado de pesquisas que indicam a relação entre exposição à violência doméstica das mães e o desenvolvimento de psicopatologias. A depressão, o transtorno de estresse pós-traumático e a ansiedade são os quadros psicopatológicos mais comuns que podem ser observados em adolescentes expostas/os as violências sofridas diretamente por suas mães (Kathleen Bergman, E. Mark Cummings & Patrick Davies, 2014; Michele Cascardi, 2016; Muhammad Haj-Yahia e David Bargal, 2014; Júlia Magalhães et al, 2017; Sylvie Mrug & Michael Windle, 2010; Miriam Schiff et al, 2014).

Foi possível detectar uma variedade de sintomas relacionados com estes transtornos nas falas das adolescentes. Elas deram exemplos importantes ao mencionarem fatores como o isolamento social, o baixo desempenho escolar, a instabilidade emocional, entre outros.

As duas adolescentes que participaram da pesquisa estão vivenciando atualmente algum nível de sofrimento/adoecimento mental - isto é fato. Não descartamos que as adolescentes possam ter desenvolvido algum transtorno psicológico, devido às violências. A violência conjugal entre a figura materna e paterna, para adolescentes, é considerada como um evento traumático. Adolescentes que vivenciam o convívio familiar transpassado pela violência são mais propensos a desenvolverem algum transtorno mental (Silvia Benetti et al,

2010).

Ao fazer uma avaliação sobre como elas se sentiam e se comportavam durante os períodos das agressões as adolescentes relataram a presença de sofrimentos. Larissa afirmou que “(...) tipo, eu era muito alegre, mas agora eu sou alegre e ao mesmo tempo fechada. Eu não sou a mesma pessoa de quando eu cheguei em Brasília”. Ao ser perguntada se ela se considera triste, Larissa responde: “Um pouco, quando eu paro pra pensar, quando vejo minha mãe triste... sim”.

Amanda, ao fazer o mesmo resgate, afirma que os acontecimentos a afetaram:

Um pouco no estado emocional (...). Eu ficava muito triste por motivo bobo, porque como eu passei muito momento triste, qualquer motivo bobo eu ficava triste. Podia ser o motivo mais bobo do mundo, mais idiota do mundo e eu ficava triste.

A literatura aponta que os hábitos alimentares alterados e baixa qualidade do sono são indicativos de estresse. A presença desses fatores pode caracterizar sintomas de múltiplos quadros psicopatológicos (Maiara Cunha & Lucienne Borges, 2013). Quanto ao sono, Larissa afirma: “Eu não durmo mais como eu dormia. Eu durmo pouco, acordo (...) eu não durmo, depois que aconteceu essas coisas todinhas eu não to dormindo bem”. A mãe de Amanda chega a definir como “insônia” os problemas de Amanda. Amanda revela que, desde as violências, começou a tomar “remédio para dormir”. A adolescente relembra: “eu tava tendo muita insônia, eu não tava conseguindo dormir”.

A alimentação constitui outro importante elemento, que funciona como indicador da presença de impactos da exposição às violências. Larissa relata não ter tido problemas neste sentido. A mãe de Larissa, por outro lado, afirma que quando as violências começaram a intensificar, a adolescente mudou os hábitos alimentares e atualmente não come muito. Já Amanda, ao lembrar dos momentos das violências destaca:

É realmente eu quase não comia. Minha comida favorita é macarrão, às vezes eu ficava com o *galfo* brincando com a comida, porque eu não tinha vontade de comer. Eu ficava lá só vendo o prato de comida, aí a comida esfriava e eu não comia. Eu passava o dia todo com a cabeça enfiada debaixo de um travesseiro.

A violência conjugal pode dar lugar a um ambiente generalizado de violência intrafamiliar. A violência passa a ser extensiva as/aos filhas/os do casal (Bandeira & Thurler, 2010; Diniz & Angelim, 2003). O fato é que as violências podem ser manifestadas contra as/os filhas/os de maneira indireta ou direta.

Amanda não considera ter vivido nenhum episódio de violência com seu pai. Larissa, por outro lado, considera que ele praticou “violência física” e “como ele falar que ia beijar na minha boca, essas coisas”. Em outro momento da entrevista, Larissa contou em detalhes os assédios de seu padrasto.

Ao serem perguntadas se durante os períodos de violências elas sentiram alguma vontade de não viver mais, ambas as adolescentes relataram sentimentos de ideação suicida. Larissa relatou um episódio em que tentou suicídio, de fato. As violências conjugais entre os pais constituem fatores de risco que predispõem à presença de ideações suicidas em filhas/os expostos a tais violências (Magalhães et al, 2017; Heather Turner, David Filkelhor, Anne Shattuck, Sherry Hamby, 2013).

Amanda afirmou que pensou em suicídio: “Aham, às vezes. Porque eu ficava muito triste. Ficava me perguntando por que entre milhões de pessoas Deus tinha me escolhido pra viver aquilo”. A adolescente indicou enfaticamente que não havia tentado se ferir ou tirar a sua vida. A mãe da adolescente, entretanto, acrescenta informações ao que aconteceu. Em uma das conversas entre Amanda e o seu amigo virtual Márcia leu:

(...) ela falou que a vida dela não faz mais sentido depois que esse amigo morreu, e que a vida dela é péssima, e que todo mundo que gosta dela acaba sofrendo, que ela é

um peso, e falou que não aguenta me ver sofrendo, chorando. Aí ele percebeu né?! Porque ela apagou muita conversa, a parte dela ela apagou muitos trechos e o que eu consegui restaurar ele perguntou “você vai cometer suicídio?” ela falou alguma coisa, a parte dela apagou, só ficou a parte do *amigo*, ele falou “você vai cometer suicídio?” ela falou assim “a minha decisão ta tomada”.

Ao ser perguntada se abordou sobre este assunto com a filha, Márcia relembra:

Perguntei, mas eu chorei muito. Chorei muito pra ter coragem e pra abordar ela, eu já abordei assim falando que amava ela (...) até chegar ao ponto de perguntar. E eu perguntei e ela falou que pensou mesmo, ela falou “mãe eu penso assim, se eu morrer vai ficar mais fácil pra senhora, porque vai ser só a senhora e a minha irmã” Mas aí, é muito difícil! (...) E aí, eu moro num prédio no quarto andar. E a tela foi cortada, um, só um e ninguém assume. Ela não assume, a irmã não assume, mas assim com esse histórico pode ter sido num momento de... né?!

Ao contrário de Amanda, a adolescente Larissa contou como planejou e tentou suicídio:

Sim, eu já tomei, eu já tentei me matar por causa de uns remédios. Fui na farmácia e pedi um remédio pra dormir. Aí eu pedi assim, o homem falou assim “caso seja pra você”, até estranhei porque ele falou isso “caso seja pra você, você se você tomar três é pra ter cuidado, você pode morrer”, mas aí eu falei assim “é pra minha mãe” (...) Aí eu tomei os três remédios. Minha mãe foi me acordar pra eu ir pra escola, aí eu não mexia, *tava* gelada. Ela chamou logo a ambulância, chamou a ambulância e eu fui parar no hospital. Eu só não morri, porque o último comprimido que eu tomei não foi junto com os outros, ficou engasgado aqui (*aponta para a garganta*). Aí foi só por isso que eu não morri.

Larissa foi questionada se tentou suicídio em razão das violências que sua mãe estava sofrendo e ela respondeu afirmativamente - “foi por causa da violência mesmo”. “Da sua violência ou da violência de sua mãe?”, foi perguntado, ao retomar a revelação de Larissa de que ela estava sendo assediada por seu padrasto. A adolescente respondeu, emocionada: “foi tudo misturado”. A literatura indica que crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual são propensas/os a apresentarem ideações suicidas (Luiza Braga & Débora Dell’Aglia, 2013; Turner et al, 2013; WHO, 2010).

Aventamos, por fim, a possibilidade de Larissa sair de sua casa e ir morar em outro lugar. Nesse contexto a adolescente relatou: “ano passado eu fugi de casa”. Ela relembra que não passou mais de um dia longe de casa. O que motivou a sua decisão foi: “porque assim, minha mãe não confiava em mim”. Aí eu falei, ‘ela não confia em mim, eu não saio sozinha, ela não vai importar se eu sair’. Aí eu tava me sentindo um nada, falei ‘vou sair e vou parar pra pensar’”.

É importante contextualizar que Larissa mencionou a fuga de casa logo após ter falado sobre a tentativa de estupro de seu padrasto e a sua própria tentativa de suicídio. Em mais de um momento na entrevista, Larissa se considerou “sobrecarregada”.

### **Considerações finais**

A presente pesquisa pretendeu discutir dimensões da vivência da adolescência feminina, marcada pela convivência com experiências de violências vividas por suas mães. A inclusão de uma perspectiva de gênero constituiu uma dimensão importante, desde o momento que consideramos a adolescência feminina diferente da masculina.

A partir da revisão de literatura realizada, identificamos múltiplos estudos que apontaram que adolescentes do sexo feminino vivenciam as violências conjugais entre seus pais, de maneira diferente de adolescentes do sexo masculino (Cascardi, 2016; Hye Choi & Jeff Temple, 2016; Robert Franzese et al, 2014; Marie Karlsson, Jeff Temple, Rebecca

Weston & Vi Le, 2016; Ana Santos & Carmen Moré, 2011; Schiff et al, 2014; Jeff Temple et al, 2013, Man Ho & Fanny Cheung, 2010). Tais pesquisas apontam inclusive que meninas tendem a sofrer mais impactos na saúde e na vida, se comparadas com meninos.

A análise dos resultados da pesquisa, em conjunto com a literatura multidisciplinar disponível sobre violência doméstica, possibilitou que as interações existentes entre gênero, violência e saúde mental fossem destacadas. Toda pesquisa é pautada em sua relevância social. O fato é que identificamos poucas pesquisas na literatura brasileira que lidaram com temática semelhante.

Esta pesquisa pretendeu oferecer mais um instrumento de reflexão crítica acerca das violências contra as mulheres. Apontou, em especial, os impactos das violências perpetradas contra as mães na construção das identidades e expectativas futuras de filhas adolescentes que presenciam essas manifestações de violências em seu cotidiano de vida e são marcadas por elas. Foi possível apontar também a possibilidade de adolescentes se tornarem vítimas de violências no contexto familiar, pelo mesmo agressor de suas mães. A adolescente Larissa, por exemplo, relata e se reconhece como vítima de violência física e sexual, perpetrada por seu padrasto.

A força do fenômeno “violência de gênero” ou “violência contra as mulheres” deixa evidente a guerra cotidiana em vigência contra mulheres de todas as etnias, crenças, idades, orientação sexual, classes sociais, condições econômicas e nacionalidades (Bandeira & Thurler, 2010). Relacionar a saúde mental de mulheres de diferentes idades com questões de gênero é, portanto, tarefa essencial.

Duas mulheres em situação de violência e suas filhas adolescentes participaram dessa pesquisa. Apesar do número reduzido de participantes foi possível ter acesso a informações valiosas. Ficou evidente que presenciar as violências sofridas por suas mães, afeta sim, a vida das adolescentes. Esta pesquisa iluminou o fato de que as repercussões das violências são

múltiplas e impactam várias esferas da vida e da saúde das adolescentes.

Diferenças de classe social, trabalho, cultura na qual a pessoa está inserida, orientação sexual, religiosidade, identidade de gênero, nacionalidade, constituem o processo subjetivo das/os adolescentes. A subjetividade é formada por meio da autoimagem e da construção da identidade nessa fase da vida (Sales, 2014). A construção do processo subjetivo das adolescentes participantes acontece também a partir de violências.

O Brasil é um país no qual o mito da “não-violência” é ainda muito presente (Marilena Chauí, 2011, p. 354). As violências são tratadas no geral como inverdades ou como um fenômeno superado. O machismo, racismo, sexismo, as LGTBTT fobias, a intolerância religiosa, e até mesmo a recente xenofobia presente em nosso país, são fenômenos encarado/as como inexistentes ou “frescuras” das pessoas que sofrem e/ou denunciam tais ações.

A Psicologia como ciência, como contexto de pesquisa e intervenção, precisa continuar a se aproximar destas questões, e buscar entender as violências a partir de sua interferência e impacto na saúde mental dos diversos personagens envolvidos. Personagens estes, reais – mulheres, homens, vítimas, perpetradores e também aquelas/es expostos às violências, todas elas, pessoas em sofrimento.

Olhares interdisciplinares que agreguem reflexões acerca das interações entre gênero, violências e feminismos, constituem aquisições valiosas para a nossa prática como psicólogas/os, além de informar outros campos do saber. É urgente a compreensão das realidades das mulheres de diferentes idades, raças, classes que vivem violências. É fundamental poder nomear e compreender o problema, assim como participar da elaboração de políticas públicas e intervenções neste cenário. Não podemos esquecer a existência das violências simbólicas. A omissão também é uma forma de manifestar violência(s).

## Referências bibliográficas

- Adeodato, V. G.; Carvalho, R. R.; Siqueira, V. R. & Souza, F. G. M. (2005). Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Revista de Saúde Pública*, 39(1), 108-113.
- Bandeira, L. M. (2014). Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*, 29(2), 449-469.
- Bandeira, L. & Thurler, A. L. (2010). A vulnerabilidade da mulher à violência doméstica: aspectos históricos e sociológicos. In: F. R. Lima & C. Santos (coordenadores), *Violência Doméstica – vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal multidisciplinar* (pp. 159-168). Rio de Janeiro: Lumen Juris.
- Bardin, L. (2009). Análise de conteúdo. Edições 70, Lda. Lisboa, Portugal.
- Benetti, S. P. C., Pizetta, A., Schwartz, C. B., Hass, R. A. & Melo, V. L. (2010). Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psico-USF*, 15(3), 321-332.
- Bergman, K. N., Cummings, E. M. & Davies, P. T. (2014). Interparental aggression and adolescent adjustment: the role of emotional insecurity and adrenocortical activity. *Journal Family Violence*, 29, 763-771.
- Braga, L. L. & Dell’Aglío, D. D. (2013). Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 6(1), 2-14.
- Cascardi, M. (2016). From violence in the home to psyhical dating violence victimization: the mediating role of psychological distress in a prospective study of female adolescents. *Journal Yourth Adolescente*, 15, 777-792.
- Chauí, M. (2011). Ética, violência e política. In: M. Chauí, *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas* (pp. 340-359). 13. Ed. – São Paulo: Cortez.
- Choi, H. J. & Temple, J. F. (2016). Do gender and exposure to interparental violence moderate the stability of teen dating violence?: Latent transition analysis. *Prevention Science*, 17, 367-376.
- Cunha, M. P. & Borges, L. M. (2013). Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) na infância e na adolescência e sua relação com a violência familiar. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 33(85), 312-329.
- D’Affonseca, S. M. & Williams, L. C. A. (2011). Habilidades maternas de mulheres vítimas da violência doméstica: uma revisão de literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 236-251.
- Diniz, G. (2011). Conjugalidade e Violência: reflexões sob uma ótica de gênero. In T. Féres-Carneiro (Org.): *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 11-26). Editora Casa do Psicólogo.
- Diniz, G. R. S. & Angelim, F. P. (2003). Violência doméstica – Por que é tão difícil lidar com ela? *Revista de Psicologia da UNESP*, 2(1), 20-35.

- Franzese, R. J., Covey, H. C., Tucker, A. S., McCoy, L. & Menard, S. (2014). Adolescent exposure to violence and adult physical and mental health problems. *Child Abuse & Neglect*, 38 – 1955-1965.
- Georgsson, A. Almqvist, K. & Broberg, A. (2011). Dissimilarity in vulnerability: self-reported symptoms among children with experiences of intimate partner violence. *Child Psychiatry and Human Development*, 42(5), 539-56.
- Grusec, J. E., & Davidov, M. (2010). Integrating different perspectives on socialization theory and research: A domain-specific approach. *Child Development*, 81, 687–709.
- Harding, S. G. (1987). *Feminism and methodology*. Indiana University Press, Estados Unidos.
- Haj-Yahia, M. & Bargal, D. (2014). Exposure to family violence, perceived psychological adjustment of parents, and the development of post-traumatic stress symptoms among palestinian university students. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(16), 2928-2958.
- Ho, M. Y. Fanny, M. C. (2010). The differential effects of forms and settings of exposure to violence on adolescents' adjustment. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(7), 1309-1337.
- Karlsson, M. E., Temple, J. R., Weston, R. & Le, V. D. (2015). Witnessing interparental violence and acceptance of dating violence as predictors for teen dating violence victimization. *Violence Against Women*, 22(5), 625-646.
- Magalhães, J. R. F., Gomes, N. P., Mota, R. S., Campos, L. M., Camargo, C. L. & Andrade, S. R. (2017). Violência intrafamiliar: vivências e percepções de adolescentes. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 21(1), 1-7.
- Manfroi, E. C.; Macarini, S. M.; Vieira, M. L. (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21(1), 59-69.
- Matos, M. (2008). Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Estudos Feministas*, 16(2), 333-357.
- McIntosh, M. J. & Morse, J. M. (2015). Situating and constructing diversity in semi-structured interviews. *Global Qualitative Nursing Research*, 1-12.
- Medeiros, M. N. (2010). *Violência conjugal: repercussões na saúde mental de mulheres e de suas filhas e seus filhos adultos/os jovens*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- Mrug, S. & Windle, M. (2010). Prospective effects of violence exposure across multiple contexts on early adolescents' internalizing and externalizing problems. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 51(8), 953-961.
- Miranda, M. P. M.; Paula, C. S. & Bordin, I. A. (2010). Violência conjugal física contra

- a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 27(4), 300-308.
- Mustanoja, S., Luukkonen, A., Hakko, H., Räsänen, P., Säävälä, H. & Riala, K. (2011). Is exposure to domestic violence and violent crime associated with bullying behaviour among underage adolescent psychiatric inpatients? *Child Psychiatry & Human Development*, 42, 495-506.
- Oliveira, W. A., Silva, J. L., Yoshinaga, A. C. M., Silva, M. A. I. (2011). Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. *Psico-USF*, 20(1), 121-132.
- Peres, R. S. & Santos, M. A. (2005). Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em Psicologia. *Interações*, X(20), 9-126.
- Pimentel, E. (2017). Prisões femininas: por uma perspectiva feminista e intersecional. : C. Stevens, S. Oliveira, V. Zanello, E. Silva & C. Portela (Orgs.) *Mulheres e violências: interseccionalidades* (pp. 65-79). EBook, PDF. Brasília, DF: Technopolitik.
- Queen, A. H., Stewart, L. M., Ehrenreich-May, J. & Pincus, D. B. (2013). Mothers' and Fathers' Ratings of Family Relationship Quality: Associations with Preadolescent and Adolescent Anxiety and Depressive Symptoms in a Clinical Sample. *Child Psychiatry & Human Development*, 44, 351-360.
- Rago, M. (1998). Epistemologia feminista, gênero e história. In: J. M. Pedro, & M. P. Grossi (Orgs.) *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Ed.Mulheres.
- Sá, D. G., Bordin, I. A. S., Martin, D. & Paula, C. S. (2010). Fatores de risco para problemas de saúde mental na infância/adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 6(4), 643-652.
- Sales, M. S. (2014). O processo de Constituição da identidade na adolescência: trabalho, classe e gênero. *Psicologia & Sociedade*, 26(n. spe.), 161-171.
- Santos, A. C. W. & Moré, C. L. O. O. (2011). Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 220-235.
- Schiff, M., Plotnikova, M., Dingle, K., Williams, G. M., Najman, J. & Clavarino, A. (2014). Does adolescent's exposure to parental intimate partner conflict and violence predict psychological distress and substance use in Young adulthood? A longitudinal study. *Child Abuse & Neglect*, 38, 1945-1954.
- Seron, C., Prette, A. D. & Milani, R. G. (2011). A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(1), 154-164.
- Temple, J. R., Shorey, R. C., Tortolero, S., Wolfe, D. A. & Stuart, G. L. (2013). Importance of gender and attitudes about violence in the relationship between exposure to interparental violence and the perpetration of teen dating violence. *Child Abuse & Neglect*, 37, 343-352.

- Turner, H. A., Finkelhor, D. Shattuck, A. & Hamby, S. (2013). Recent victimization exposure and suicidal ideation in adolescents. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 166(12), 1149-1154.
- Thurler, A. L. (2009). Em nome da mãe: o não reconhecimento paterno no Brasil. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Wilkinson, S. (1998). Focus groups in feminist research: power, interaction, and the co-construction of meaning. *Women's Studies Internacional Forum*, 21(1), 111-125.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). 2010. Participant manual – IMAI One-day Orientation on Adolescents Living with HIV Geneva.
- Yin, R. K. (2010). Estudo de caso – planejamento e métodos. 4ª Edição, Artmed Editora S.A / Bookman, Porto Alegre: Rio Grande do Sul.

## IMPRESSÕES FINAIS

A realização de uma pesquisa baseada em perspectiva feminista e de gênero é complexa. São muitos elementos e singularidades que devem ser levados em consideração. Os estudos feministas indicam esta necessidade e acreditamos na importância dessa estratégia de se fazer ciência. Caminhamos em consonância com algumas correntes feministas, que apontam a valorização das interseccionalidades quando falamos de mulheres. “Ser mulher” não é uma categoria global, assim como “ser adolescente”.

É possível estabelecer uma relação entre os três principais temas de nossa pesquisa. Ao problematizarmos as violências contra as mulheres, os feminismos e as adolescências, consideramos os pluralismos de cada situação e a relevância em destacarmos as singularidades de cada uma destas experiências. Há diferentes vivências, contextos, adoecimentos e sofrimentos.

Mais difícil do que realizar um estudo feminista, é desenvolver um estudo nesta vertente, ao mesmo tempo em que se escreve sobre situações de violência. Lourdes Bandeira (2017) aponta:

O ato de escrever sobre situações de violências, e com especificidade sobre a violência contra a mulher e de gênero, não é um fim em si mesmo, nem apenas um exercício de estilo livre. Requer um envolvimento emocional, afetivo e um compromisso intelectual particular e político de quem escreve, pois a violência é em si uma ‘força perturbadora’, um ‘poder inquietante’. Para uma análise da violência, há que se considerar que ela se constitui como um fato social e, por conseguinte, pretende-se abordar três pontos estritamente interdependentes: i) evidenciar as situações de violências; ii) tentar explicá-las; iii) mostrar seus danos devastadores e o perigo que representa (Bandeira, 2017, p. 16).

O processo desta pesquisa me fez questionar como me aproximei dos feminismos. A verdade é que não me recordo, ao certo. Não consigo me lembrar de um tempo em que eu não me identificava como feminista. Percebo, por outro lado, que os estudos teóricos proporcionados pela experiência no Mestrado e todos os desafios provenientes da escrita e pesquisa, aprimoraram e iluminaram conceitos e ideias no meu modo de ser feminista e de relacionar a prática feminista ao fazer psicológico.

As contribuições da pós-graduação me auxiliaram no modo de exercer e entender a Psicologia, assim como me direcionaram na escrita desta dissertação. Coloco em palavras não apenas o que estudo, mas também o que me preocupa, o que acredito. Bell Hooks (2000) diz que os feminismos deram a ela um senso de igualdade e justiça. Me identifico com esse posicionamento de Hooks (2000). Ao contribuir para entender as formas como a violência doméstica afeta para além da mulher que é diretamente agredida, suas filhas, penso que contribuimos para tornar outras violências visíveis. Esse trabalho tornou possível expor um problema familiar, estrutural e cultural de nossa sociedade.

Limitações também fazem parte de nosso estudo. O número de participantes é pequeno. Lidamos com múltiplos fatores que dificultaram a coleta dos dados, o que acabou por influenciar no número da amostra final. Seria ideal que tivéssemos conseguido reunir um número maior de adolescentes, assim como desenvolver e realizar um processo interventivo com elas.

Martha Narvaz & Silvia Koller (2006) indicam a existência de parâmetros comumente presentes nas metodologias feministas. Essas pesquisas englobam aspectos como: o resgate da experiência feminina; a reflexão pautada na promoção de mudança social; a utilização de linguagens e análises que fogem de padrões sexistas e o empoderamento dos chamados “grupos oprimidos”, que, em grande parte são formados por mulheres. A pesquisa que relatamos nessa dissertação foi construída embasada nos elementos supracitados.

Os desafios que surgiram ao longo da pesquisa, assim como os resultados acessados, motivam a continuidade do trabalho. A divulgação dos resultados torna-se um modo de ampliar reflexões acerca dos impactos da presença de violências nas famílias e de contribuir para novas discussões sobre violências, o meio familiar, a saúde física e, de modo especial, a saúde mental das mulheres e de suas filhas. O trabalho mostra que o saber psicológico tem uma contribuição importante a dar nesse campo de pesquisa.

Relacionar a exposição de adolescentes do sexo feminino às violências sofridas por suas mães demarca um cenário preocupante. O sofrimento mental das adolescentes se dá a partir das repercussões das violências em sua saúde e em suas vidas. É importante destacar, por outro lado, que tal adoecimento não é desenvolvido apenas em função da exposição às violências sofridas pelas mães. A violência é generalizada.

O fato é que iniciamos o trabalho com a perspectiva das adolescentes como vítimas indiretas da violência. No decorrer da pesquisa, as adolescentes e suas mães, em suas entrevistas, trouxeram vivências que nos auxiliam a afirmar que as adolescentes são, assim como suas mães, vítimas diretas de diferentes violências (psicológica, sexual, física, moral). O elemento “violência” passa a fazer parte da construção subjetiva destas adolescentes e influencia em diferentes aspectos na saúde mental destas.

Os resultados da pesquisa apontam que as repercussões das violências na vida de adolescentes do sexo feminino são plurais. As adolescentes de nossa pesquisa passam a considerar papéis de gênero, relacionamentos e violência (ou relacionamentos violentos), a partir de suas próprias experiências de vida, ou seja, das realidades de suas famílias. Elas queixam e denunciam as violências. O medo das adolescentes também é visível. As adolescentes apresentam um medo de se relacionar e, principalmente, um medo de suas mães virem a ser mortas.

A criação de espaços para discutir todas as formas de manifestação das violências é

necessária. Trabalhos grupais com adolescentes podem promover um contexto de reflexão sobre suas ansiedades, medos, dificuldades e preocupações, acerca da experiência violenta. É importante criar lugares em que os desafios oriundos das discussões e intervenções em contextos de violência, sejam discutidos ou problematizados no cenário atual.

Chamamos a atenção para o fato de que a erradicação de toda forma de violência, assim como preconizada pela Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) pode ser alcançada, se houver um trabalho conjunto e colaborativo que agregue diversas áreas do conhecimento, como aponta Gláucia Diniz (2011). O fato é que a presença de violências nas famílias gera impactos na saúde mental de adolescentes. Nesse contexto, a promoção de espaços multidisciplinares de intervenção e de interlocução é urgente, especialmente quando falamos de violência no núcleo familiar.

### **Referências bibliográficas**

- Bandeira, L. M. (2017). Violência, gênero e poder: múltiplas faces. In: C. Stevens, S. Oliveira, V. Zanello, E. Silva & C. Portela (Orgs.) *Mulheres e violências: interseccionalidades* (pp. 14-35). EBook, PDF. Brasília, DF: Technopolitik.
- Diniz, G. (2011). Conjugalidade e Violência: reflexões sob uma ótica de gênero. In: T. Féres-Carneiro (Org.): *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 11-26). São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.
- Hooks, B. (2000) *Feminism is for everybody: passionate politics*. Cambridge, MA: South End Press.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006a). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 49-55.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Aprovação do Comitê de Ética Ciências Humanas e Sociais da Universidade

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** PERSPECTIVAS DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO SOBRE GÊNERO E VIOLÊNCIA: UM ESTUDO FEMINISTA

**Pesquisador:** Isadora Oliveira Rocha

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 65312716.0.0000.5540

**Instituição Proponente:** Instituto de Ciências Humanas/UNB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.122.262

##### **Apresentação do Projeto:**

o mesmo do parecer consubstanciado anteriormente emitido

##### **Objetivo da Pesquisa:**

o mesmo do parecer consubstanciado anteriormente emitido

##### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

o mesmo do parecer consubstanciado anteriormente emitido

##### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

o mesmo do parecer consubstanciado anteriormente emitido

##### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

- foi apresentado o termo de concordância da instituição em que será realizada a coleta de dados (Núcleo de Práticas Jurídicas da UnB)

##### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

- estudo apto a ser iniciado

##### **Considerações Finais a critério do CEP:**

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)

**Bairro:** ASA NORTE

**CEP:** 70.910-900

**UF:** DF

**Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3107-1592

**E-mail:** cep\_ih@unb.br

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.122.262

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_812204.pdf	22/05/2017 14:59:09		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	aceite_institucional.jpg	22/05/2017 14:43:40	Isadora Oliveira Rocha	Aceito
Cronograma	cronograma_atualizado.pdf	22/05/2017 14:43:00	Isadora Oliveira Rocha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_assentimento_e_tcle_.pdf	13/02/2017 00:45:05	Isadora Oliveira Rocha	Aceito
Outros	carta_revisao_etica.pdf	28/12/2016 00:54:31	Isadora Oliveira Rocha	Aceito
Outros	instrumentos_para_coleta_de_dados.pdf	27/12/2016 17:14:44	Isadora Oliveira Rocha	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investidor	projeto_.pdf	22/12/2016 20:24:01	Isadora Oliveira Rocha	Aceito
Folha de Rosto	Folha_.pdf	22/12/2016 20:08:49	Isadora Oliveira Rocha	Aceito
Outros	curriculo_lattes_glaucia.pdf	22/12/2016 02:57:13	Isadora Oliveira Rocha	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	22/12/2016 02:51:04	Isadora Oliveira Rocha	Aceito
Declaração de Pesquisadores	carta_de_encaminhamento.pdf	22/12/2016 02:50:09	Isadora Oliveira Rocha	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BRASILIA, 16 de Junho de 2017

Assinado por:  
Érica Quinaglia Silva  
(Coordenador)

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASILIA  
**Telefone:** (61)3107-1592 **E-mail:** cep\_ih@unb.br

## **APÊNDICE B - Termo de Assentimento/Consentimento para Adolescentes e seus responsáveis**

Você está sendo convidada a participar da pesquisa que faz parte de um projeto de conclusão de Curso de Mestrado Acadêmico em Psicologia, do Programa de Psicologia Clínica e Cultura, Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. O estudo será realizado pela pesquisadora Isadora Oliveira Rocha, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Gláucia Ribeiro Starling Diniz, PhD.

O objetivo da pesquisa é promover a discussão/reflexão acerca de questões relativas aos papéis de gênero, ou seja, ao ser homem e ao ser mulher na sociedade. Nosso interesse é conhecer os sentimentos e as percepções de adolescentes do sexo feminino, que lidam com situações que envolvem violência entre seus pais no cotidiano familiar.

Os resultados obtidos, poderão auxiliar na ampliação da compreensão sobre a relação entre experiências de vida e saúde mental. Tais conhecimentos poderão ser utilizados para: 1) a formação e a capacitação de profissionais que atendem adolescentes e famílias; 2) a elaboração de políticas adequadas às realidades das famílias do Distrito Federal.

Caso aceite participar desse estudo, e um de seus pais, dê o consentimento, você irá participar de uma entrevista. A entrevista visa coletar dados demográficos, conhecer dimensões de sua vida e suas opiniões sobre diferentes temas, principalmente relativos à violência familiar e papéis de gênero em nossa sociedade. Nossa intenção é conhecer como adolescentes são impactadas por essas questões no seu dia-a-dia. Você também responderá a um questionário, que não exige respostas corretas. É importante você saber que todas as informações prestadas por você não serão compartilhadas pelas pesquisadoras com membros da sua família, mesmo que elas/es participem também da pesquisa.

As entrevistas serão registradas em gravadores e somente a pesquisadora e a professora orientadora terão acesso às gravações. O material das gravações será transcrito e as gravações serão cuidadosamente guardadas pelo período recomendado pelos Conselhos de Ética em pesquisa.

Pretendemos realizar a entrevista em um sábado pela manhã, em horário semelhante ao funcionamento do grupo que sua mãe participa no Projeto de Extensão e Ação Contínua “Maria da Penha – Ação e Proteção”. A entrevista também será realizada no Núcleo de Práticas Jurídicas da UnB, em Ceilândia.

Sua participação é voluntária e você poderá, a qualquer momento, optar por não participar, bem como retirar seu consentimento, se for de sua vontade. Caso você venha a

sentir algum desconforto ou caso demonstre interesse, poderá receber orientações e encaminhamentos para a rede de assistência e atenção em saúde mental de adolescentes.

Esse Termo de Assentimento é redigido em duas vias, uma para a guarda da(s) pesquisadora(s) e outra para você, participante-colaboradora, e sua pessoa responsável.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que aceito participar voluntariamente desta pesquisa. Afirmando ainda, que autorizo a utilização das informações prestadas por mim para este estudo, de acordo com os critérios da ética em pesquisa.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Assinatura da Participante

---

Assinatura da(o) Responsável

Pesquisadoras responsáveis pela pesquisa:

Isadora Oliveira Rocha (Mestranda em Psicologia)

Telefone: (64) 981052678 / e-mail: isadora.oliveirarocho@gmail.com

Gláucia Ribeiro Starling Diniz (Professora de Psicologia da UnB – Orientadora)

Telefone: (61) – 33072625 – Ramal 315, (61) 33477746 / e-mail: gdiniz@unb.br

Comitê de Ética em Pesquisa:

Comitê de Ética em pesquisa do Instituto de Ciências Humanas

Campus Universitário Darcy Ribeiro

ICC – Centro – Mezanino – Sala B1 – 683

Telefone: (61) 31077364 / e-mail: cep\_ih@unb.br

## **APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as Mães das Adolescentes**

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa que faz parte de um projeto de conclusão do Curso de Mestrado Acadêmico em Psicologia, do Programa de Psicologia Clínica e Cultura, Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. O estudo será realizado pela pesquisadora Isadora Oliveira Rocha, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Gláucia Ribeiro Starling Diniz, PhD.

Os objetivos da pesquisa são: 1) promover discussão/reflexão com adolescentes do sexo feminino, acerca de questões relativas aos papéis de gênero, ou seja, ao ser homem e ao ser mulher na sociedade; 2) conhecer os sentimentos e as percepções das adolescentes, que lidam com situações que envolvem violência entre seus pais no cotidiano familiar.

Os resultados desse estudo poderão auxiliar na ampliação da compreensão sobre a relação entre experiências de vida e saúde mental. Tais conhecimentos poderão ser utilizados para: 1) a formação e capacitação de profissionais que atendem mulheres e famílias; 2) a elaboração de políticas adequadas às realidades das famílias do Distrito Federal.

Caso aceite participar desse estudo, você responderá perguntas sob a forma de entrevista. Durante a entrevista, você será convidada a falar sobre: 1) tópicos da sua vida e de sua experiência conjugal e familiar; 2) sua percepção da experiência de sua(s) filha(s). Caso você venha a sentir algum desconforto ou caso demonstre interesse, poderá receber orientações e encaminhamentos para a rede de assistência e atenção em saúde mental.

Sua participação é voluntária e você poderá, a qualquer momento, optar por não participar, bem como retirar seu consentimento, se for de sua vontade. Caso deseje, poderá pedir explicação e orientação sobre os procedimentos da pesquisa em qualquer momento.

Também gostaremos saber se você permite a participação de sua filha neste estudo. Ela participará de uma entrevista, com a presença da pesquisadora Isadora Oliveira Rocha. Sua filha irá fazer parte de uma entrevista individual, que será realizada também com outras adolescentes do sexo feminino, com vivências semelhantes às dela. A entrevista visa coletar dados gerais sobre a vida e experiência de sua filha relativos à violência familiar e papéis de gênero em nossa sociedade, e sobre como ela percebe os impactos dessa experiência no seu dia-a-dia. Sua filha também responderá a um questionário demográfico, que não exige respostas corretas.

Pretendemos realizar a entrevista em um sábado pela manhã, em horário semelhante ao funcionamento do Grupo de Mulheres que compõe o Projeto de Extensão e Ação Contínua

“Maria da Penha – Ação e Proteção”. A entrevista também será realizada no Núcleo de Práticas Jurídicas da UnB, em Ceilândia. Caso você concorde com a participação de sua filha, precisamos de sua assinatura neste documento.

Esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é redigido em duas vias, uma para a guarda da(s) pesquisadora(s) e outra para você, participante-colaboradora.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que concedo a participação voluntária de minha filha e que aceito participar voluntariamente desta pesquisa. Afirmando ainda, que autorizo a utilização das informações prestadas por mim para este estudo.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Assinatura da Participante

Pesquisadoras responsáveis pela pesquisa:

Isadora Oliveira Rocha (Mestranda em Psicologia)

Telefone: (64) 981052678 / e-mail: isadora.oliveirarocho@gmail.com

Gláucia Ribeiro Starling Diniz (Professora de Psicologia da UnB – Orientadora)

Telefone: (61) – 33072625 – Ramal 315, (61) 33477746 / e-mail: gdiniz@unb.br

Comitê de Ética em Pesquisa:

Comitê de Ética em pesquisa do Instituto de Ciências Humanas

Campus Universitário Darcy Ribeiro

ICC – Centro – Mezanino – Sala B1 – 683

Telefone: (61) 31077364 / e-mail: cep\_ih@unb.br

## APÊNDICE D - Roteiro da entrevista semiestruturada com as adolescentes

### 1) História de vida:

Você poderia me falar um pouco sobre você? (idade, se estuda, aonde mora, se tem irmãos...);

Como foi sua infância?

Como está sendo sua adolescência?

O que você gosta de fazer?

Como usa seu tempo?

Seus pais bebem, fumam ou usam drogas?

Você já fez uso de álcool, cigarro ou droga em algum momento de sua vida?

Como era esse uso?

Qual a frequência?

Com quem usava?

Em relação aos seus relacionamentos: Você namora?

Como é seu relacionamento?

Como são seus relacionamentos? – amizade, com professores, colegas...

Como você reage a situações de mudanças que necessitam se adaptar?

O que costuma te deixar triste?

Como costuma agir quando algo te deixa triste?

### 2) História familiar:

Fale-me sobre sua família;

Quem mora com você em sua casa?

Sua mãe ainda vive com seu pai?

Como é o relacionamento de sua mãe com seu pai?

Como é o seu relacionamento com seu pai?

Que dificuldades e/ou problemas você percebia/percebe no relacionamento de seus pais?

Como eram os problemas?

Por quanto tempo eles continuaram? Ou Há quanto tempo começaram?

Como você se sentia/sente quando aconteciam esses problemas?

Como você agia/age diante dos problemas?

Você se sentia/sente afetada pelos problemas?

Sua mãe tem um novo companheiro?

Como é o relacionamento dela com o novo companheiro?

Como é o seu relacionamento com o novo companheiro de sua mãe?

Que dificuldades e/ou problemas você percebe no relacionamento de sua mãe e seu novo companheiro?

Se houver problemas: Como são os problemas?

Por quanto tempo acontecem?

Como você se sente quando acontecem esses problemas?

Como você age diante dos problemas?

Você se sente afetada pelos problemas?

### **3) Recursos e competências da família:**

Como você definiria sua relação com sua família?

Você definiria sua relação com sua família como saudável?

O que você acha ser saudável em sua relação com sua família?

Como é o seu relacionamento com sua mãe?

Como é o seu relacionamento com seu pai?

Como é o seu relacionamento com o companheiro de sua mãe?

Como é o seu relacionamento com seus irmãos?

Quais programas você gosta de fazer com sua família?

Quando algo te aborrece, como os membros da sua família reagem?

Como você reage a situações de mudanças em que você precisa se adaptar?

Como costuma agir quando algo aborrece você?

### **4) Histórias de violência na família:**

Você já presenciou alguma agressão contra alguém de sua família?

Quando criança ou adolescente, você tinha a sensação de que a violência poderia ocorrer a qualquer momento em sua casa?

Você se sentia à vontade para receber amigos em casa?

Em sua casa, você tinha que seguir regras rígidas de comportamento?

Seus pais a insultavam ou xingavam?

Seus pais demonstravam interesse pelas suas atividades escolares?

Você já pensou que queria sair de casa e morar com outra família?

Quando criança, você teve que se cuidar sozinha antes de ter idade suficiente para isso?

Seus pais já te bateram sem que você esperasse por isso?

Você teve experiências sexuais traumáticas quando criança ou adolescente? – quem cometeu?

Você acha que sua mãe vivia/vive um relacionamento violento?

Se sim, como você avalia a sua relação com a sua mãe durante a época da vivência dos problemas dela com seu companheiro? Era excelente, boa, média, pobre ou muito pobre?

E agora? Está excelente, boa, média, pobre ou muito pobre?

Descreva um pouco da sua relação com sua mãe;

### **5) Consequências das experiências de violência para sua saúde (Auto avaliação):**

Descreva suas condições de saúde ao longo de sua vida;

Como você reagia diante dos problemas que aconteciam com sua mãe e seu pai/o companheiro dela?

Você acha que os problemas que sua mãe teve com o companheiro dela afetaram o seu bem-estar? De que maneira?

Afetaram a sua capacidade ou vontade de estudar e/ou trabalhar?

Afetaram seu estado emocional?

Pode ter afetado seus sentimentos sobre você mesma?

Pode ter afetado o modo que você enxerga um relacionamento?

Afetaram seu sono? Sua alimentação?

Você teve vontade de não viver mais durante este período?

Neste período, a sua capacidade ou vontade de cuidar de você, de sua família e de estar com amigos foi afetada?

Como você avalia a sua saúde emocional na época de vivência de problemas entre sua mãe e o companheiro dela? Era (ou é) excelente, boa, média, pobre ou muito pobre?

E agora? Está excelente, boa, média, pobre ou muito pobre?

Qual a sua opinião a respeito das consequências das experiências de violência para a sua saúde?

Você teve que tomar algum tipo de remédio para lidar melhor com os problemas vividos em casa?

### **6) Enfrentamento e planos futuros:**

Você já procurou ajuda ou aconselhamento por causa de problemas em sua casa?

Você já discutiu com alguém os problemas que foram vivenciados por sua mãe? Se sim, como as pessoas reagiram?

Você já procurou algum tipo de auxílio profissional (polícia, justiça, psicólogo, médico, professor)? Se sim, o que te levou a pedir ajuda?

Você já recebeu algum tipo de ajuda que te fez se sentir melhor?

Que tipo de ajuda você gostaria de receber nessas situações?

Em relação ao seu futuro... Como você imagina seu futuro?

Em relação a sua profissão... Você pretende exercer qual profissão?

Em relação ao seu futuro em relações...

Você pretende casar?

Você pretende ter filhos?

### **7) Discutindo gênero, violência e relacionamentos:**

O que você compreende por “violência”?

O que você compreende por “relacionamento violento”?

Você acredita já ter vivido ou que poderá viver algum tipo de relacionamento violento?

O que você compreende por “ser mulher”?

O que você compreende por “ser homem”?

Como é ser mulher e ser adolescente?

Você sente pressões específicas da sociedade por ser uma adolescente do sexo feminino?

## APÊNDICE E - Roteiro da entrevista semiestruturada com as mães

### 1) História de vida:

Você poderia me falar um pouco sobre você?

Você é de Brasília? Mora aqui há quantos anos? Tem família aqui?

Como foi sua vida até o momento?

### 2) Experiências de violência conjugal:

Quando os problemas começaram?

Como eram os problemas?

Por quanto tempo eles continuaram?

Com que frequência ele era agressivo?

Como você se sentia quando aconteciam esses problemas?

Como você agia diante dos problemas?

Teve algum período que os problemas ficavam mais amenos ou mais graves?

### 3) Consequências das experiências de violência para a saúde das filhas, na sua opinião, como mãe:

Como sua(s) filha(s) reagiam/reagem diante dos problemas que aconteciam/acontecem entre você e seu companheiro?

Como era/é o sono, a alimentação, o desempenho escolar, o convívio social de sua(s) filha(s) durante o período de conflitos entre você e seu companheiro?

Na sua opinião, os problemas que você teve com seu companheiro afetaram o bem-estar de sua(s) filha(s)? De que maneira?

Afetaram o estado emocional dela(s)?

Ela(s) já manifestaram vontade de não viver mais?

Pode ter afetado os sentimentos dela(s) sobre elas?

Afetou a capacidade ou vontade de trabalhar/estudar dela(s)?

Você acredita que pode ter afetado o modo que sua(s) filha(s) se relaciona(m) com outras pessoas?

Como você avalia a saúde “emocional” de sua(s) filha(s) na época de vivência dos problemas com seu companheiro? Era excelente, boa, média, pobre ou muito pobre?

E agora? Está excelente, boa, média, pobre ou muito pobre?

Como você avalia a sua relação com a(s) sua(s) filha(s) durante a época da vivência dos problemas com seu companheiro? Era excelente, boa, média, pobre ou muito pobre?

E agora? Está excelente, boa, média, pobre ou muito pobre?

**4) Atitudes:**

Você já conversou com sua(s) filha(s) sobre o problema que você tinha/tem com o seu companheiro?

Você teme que sua(s) filha(s) também possa(m) vir a vivenciar relações violentas no futuro?

## APÊNDICE F - Questionário demográfico

Assinale a sua resposta nos quadrados e preencha os espaços em branco:

### 1. Identificação:

1.1 Mês e ano de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1.2 Idade: \_\_\_\_ anos.

1.3 Qual a sua cor/raça? \_\_\_\_\_

1.4 Religião (especifique): \_\_\_\_\_

1.5 Natural de (cidade de nascimento): \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

### 2. Relacionamento:

2.1 Você namora? ( ) Sim ( ) Não

2.2 Você tem filhos? ( ) Sim ( ) Não

2.3 Se respondeu afirmativamente, informe:

Quantos: \_\_\_\_\_ filhos                      Sexo feminino: \_\_\_\_      Sexo masculino: \_\_\_\_

Qual a idade deles: \_\_\_\_\_ anos

2.4 Os filhos são do companheiro atual? ( ) Sim ( ) Não

### 3. Escolaridade:

3.1 Assinale a última série que você já completou no item A, B ou C abaixo:

A) 1º. Grau, série \_\_\_\_\_

B) 2º. Grau, série \_\_\_\_\_

C) 3º. Grau (curso superior se estiver cursando)

3.2 Estou cursando (especifique o curso): \_\_\_\_\_ Onde? \_\_\_\_\_

3.3 Já completei (especifique o curso): \_\_\_\_\_ Onde? \_\_\_\_\_

3.4 Você tem alguma formação ou já fez algum curso técnico? ( ) Sim ( ) Não.

Se sim, qual? \_\_\_\_\_

### 4. Residência:

4.1 Local de residência (bairro): \_\_\_\_\_ Cidade/Estado: \_\_\_\_\_

4.2 Você mora: ( ) casa ( ) apartamento ( ) chácara ( ) barraco em lote

( ) Outros: \_\_\_\_\_

4.3 Você mora: ( ) sozinha ( ) com família ( ) com parentes ( ) com amigas/os

( ) Outros: \_\_\_\_\_

4.4 Sua residência é: ( ) alugada ( ) própria ( ) cedida ( ) outros: \_\_\_\_\_

4.5 Quantas pessoas moram em sua residência (contando com você)? \_\_\_\_\_ pessoas.

### 5. Trabalho:

5.1 Você tem trabalho remunerado?

( ) Sim. Que atividade você exerce? \_\_\_\_\_

( ) Não. ( ) Atualmente desempregada.

5.2 Quais atividades já desenvolveu? \_\_\_\_\_

5.3 Renda pessoal em salário mínimo (SM): \_\_\_\_\_

- ( ) menos de um SM ( ) de 1 a 2 SM ( ) de 2 a 3 SM ( ) de 3 a 4 SM  
 ( ) acima de 4 ( ) sem rendimento

5.4 Renda familiar em salário mínimo (SM):

- ( ) menos de um SM ( ) de 1 a 2 SM ( ) de 2 a 3 SM ( ) de 3 a 4 SM  
 ( ) acima de 4 ( ) sem rendimento

6. Assistência Médica/Psicológica:

6.1 Marque um X na sua resposta para cada item:

Com que frequência você usa o serviço de saúde do/a:	1 Sempre	2 Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Sistema Único de Saúde (SUS)					
Rede Conveniada (Plano de Saúde)					
Rede Privada (Hospital Particular)					

6.2 Pelo menos uma vez em sua vida já se consultou com um psicólogo/a ou psiquiatra?

- ( ) Sim, psicólogo/a. ( ) Sim, psiquiatra. ( ) Sim, psicólogo/a e psiquiatra.  
 ( ) Não, nenhum dos dois.

6.3 Alguma vez em sua vida você já fez psicoterapia, mesmo que tenha sido por pouco tempo?

- ( ) Sim, estou fazendo. ( ) Sim, já fiz. ( ) Não, nunca fiz.

6.4 Alguma vez em sua vida já tomou medicação psiquiátrica, mesmo que tenha sido por pouco tempo?

- ( ) Sim, estou fazendo. ( ) Sim, já fiz. ( ) Não, nunca fiz.

Em caso afirmativo, por qual motivo você já tomou ou está tomando medicação psiquiátrica?

---



---

6.5 Circule a opção ou marque um X no quadro abaixo que melhor descreva a maneira como você tem se sentido nos últimos dias:

Excelente, nunca estive melhor	Muito bem	Bem	Melhor do que pior	Mais para pior do que para melhor	Mal	Muito mal	Péssima, nunca estive pior
--------------------------------	-----------	-----	--------------------	-----------------------------------	-----	-----------	----------------------------

Se sua resposta foi negativa, qual é a sua principal queixa, atualmente?

---



---



---



---



---